

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CAMILA DE MELO CAVALCANTE CAIADO

**O DEVIR DA MULHER CONTEMPORÂNEA NO ESPETÁCULO DAS REDES
SOCIAIS: ENTRE A EFICÁCIA E O EFÊMERO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÉTICA PARA A MULHER E SUA
AUTOIMAGEM**

São Paulo

2015

CAMILA DE MELO CAVALCANTE CAIADO

**O DEVIR DA MULHER CONTEMPORÂNEA NO ESPETÁCULO DAS REDES
SOCIAIS: ENTRE A EFICÁCIA E O EFÊMERO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÉTICA PARA A MULHER E SUA
AUTOIMAGEM**

Trabalho de conclusão do Curso de Mestrado em Educação,
Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana
Mackenzie como requisito à obtenção do título de mestre.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Márcia Angelita Tiburi

São Paulo

2015

C133d Caiado, Camila de Melo Cavalcante

O devir da mulher contemporânea no espetáculo das redes sociais : entre a eficácia e o efêmero das mídias sociais na construção de uma nova estética para a mulher e sua autoimagem. / Camila de Melo Cavalcante Caiado – 2015.

112 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Referências bibliográficas: f. 109-112.

CAMILA DE MELO CAVALCANTE CAIADO

**O DEVER DA MULHER CONTEMPORÃNEA NO ESPETÁCULO DAS REDES
SOCIAIS: ENTRE A EFICÁCIA E O EFÊMERO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESTÉTICA PARA A MULHER E SUA
AUTOIMAGEM**

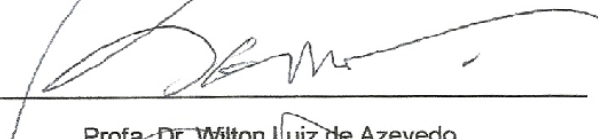
Trabalho de conclusão do curso de mestrado em Educação, Arte
e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie
como requisito à obtenção do título de mestre do curso.

Aprovada em 30 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Márcia Angelita Tiburi
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Wilton Luiz de Azevedo
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dra. Margareth dos Reis
Universidade de Medicina do ABC

Ao meu pai, com todo meu
amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Rogério e minhas filhas, Helena e Olivia, por terem sido tão compreensíveis durante a produção deste trabalho. Ao meu pai Ronaldo, suas ideias, suporte e sua biblioteca. À calma da minha mãe e a Deus.

A minha orientadora Professora Doutora Márcia Angelita Tiburi, que entendeu minhas inquietações e me direcionou da melhor forma para tornar minhas ideias abstratas em um projeto real.

Ao meu professor e membro da banca examinadora, Doutor Wilton de Azevedo por suas aulas brilhantes.

A Professora Doutora Margareth dos Reis, por sua atenção ao meu trabalho desde a qualificação, seus comentários que auxiliaram a conclusão desse trabalho e sua disposição em fazer parte da minha banca final.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie por ter feito parte da minha formação acadêmica desde a graduação,

Ao Professor Doutor Marcos Rizolli e à secretaria do curso pelo suporte à distância.

A CAPES por ter me fornecido uma bolsa de estudos para que eu pudesse trabalhar nesse projeto de pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação pretende entender, a partir das ideias feministas de Simone de Beauvoir, postuladas em sua obra *O segundo Sexo*, volume 1; e sobretudo em sua emblemática frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, o devir da mulher atual usuária de sites de relacionamentos virtuais como o *Facebook* em sua rotina e a importância das redes sociais na construção dessa mulher contemporânea, baseada na obra de Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo*, em que o socialismo crítico e as teorias capitalistas de consumo e da sociedade são fundamentais para entender a espetacularização nos dias atuais.

Palavras-chave: O Segundo Sexo, Sociedade do Espetáculo, *Facebook*.

ABSTRACT

This work intends to understand, from the feminist ideas of Simone de Beauvoir, postulated in his book *The Second Sex*, Volume 1 and especially in its flagship phrase : "One is *not born*, but rather becomes, a *woman*", the becoming of the modern woman user of virtual networking websites like Facebook into their routine and the importance of the social networks in building this contemporary woman based on the work of Guy Debord , the Society of Spetacle where the critical socialism and capitalist theories of consumption and society presented in the book are fundamental to understand the spectacle today.

Keywords: The Second Sex, Society of Spetacle, *Facebook*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SIMONE DE BEAUVOIR, A MULHER E O FEMININO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	14
1.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA MODERNA DA MULHER E DO FEMINISMO NO OCIDENTE.....	14
1.1.1 O feminismo “emparedado” entre o Iluminismo e a Revolução Francesa	17
1.1.2 O feminismo, do liberalismo ao sufrágismo	19
1.1.3 O feminismo entre o liberalismo radical e o culturalismo	22
1.2 A ASCENSÃO DO FEMININO EM SIMONE DE BEAUVOIR NO VOL.1 DE O SEGUNDO SEXO – A DENÚNCIA.....	24
1.2.1 O feminino, seu destino biológico e a psicanálise.....	25
1.2.2 Materialismo histórico e família: a influência de Engels e seus limites.....	30
1.2.3 Fundamentos antropológicos e filosóficos da condição social da mulher	33
1.2.4 Síntese do Capítulo 1	40
2 GUY DEBORD, A ESPETACULARIZAÇÃO DA IMAGEM SOCIAL E O CONSUMO	41
2.1 MARCOS TEÓRICOS DA CRÍTICA DEBORDIANA EM A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	41
2.1.1 Vanguarda e situacionismo	42
2.1.2 Marxismo e socialismo	45
2.1.3 A Escola de Frankfurt e o pós-modernismo – mudança de rota.....	51
2.2 A ESTÉTICA DO VEDETISMO	57
2.2.1 O mundo como imagem, aparência e representação	58
2.2.2 O consumo como <i>modus vivendi</i> – uma interlocução pós-moderna	63
2.2.3 Síntese do capítulo 2.....	68
3 A NOVA MULHER	70
3.1 PANORAMA GERAL.....	71
3.2 O FACEBOOK E A PERFORMANCE FEMININA ATUAL	74
3.2.1 Pesquisa	74
3.2.1.1 Projeto de Pesquisa	74
3.2.1.2 Problema de pesquisa.....	75
3.2.1.3 Hipóteses	75
3.2.1.4 Objetivo geral	75
3.2.1.5 Objetivo específico	75
3.2.1.6 Justificativa.....	75
3.2.1.7 Metodologia de Pesquisa	75
3.3 ENTREVISTAS DA PRIMEIRA ETAPA.....	76
3.4 ENTREVISTAS DA SEGUNDA ETAPA.....	76

3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	76
3.6 CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
ANEXOS.....	82
ANEXO A	82
ANEXO B	88
BIBLIOGRAFIA.....	110

INTRODUÇÃO

Considerando a necessidade de se compreender a sociedade contemporânea e sua nova estética de relacionamento, dependente da aparência e sem aprofundamentos pessoais, virtual e muitas vezes superficial, inundada por novas tecnologias em um mundo virtual, a presente pesquisa tem por finalidade recuperar, ainda que parcial e minimamente, o pensamento apresentado e desenvolvido por Simone de Beauvoir (1908-1986) acerca da mulher no livro *O segundo sexo*, volume 1, considerado por muitos a obra mais significativa da teoria feminista do século XX, e, simultaneamente, poder divisar o papel dessa mulher no mundo atual dentro do contexto de uma espetacularização estética, a partir da obra seminal *A Sociedade do espetáculo* de Guy Debord (1931-1994).

O livro *O segundo sexo* faz uma penetrante e abrangente análise sobre a questão da mulher na sociedade em praticamente toda a sua história e afirma que o fato de “ser mulher” em atitude de submissão ao outro sexo foi construído socialmente e que sempre foi definida e, na verdade, se definiu, a partir de outrem, na sua função em relação ao homem. A autora atribui à condição biológica da mulher o fato de ela ser aprisionada ao papel de mãe e esposa, portanto, de reprodutora, e, por isso mesmo, com o enorme desafio e missão de romper com esse “destino” extrínseco, estabelecido de fora pra dentro, de alto a baixo. Tal ruptura almejada, como a vocação de uma vida, está simbolizada e estampada na principal e mais conhecida frase do livro: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (Beauvoir, 2009: 361); frase emblemática, tornada bandeira do movimento feminista. Simone de Beauvoir, ancorada tanto no existencialismo quanto no socialismo, considera que somente a libertação econômica e a conscientização de autonomia podem trazer a liberdade a essa mulher.

A sociedade do espetáculo, de Guy Debord, se contextualiza em um momento histórico de desenvolvimento da produção em um cenário capitalista, em que o capital e o consumo representam satisfação pessoal. Esses, estendem-se ao corpo, que assume um papel na espetacularização. Segundo o autor, “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (Debord, 1997: 17). Em suas teses, Debord

desvela a natureza da sociedade espetacular e como suas estruturas internas foram forjadas a partir de conceitos postos em forma fragmentária, que, por um lado, facilita a compreensão, uma vez que nos permite um acesso direto aos mesmos e, por outro lado, dificulta, uma vez que não posterga para depois um esclarecimento, pelo contrário, esgota o sentido na própria tese, fechando-nos a porta para um *gran finale*. Não, em Debord não há conclusões fáceis. *A sociedade do espetáculo* afirma-se como uma contundente e profética radiografia crítica da sociedade capitalista de consumo sob a lente socialista. Possui muito de nós mesmos. O drama com que nos choca tem relação com a própria identidade do operário, que de repente se vê obrigado a consumir o que ele mesmo produziu. Para Debord, significava uma transformação aviltante.

O corpo, outrora apresentado no livro *O segundo sexo* como sendo prisioneiro da condição histórica do gênero feminino, assume na sociedade contemporânea o papel de mercadoria. A preocupação com a estética da autoimagem, um corpo de acordo com os padrões estabelecidos culturalmente e com todos os recursos tecnológicos de cuidado e de cirurgias plásticas, esquadrinhando cada parte do corpo humano para adaptar-se a esses mesmos padrões, tornou o corpo um cartão de visitas, inflacionado, e assumindo-se como objeto mercadológico. A preocupação com a imagem e aparência, levantadas por Guy Debord, retratam novos hábitos de relacionamento virtual que constroem seus corpos e seus perfis como mercadoria. Nesse particular, o corpo feminino cada vez mais masculinizado e o corpo masculino cada vez mais “trincado”, ambos buscando a veneração icônica, veiculam-se indistintamente no mundo virtual, numa individualidade transparente, vazada, publicizada, *fotoshopiada*, num ocasional *selfie* no banheiro, superando de vez o anonimato que foi sempre uma espécie de “charme” do indivíduo na modernidade. Estamos na pós-modernidade, na hipermodernidade, na modernidade tardia, na modernidade líquida, nomenclaturas que tentam abarcar o fenômeno fluido e volátil da atualidade. Nesse sentido, o *Facebook* é uma plataforma conhecida por toda nossa sociedade que conseguiu democratizar e viabilizar a possibilidade de alguém tornar-se mercadoria e posicionar-se, construindo um perfil e vendendo sua imagem dentro de uma fantasia virtual.

Por conseguinte, vislumbra-se um novo retrato do significado de “tornar-se mulher” dentro da sociedade do espetáculo, sobretudo numa época em que se

utiliza de ferramentas da *internet* e ambientes virtuais para manifestar ideias e expressar opiniões, constituindo uma liberdade social independentemente de gênero, raça e posição social. Ambiente que faz da mulher um ser livre, com autonomia sobre seu corpo e seu destino – sonhos de Simone, mas sem os rótulos, invólucros e vitrines de exposição.

Contudo, esse panorama se apresenta dentro do conceito de espetáculo de uma “relação de pessoas mediadas por imagens” em que as imagens são representações que fazem das pessoas espectadores contemplativos.

O trabalho desenvolvido a seguir reflete sobre a emblemática frase “tornar-se mulher” na sociedade do espetáculo e considera como ambiente o aplicativo de internet *Facebook*, e tem como pergunta da pesquisa: O que significa tornar-se mulher na sociedade do espetáculo? O título da pergunta, portanto, une a obra de Simone de Beauvoir, publicada em 1949, com a de Guy Debord, com o título em questão, publicada em 1967, para estudar a imagem da mulher contemporânea em uma realidade virtual criada a partir de 2004 e com ampla difusão global, sem limites físicos e geográficos, chamada *Facebook*. De fato, uma era global ilimitada, aberta.

Respeitando a cronologia dessa história, a presente dissertação terá como foco principal a mulher, exposta dentro do *primeiro capítulo* com embasamento no livro *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Sua sujeição nas diversas sociedades patriarcais desde a antiguidade e medievo até o surgimento da modernidade e as suas novas possibilidades, uma vez que os avanços sociais, políticos e científicos determinaram novas posturas e a criação de paradigmas para a convivência nas novas sociedades que pouco a pouco se formavam. A razão humana posta no centro das decisões e o espírito de liberdade, igualdade e fraternidade simbolizavam esse novo tempo em que a mulher poderia se afirmar com toda a sua potencialidade criativa. Contudo, Simone deixa claro que esse caminho seria árduo e ainda assaz masculino. Era preciso puxar o pêndulo para o outro extremo, daí o surgimento de um espírito feminista para contrapor-se aos séculos de ostracismo a que esteve submetida. A importância do marxismo, da psicanálise, da antropologia e filosofia existencial para a compreensão dessa história de subjugação e libertação foram essenciais para Simone. Em seguida, no *segundo capítulo*, explicita-se o socialismo crítico e as teorias capitalistas de consumo e da

sociedade de Guy Debord, a partir de sua obra *A sociedade espetáculo*. Primeiramente as correntes intelectuais que influenciaram diretamente na formação de suas ideias e propostas, desde o mundo das artes e literatura até o marxismo revisado que ele esposou, bem como a importante contribuição da teoria crítica da “Escola de Frankfurt” com o conceito de “indústria cultural”, que foi como uma antecipação para a sua sociedade do espetáculo. E com ela, toda uma nova conceituação de imagem, aparência, representação e também um novo uso dos conceitos de alienação, fetiche e reificação. Novas possibilidades de interpretação social surgiram no cenário, agora de uma modernidade diferenciada – pós-moderna diriam alguns, hipermoderna, diriam outros, um tempo de simulações e simulacros.

Finalmente, no *terceiro capítulo* expõe-se um panorama contemporâneo da nova mulher que já nasceu em uma sociedade na qual alcança um espaço mais amplo nesse *habitat*, por meio de uma pesquisa qualitativa, com mulheres numa faixa etária entre 13 e 19 anos (adolescentes) e usuárias de aplicativos de internet, sobretudo, o *Facebook*.

1 SIMONE DE BEAUVOIR, A MULHER E O FEMININO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA MODERNA DA MULHER E DO FEMINISMO NO OCIDENTE

Traçar a história da mulher no Ocidente foi a tarefa empreendida na magistral obra organizada por George Duby e Michelle Perrot¹. A obra se inscreve como parte integrante de uma nova maneira de descrever a história a partir da vida cotidiana e mesmo das mentalidades forjadoras dos novos conceitos em historiografia. Nesse sentido, tanto a *Escola dos Annales* quanto a *História Social Marxista* foram pioneiras e fundamentais para se recuperar o papel das mulheres na sociedade. Com isso, pessoas comuns ganharam protagonismo na arte de reconstruir os relatos de tempos imemoriais, e, nesse particular, surgem as mulheres. Contudo, há que se registrar, segundo Gabriela Cano², que o que detona a produção dessa obra “como um vigoroso projeto intelectual foi essa revolução inacabada, porém, profunda que abala as relações entre homens e mulheres nas sociedades ocidentais desde os anos setenta” – a *Revolução Feminista*³. Certamente o grande acontecimento social da segunda metade do século XX.

Fica evidente desde o primeiro volume – *A antiguidade*, que a categoria do *gênero* terá a primazia na reconstrução histórica tendo como alvo corretivo a própria história de exclusão dos processos históricos de que foram vítimas as mulheres. Certamente esse tipo de abordagem proporcionou a visibilidade necessária para se entender os sujeitos esquecidos no processo histórico. Uma de suas autoras⁴ faz referência a Simone de Beauvoir e à sua obra *O Segundo sexo* como

¹ *História das mulheres no Ocidente*. 5 vols. Porto: Edições Afrontamento, 1993-1995. A obra, com mais de três mil páginas, esquadriha a historiografia em que as mulheres são as protagonistas desde a antiguidade até o século XX e por isso mesmo se constitui no maior acervo condensado sobre o tema.

² Resenha de *História de las mujeres en Occidente de George Duby y Michelle Perrot* em <http://www.letraslibres.com/revista/libros/historia-de-las-mujeres-en-occidente-de-george-duby-y-michelle-perrot>

³ Gabriela Cano ainda pontua que “A revolução feminista não apenas denunciou a discriminação política e o tratamento desigual que as mulheres recebiam na família e na sociedade, senão que chamou a atenção sobre a parcialidade androcêntrica do conhecimento que considerava ao sujeito masculino como o sujeito universal”.

⁴ Françoise Collin. “Diferença e diferindo. A questão das mulheres na Filosofia”. Em *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 5: O século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 343.

marcante pela importância dos materiais que reúne e da problemática que articula, não contém, no entanto, em germe todos os aspectos que esse movimento vai desenvolver a partir de outras fontes de inspiração. Alimenta a corrente igualitarista, não a corrente diferencialista do feminismo.

Assim, e tendo como fio condutor a categoria *gênero*, a obra passa de uma simples e competente descrição para discutir criticamente os reais papéis assumidos por homens e mulheres, com base em discursos, imagens, leis e instituições que ajudaram a definir as tensas relações entre os universos masculino e feminino.

Torna-se explícito também que por trás de todos os textos produzidos para esta grande obra, uma ampla pesquisa foi desenvolvida em universidades de várias partes do mundo com a produção de inúmeros artigos, dissertações, teses etc.; área de pesquisa que muito ajudou na consolidação desse campo de conhecimento, rompendo com uma hegemonia masculina de séculos e outorgando à mulher um mais que justo lugar de protagonismo histórico.

Se nos fixamos apenas na modernidade, particularmente a partir do século XVII, podemos concordar com a filósofa espanhola Ana de Miguel⁵ que, destacando a concordância das feministas Geneviève Fraisse e Celia Amorós em torno da obra do francês François Poulain de la Barre (1647-1725)⁶, *Sobre a igualdade dos sexos* (1673)⁷, afirma que “seria a primeira obra feminista que se centra explicitamente em fundamentar a demanda de igualdade sexual”, considerada por muitos como a precursora do movimento feminista. Destaca-se na discussão acerca da *igualdade*, tema que seria caríssimo ao espírito iluminista. Nesse sentido, a obra de Poulain de la Barre, sinaliza uma condição *avant la lettre*, produzida antes mesmo das *Cartas de tolerância* de Locke, por exemplo, e precedido por algumas reflexões bem interessantes na mesma linha de pensamento feitas por Montaigne em seus *Essais*, mas que Simone entende não haver ali de forma clara uma defesa da mulher. De qualquer forma, cabe ressaltar, ainda, que Poulain se utiliza da reflexão antropológica de Descartes para demonstrar a igualdade dos sexos.

⁵ No cap. II – “Feminismo moderno” da obra *Los feminismos a través, de la historia* em <http://www.mujaresenred.net/anademiguel.html>

⁶ Teólogo católico e educador francês, filiado à filosofia cartesiana. Em 1688, converte-se ao calvinismo e se radica em Genebra, exercendo o magistério até o final de seus dias.

⁷ *De l'égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*

Portanto, não é por acaso que Simone de Beauvoir inicia *O segundo sexo* com uma citação de Poulain: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte”; mais adiante, em nova citação sublinha: “Os que fizeram e compilaram as leis, por serem homens, favoreceram seu próprio sexo, e os juristas transformaram as leis em princípios.” (2009, 22- 23). Mais que óbvio que Simone e Poulain estão identificados em uma mesma luta: retirar a mulher da sombra da história e banir o estigma da exclusão a que ela fora subjugada desde a Antiguidade e Idade Média. Nesse sentido, Simone encontra em Poulain a inspiração e a justa denúncia ao sistema que segregava a mulher ao ostracismo e anunciava a universalização dos direitos igualitários para toda humanidade. Silvia Carnero⁸ vai direto ao ponto quando explica que a obra de Poulain

é a expressão antecipada das lutas femininas levadas a cabo durante o Iluminismo, mulheres que em nome da razão julgavam os costumes de sua época e reclamavam ao Estado a tão sonhada igualdade de direitos civis e políticos.

Com isto posto, é razoável afirmar que a aspiração de mudanças na trajetória social e cultural da mulher na modernidade tem seu início teórico, por assim dizer, nas corajosas asserções de Poulain de la Barre no século XVII, dando início ao que poderíamos nominar de *pré-feminismo*. O que naquele momento se delimitava como apenas afirmações isoladas sem pretensões pragmáticas maiores de mudanças sociais, ganharia solidez no século XVIII, tendo como ápice a *Revolução Francesa* e também no próprio desapontamento com ela, por continuarem as mulheres, não obstante, desatadas às grandes mudanças estruturais, excluídas dos direitos civis básicos. Há que se registrar que ao final desse século sai a lume a obra fundamental da inglesa Mary Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of Woman*, considerada o primeiro clássico do feminismo. E, segundo Celia Amorós, “a primeira formulação de uma ética feminista”. Wollstonecraft, nessa obra, responde a Rousseau e propõe que homens e mulheres sejam educados igualmente, por uma questão de coerência. Ademais, defendeu ainda o divórcio e a exigência de acabar com a lei da subordinação da mulher ao homem.

⁸ “La condición femenina desde el pensamiento de Simone de Beauvoir”. *A Parte Rei – Revista de Filosofía* 40, 2005, p. 2, em <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/carnero40.pdf> .

Esses movimentos se converterão, no século XIX, em um movimento reivindicatório organizado a partir da tomada de consciência de uma discriminação sexual acumulada e represada nos séculos anteriores no Ocidente. Assim, levando em conta tais antecedentes e sabendo de antemão da vinculação de Simone de Beauvoir com tal mudança de paradigma, nos parece coerente e didática a conhecida divisão histórica do feminismo moderno em três etapas ou ondas⁹, que a seguir reproduzimos em forma adaptada.

1.1.1 O feminismo “emparedado” entre o Iluminismo e a Revolução Francesa

Teoricamente, o feminismo é um pensamento que floresce dentro do enfoque político iluminista em seu discurso da *égalité*, e, sob essa categoria política, forjou a sua articulação. Sabe-se que a *Revolução Francesa* buscava como um de seus principais objetivos tanto a igualdade jurídica quanto a igualdade nas liberdades e direitos políticos, ainda que isso, no final das contas, não tivesse redundado objetivamente em conquistas para as mulheres. Acerca disso, Amélia Valcárcel¹⁰ esclarece que:

O feminismo tem o seu nascimento no Iluminismo, uma vez que como resultado da polêmica iluminista sobre a igualdade e a diferença entre os sexos, aparece um novo discurso crítico que utiliza as categorias universais de sua filosofia política, sem, no entanto, deduzir que o feminismo estava já incorporado aos quadros iluministas.

O Iluminismo foi um movimento amplo de pensamento, exatamente por isso não pensava especificamente nas mulheres, contudo, particularmente após o período revolucionário, durante a construção da nova identidade social francesa, a voz das mulheres começou a ser ouvida¹¹, expressando-se de forma coletiva. Com isso, alguns intelectuais iluministas ajudaram no reconhecimento do papel social da mulher. Entre eles, se destaca o filósofo e matemático Marquês de Condorcet (1743-1794) que com suas principais obras - *Esquisse d'un tableau historiques des*

⁹ Modelo divisional desenvolvido por Celia Amorós e Amélia Valcárcel em Ana de Miguel. *Los feminismos a través de la historia*, em <http://www.mujaresenred.net/anademiguel.html>.

¹⁰ Em <https://pt.scribd.com/doc/227807688/Historia-Del-Movimiento-Feminista>.

¹¹ Veículo importante para este fim foi o *Cahiers de Doléances* (“Caderno de queixas e representações”), presente em praticamente todos os estamentos sociais e já utilizado no *Ancien Régime* e especialmente neste novo tempo pós-revolução, no qual, pouco a pouco, a mulher foi sendo ouvida e se apresentando ao debate na nova sociedade em construção.

progress de l'esprit humain e também *Cinq mémoires sur l'instruction publique*, tornou-se um dos principais pensadores da Revolução Francesa, não obstante ter sido, posteriormente, perseguido pelo radicalismo dos jacobinos. Condorcet, naquele momento, foi o maior defensor da igualdade de direitos entre os sexos (e não apenas de algumas mudanças no estatuto jurídico da mulher), inclusive o direito de voto. Contra um forte imaginário social, afirmava que a mulher possuía aptidão para as ciências. Para isso, recorre a fatos pouco conhecidos dos leitores, como o fato de mulheres serem professoras em faculdades de medicina e filosofia na Itália. Nas suas *Cinco memórias sobre a instrução Pública*¹², entre tantas coisas que diz sobre a igualdade dos sexos, afirma que:

[...] as mulheres tem os mesmos direitos que os homens; logo, elas têm o direito de obter as mesmas facilidades para adquirir as luzes, que podem lhes dar os meios de exercer realmente tais direitos, com uma mesma independência e numa extensão igual... Já que a instrução deve ser de modo geral a mesma, o ensino deve ser comum e confiado a um mesmo mestre, que possa ser escolhido indiferentemente num ou outro sexo... Várias mulheres ocuparam cátedras de ensino, nas mais célebres universidades da Itália, cumprindo com glória suas funções de professoras nas ciências mais elevadas, sem que tenha resultado disso nenhum prejuízo nem o menor inconveniente, nem a melhor reclamação, nem mesmo alguma zombaria, num país que não pode ser considerado, contudo, isento de preconceitos, onde não reina a simplicidade nem a pureza dos costumes.

Simone de Beauvoir cita Condorcet diversas vezes e reconhece plenamente os seus esforços, registrando que ele “Pretende que as mulheres tenham acesso à vida política. Ele as considera iguais aos homens e as defende contra os clássicos ataques” (2009,164).

Há que se registrar, ainda, que mesmo antes das atividades de Condorcet mencionadas acima, acontece no início de outubro de 1789 a *Marcha sobre Versailhes* com a presença de milhares de mulheres parisienses armadas em

¹² Em <http://labirintosdoser.blogspot.com.br/2011/09/condorcet-e-o-direito-das-mulheres.html>. Em Português já dispomos desta importante obra que reflete as preocupações iluministas sobre a educação pública igualitária: Condorcet. *Cinco memórias sobre a instrução pública*. São Paulo: Editora Unesp, 2008. Para aprofundamento do tema, ver a Resenha da obra por Luiz Antonio de Oliveira e Maria Cristina Gomes Machado em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01_38.pdf. Como também, ALVES, Gilberto Luiz (org.). *Escritos sobre a Instrução Pública: Condorcet. Reflexões e Notas sobre a Educação*. Campinas, SP: Autores Associados. 2010 (Coleção: Clássicos da Educação).

protesto contra a carestia e escassez de pão. Na sequência dos meses e anos, surgiriam grupos organizados de mulheres com os quais se tornavam explícitas suas vontades de participação na vida pública. Talvez o mais articulado de todos foi a sociedade fundada e dirigida por Claire Lecombe e Pauline de Léon – *Société des citoyennes républicaines révolutionnaires*, em 1793. Outras vozes femininas se uniram nessa luta, já que dezenas de clubes de mulheres existiam em toda a França. Entre as inúmeras citadas por Simone de Beauvoir, basta aqui mencionar a holandesa, Etta Palm d'Aelders (1743-1799); a inglesa (já mencionada) Mary Wollstonecraft (1754-1797); as francesas, Sophie de Condorcet (1764-1822); Théroigne de Méricourt (1762-1817); e, especialmente, Olympe de Gouges (1748-1793), que em setembro de 1791 escreveu a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* – (“Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”). O artigo 6¹³, declara:

A lei deve ser a expressão da vontade geral. Todas as cidadãs e cidadãos devem concorrer pessoalmente ou com seus representantes para sua formação; ela deve ser igual para todos. Todas as cidadãs e cidadãos, sendo iguais aos olhos da lei devem ser igualmente admitidos a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo as suas capacidades e sem outra distinção a não ser suas virtudes e seus talentos.

Por isso e por tudo o mais que escreveu como historiadora, jornalista, teatróloga, contra a escravidão e contra a desigualdade dos sexos e os direitos da mulher etc., foi guilhotinada em 3 de novembro de 1793; acusação: “contrarrevolucionária e desnaturada”.

1.1.2 O feminismo, do liberalismo ao sufrágio

O século XIX testemunhará o aparecimento dos grandes movimentos sociais de emancipação e o feminismo surge nesse contexto, após suas vicissitudes iniciais, particularmente na França, como um movimento social de caráter internacional, com uma identidade autônoma, teórica e organizativa. Além disso, participará com destaque nos movimentos sociais, de cunho mais socialista e também

¹³ *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791), em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>.

noanarquismo. De certa forma, esses movimentos sociais prolongam tanto o ideal quanto as lutas iluministas por uma sociedade igualitária, só que, agora, num complexo contexto social de industrialização e, portanto, de grandes expectativas em relação ao progresso humanitário e com a esperança quase imediata de se ver resolvida a questão da escassez material que tanto afligira a sociedade europeia do século XVIII.

As mulheres estão inseridas nessa mesma luta, uma vez que passam mais e mais a serem absorvidas no mercado de trabalho como parte significativa do proletariado nos novos complexos fabris sob o novo modelo econômico, o *capitalismo*; no entanto, elas não conseguem ter reconhecidos seus direitos políticos e civis, já que como trabalhadoras e operárias não tinham acesso à prosperidade que, pouco a pouco, se percebia acontecer nessa nova ordem social. Mais que isso, todavia, não tinham sequer o direito ao voto. Assim, uma significativa contradição se instalara nesse novo tempo e, em decorrência dela, surgiriam as teorias emancipatórias e movimentos sociais de protestos e de reivindicação.

No próprio universo feminino se formou um fenômeno por demais inquietante; por um lado, as operárias das fábricas experimentavam em seus corpos uma exploração da mão de obra barata, em uma dura jornada diária e, por isso mesmo, caminhavam em médio prazo para uma condição de pobreza extrema e risco de miséria; por outro lado, na classe burguesa, as mulheres se tornavam cada vez mais afastadas da vida real e dependentes do êxito financeiro e social de seus maridos, e, por conseguinte, eram colocadas à margem dos processos culturais de educação e do mundo das profissões liberais, certamente muitas se contentaram com esta “promoção” social. Diante de tal situação, as mulheres descontentes iniciaram um processo específico de reivindicação pelo direito ao sufrágio¹⁴. Na verdade algumas lutavam contra o estigma da proscricção social, agora não mais advinda da Antiguidade e Idade Média, mas do próprio ambiente iluminista. Rousseau havia dado o veredito e outros filósofos, como Schopenhauer, Hegel, Kierkegaard, Nietzsche etc., assinariam em baixo. No seu *Emílio*¹⁵, livro fundamental para o

¹⁴ O sufragismo foi um movimento de caráter internacional, desencadeado, especialmente a partir dos Estados Unidos e da Inglaterra, pelas mulheres sufragistas. Buscava uma reforma social, econômica e política que promovia a extensão do direito de votar às mulheres, defendendo inicialmente o “sufrágio igual”, quer dizer, suprimindo a diferença de capacidade de votação por gênero.

¹⁵ J. J. ROUSSEAU. *Emílio ou Da educação*. Livro V. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 577-578.

sistema educacional implantado na França com a Revolução Francesa, descreve a mulher ideal para Emílio. Por meio de Sofia, explica que:

O que Sofia conhece melhor e que a fizeram aprender com mais esmero são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles que não nos damos conta, tais como cortar e coser seus vestidos.... Também se aplicou a todos os detalhes do lar. Entende de copa e cozinha, sabe os preços dos produtos, conhece suas qualidades, sabe fazer contas muito bem e serve de despenseira para sua mãe.

Nesse momento, as mulheres não lutavam apenas pelo direito ao voto. Paralelamente, ansiavam pela universalização dos valores democráticos e liberais, almejando o acesso ao parlamento para com isso mudar leis e instituições. Nesse sentido, o sufrágio norte-americano foi o mais desenvolvido e se antecipou em vários anos a outros movimentos congêneres. É importante registrar que as mulheres lutaram juntamente com os homens pela independência, em seguida, pela abolição da escravidão e, posteriormente, se envolveram em muitas questões políticas e sociais.

Instante singular dessa luta foi a *Declaração de Seneca Falls*¹⁶, considerado um dos textos fundacionais do sufrágio e do feminismo dos Estados Unidos, foi elaborada como texto final da *Convenção* à qual assistiram por volta de 250 pessoas entre delegados e simpatizantes. Como se sabe, a *Declaração* consta de 12 artigos distribuídos em duas grandes partes, em forma de decisões, seguindo o modelo da *Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776)*. Suas principais reivindicações são: a) igualdade entre mulheres e homens; b) condenação das discriminações contra as mulheres; c) igualdade de salários e de escolha profissional; d) direito à posse e administração de bens; e) direito de ter conta corrente e de abrir negócios; f) acesso à educação e igualdade no matrimônio. Entre as várias decisões, a Declaração questiona o próprio sistema de leis vigente:

Decidimos que todas as leis que impeçam que a mulher ocupe na sociedade a posição que a sua consciência lhe dite, ou que situem

¹⁶*Seneca Falls Convention* – A *Convenção de Seneca Falls* foi realizada em julho de 1848 no Estado de Nova York, foi organizada por Lucretia Mott e Elizabeth Cady, que lutavam pelos Direitos das Mulheres, principalmente na área política onde as mulheres não eram vistas, nem ouvidas, e as mulheres começaram a desejar mais do que ser apenas uma dona de casa. Conforme <http://abaciente.blogspot.com.br/2010/07/19-de-julho-de-1848-decorre-convencao.html>.

numa posição inferior à do homem, são contrárias ao grande preceito da natureza e, portanto, não têm força de autoridade.

Na Inglaterra, a luta pelos direitos das mulheres, que se remonta a *Mary Wollstonecraft* e seu *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), conforme acima, encontra um forte eco em William Thompson (1775-1833) que escreve *Appeal of One Half the Human Race, Women* (1825). Tais obras preparam, por assim dizer, o caminho para que Mary Smith pudesse solicitar o reconhecimento de seu voto, pelo fato de que como cidadã que pagava seus impostos, teria esse direito. Essa petição provocou a *Reform Act* de 1832, incluindo expressamente as mulheres aos direitos públicos. O movimento sufragista ganhou um grande aliado, quando, em 1866, John Stuart Mill, um dos intelectuais mais respeitados do Reino Unido, como deputado apresentou uma petição ao Parlamento em favor do voto feminino. Objetivamente falando, seu início se deu em 1897, com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino por Millicent Fawcett (1847-1929), uma educadora britânica. O movimento das sufragistas, que inicialmente era pacífico, questionava o fato de as mulheres do final daquele século serem consideradas capazes de assumir postos de importância na sociedade inglesa como, por exemplo, o corpo diretivo das escolas e o trabalho de educadoras em geral, mas serem vistas com desconfiança como possíveis eleitoras¹⁷. As leis do Reino Unido eram, afinal, aplicáveis às mulheres, mas elas não eram consultadas ou convidadas a participar de seu processo de elaboração. Contudo, apenas com a aprovação do *Representation of the People Act* de 1918 foi finalmente aprovado o sufrágio feminino em todo o Reino Unido.

1.1.3 O feminismo entre o liberalismo radical e o culturalismo

O século XX significou uma nova etapa nas conquistas sociais para as mulheres. A leitura da realidade a partir da ótica socialista-marxista que abordou a “questão feminina” ofereceu uma explicação para a opressão das mulheres, ou seja, a origem de sua subordinação não residia em causas biológicas, mas sociais e, em consequência, sua emancipação viria por sua independência econômica.

¹⁷ Em <http://www.universitario.com.br/noticias/n.php?i=9204>. Rompendo com uma tradição intelectual de filósofos como T. Hobbes, J. Locke e David Hume que consideravam as mulheres incapazes de compreender o funcionamento do parlamento britânico.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, os governos e os meios de comunicação de massa se comprometeram num duplo objetivo: distanciar a mulheres dos empregos obtidos durante a guerra, fazendo-as voltar às suas casas e diversificar a produção fabril. Assim, as mulheres deveriam encontrar no papel de donas de casas um destino confortável e não sair para competir no mercado laboral. Porém, um tipo de “mística feminina” já estava em ação no inconsciente coletivo das mulheres: apesar de toda a tecnologia doméstica, particularmente nos Estados Unidos, elas simplesmente não queriam mais deixar de lutar nas ruas, nas fábricas, no “mundo dos homens”.

Duas obras são fundamentais nesse momento: *Le deuxième sexe* (1949) de Simone de Beauvoir e *The feminine mystique* (1963) de Betty Friedan. Na primeira obra, que veremos com mais detalhes na próxima seção – “A ascensão do feminino em Simone de Beauvoir”, Simone ainda respira no ambiente do sufragismo e traz o igualitarismo iluminista para a atualidade, ampliando-o radicalmente em sua crítica ao poder masculino. Analisa as mulheres como o outro; o sexo feminino é a outra cara do espelho da evolução do mundo masculino e agrega uma análise não biológica ao afirmar “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Na segunda obra, Betty Friedan afirmou que “algo estava acontecendo entre as mulheres norte-americanas”; ela denominou esse “algo” de “o problema que não tem nome”: as mulheres experimentavam uma sensação de vazio ao se saberem definidas não pelo que se é, senão pelas funções que exerce (esposa, mãe, dona de casa). Friedan percebeu que as mulheres foram agarradas pela “mística da feminilidade” e para se livrarem dessa armadilha e conseguir sua própria autonomia deveriam incorporar-se ao mundo do trabalho. Três anos após a publicação do livro, Friedan criou a Organização Nacional de Mulheres (*NOW*). Com isso, seu movimento se tornou o maior representante do feminismo liberal, entendendo que se as mulheres exercessem os direitos adquiridos, os ampliassem incorporando-os ativamente à vida pública, laboral e política, seus problemas seriam solucionados. Assim, muitas mulheres se esforçaram por desenvolver uma vida profissional compatível com suas funções dentro da família.

Entrementes, como se sabe, a década de 1960 foi pródiga nos movimentos populares na Europa e EUA por uma sociedade mais livre e, nesse momento, registra-se a ascensão tanto de um feminismo radical em oposição ao liberalismo,

quanto do movimento de liberação da mulher e de um feminismo com base na diferença.

1.2 A ASCENSÃO DO FEMININO EM SIMONE DE BEAUVOIR NO VOL.1 DE O SEGUNDO SEXO – A DENÚNCIA

A figura de Simone de Beauvoir se constitui no ponto culminante desse processo de ascensão do feminino, conforme descrito acima de forma sintética. Sua trajetória de vida, sua luta pessoal como escritora, ativista, pensadora e inspiradora para o movimento feminista do século XX foi fundamental para as conquistas logradas em muitas sociedades dos países ocidentais. Nesse particular, seu livro *O segundo sexo* se tornaria uma espécie de estandarte central, praticamente iniciando a “terceira onda”, do movimento feminista. Por isso mesmo, entendemos ser necessário efetuar uma imersão analítica nessa obra com o objetivo de ouvir de novo a sua voz, após mais de 70 anos, e perceber sua contínua atualidade e relevância ao mesmo tempo em que se confirma o quão vanguardista significou para o neofeminismo da terceira onda e suas conquistas.

Como já dito, *O segundo sexo* é herdeiro da corrente *igualitarista* nascida no iluminismo francês e que no século XX dividiria com outros enfoques feministas, especialmente com o *diferencialismo*, a inspiração para a agenda do neofeminismo. De todos os modos, como assevera novamente Collin, “*Le Deuxième Sexe* de Simone de Beauvoir é uma referência incontornável da história do pensamento feminista”¹⁸; exatamente porque, entre tantas virtudes, encarou as limitações naturais do corpo da mulher e suas consequências sociais, com o objetivo de superá-las, é que se tornou referência para o feminismo dos anos 70 e seguintes. Dessa maneira, e sublinhando “o peso das circunstâncias culturais, da educação e dos condicionamentos que nos modela, está claramente designado como a chave que explicaria a situação de desvantagem nas quais as mulheres se encontravam ao

¹⁸Françoise Collin. “Diferença e diferindo. A questão das mulheres na Filosofia”. In: *Histórias das mulheres*. O século XX vol. 5. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 343.

logo da história”¹⁹. Simone, pois, parte de uma denúncia dos pressupostos e, com isso, tenta solapar o constructo sociocultural acerca da mulher no Ocidente.

1.2.1 O feminino, seu destino biológico e a psicanálise

Logo no início de *O segundo sexo*, fica claro que, com base em seu existencialismo, nada poderia condicionar a existência humana, em especial a da mulher. Com isso, a autora nega qualquer tipo de determinismo. Deixa claro que não existem entidades imutáveis, nem tampouco aquelas características fixas que definiriam de antemão o que é a mulher; para tanto, se utilizará das ciências biológicas e sociais para lograr seus pressupostos. Importante registrar que Sartre, seu companheiro, havia escrito dois ensaios políticos: em 1943, *Réflexions sur la question juive*, e, em 1948, *Orphée noir*; obras²⁰ que certamente a influenciaram na rejeição dos condicionamentos internos ou externos. Assim, a mulher, para Simone, assim como o negro e o judeu, possui a capacidade de se constituir historicamente construindo o seu próprio destino, numa existência aberta sem definições prévias.

Simone denuncia: “O termo “fêmea” é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo” (2009, 35). Sua definição como “fêmea” está dada e posta pelo “macho” e a mulher em toda a história se permitiu definir pelo homem e assumiu como sua, uma passividade absoluta. Todas as fêmeas do mundo animal, em sua atitude servil, estão projetadas na mulher pelo homem. Aristóteles, Tomás de Aquino e Hegel são elencados por Simone como patronos dessa ideia de que “A separação dos indivíduos em machos e fêmeas surge, pois, como um fato irreduzível e contingente” (2009, 37), indicando “noções de superioridades de um sistema sobre o outro” (*Ibid. loc. cit.*), mas que, no entanto, para ela, são “teorias das mais contestáveis”. O homem, nessa função de superioridade, define a mulher não em si mesma, mas sim em relação a ele. Isso significa que ele é o sujeito absoluto e essencial, e ela, a mulher, é o “Outro”, aquele ser que depende e que espera com resignação e passividade. Esse olhar nos vem

¹⁹SANTALICES, Gloria C. ‘El Segundo Sexo: Actualidad y Pertinencia’. In: Utopía y Praxis Latinoamericana. Universidad del Zulia, Venezuela. Año 4 número 8. Septiembre-Diciembre 1999. pp. 27-38.

²⁰ Em língua portuguesa as duas reflexões estão contidas na obra: Jean-Paul Sartre. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difel, 1978.

da cultura judaico cristã, em que a mulher, no mito bíblico da criação, é a Eva que vem à existência tirada da costela de Adão²¹, do mundo grego, em que para Aristóteles é nada mais que um “homem incompleto” e do medievo em que ela, para Tomás, era um “ser ocasional” (2009, 38). Segundo Simone:

Aristóteles imagina que o feto é produzido pelo encontro do espermatozóide com o mênstruo; nesta simbiose a mulher fornece uma matéria passiva, sendo o princípio masculino força, atividade, movimento, vida... A teoria aristotélica perpetuou-se através de toda a Idade Média e até à época moderna²².

A partir desses dados, Simone de Beauvoir reconhece que o sentimento de inferioridade da mulher está arraigado na história e que reproduz em sua existência a dialética hegeliana de *senhor-escravo* e, infelizmente, possibilita que o homem se posicione como sujeito pleno, enxergando a mulher como o “outro”, um objeto. Com tal estigma, não cabe à mulher a exigência de nenhuma reciprocidade perante o homem – apenas submete-se! Cria-se, assim, uma relação de dominação entre homem e mulher, macho e fêmea, que parece superar em muito os vários modelos de dominação conhecidos, como, por exemplo, a dos negros, judeus, índios ou mesmo do proletariado. A submissão da mulher se perde nas brumas dos tempos remotos, não pode ser classificada como um acidente histórico simplesmente, ela vem de longe como uma espécie de *common sense* milenar.

Simone reconhece que as diferenças fisiológicas influenciam na conduta histórica e na *performance* existencial. Diz ela:

Crises da puberdade e da menopausa, “maldição” mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes são características da fêmea humana... que seu destino se faz tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo...Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela²³.

²¹ O apóstolo Paulo sacramenta esta concepção judaica quando instrui os cristãos da cidade de Éfeso: “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos”. (Efésios 5:22-24).

²² *O segundo sexo*, p. 40.

²³ *Ibid.*, pp. 64-65.

Portanto, para ela, entre os aspectos condicionantes de seu comportamento, situando-a como um ser inferior, destacam-se, como já mencionado, as características singulares de seu corpo que a obrigam a renunciar a seus projetos individuais, cumprindo seu desiderato de servir à espécie, perpetuando-a. Simone recorda Merleau-Ponty: “Eu sou, portanto, meu corpo...” e aceita que igualmente a “mulher é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa” (2009, 62). Nesse sentido, a consideração de que *a mulher é seu corpo* se afirma por conta de sua própria existência, uma vez que sem um corpo não poderia sequer existir vida e a subordinação da mulher às exigências condicionantes de seu corpo provocam nela um sentimento de profunda alienação. Por tudo isso, percebe-se que *O segundo sexo* é sem dúvida uma abordagem crítica no intento de descolar a condição feminina dos seus enfoques redutores naturalistas e biológicos, rejeitando a sina implacável a ela imposta. Assim, para Simone, ainda que rejeite os dados biológicos, rejeição explicitada na famosa fórmula: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, reconhece, contudo, que ontologicamente foi dado um peso exacerbado à condição de submissão e que a transforma naquele ser responsável pela própria perpetuação da espécie, estando, pois, ela

consagrada à imanência da qual não pode livrar-se, senão por meios mecânicos e tecnológicos, participando igualmente na produção, uma vez superada, com a ajuda da ciência e do progresso, seu servilismo biológico²⁴.

Dessa forma, com pesar, Simone reconhece que a história conferiu muito maior valor à produção que à reprodução, quer dizer, a mão de obra masculina historicamente foi reconhecida como a força motriz da humanidade em detrimento das debilidades femininas vinculadas, especialmente, às suas contínuas gestações que enfraquecendo seu organismo tornavam a mulher reclusa no lar e às atividades domésticas.

Contra esse “destino”, Simone, ainda que salientando suas limitações, sublinha a importância do aporte psicanalítico, no sentido que “A fêmea é uma mulher na medida em que se sente como tal” (2009, 71), ou seja, a mulher não é definida pela natureza biológica, o óvulo, nesse sentido, pouco lhe significa, mas “o

²⁴SANTALICES, Gloria C. “El Segundo Sexo: Actualidad y Pertinencia”. *In: Utopía y Praxis Latinoamericana*. Universidad del Zulia, Venezuela. Año 4 número 8. Septiembre-Diciembre 1999. pp. 27-38.

clitóris, [sem grande importância] nela desempenha um papel de primeiro plano” (*Ibid., loc. cit.*) e, por isso, logo antes esclarece que

Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza... não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere[...] É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia²⁵.

Simone entende que, apesar de sua importante contribuição para o estudo da mulher, muito desse sistema psicanalítico está construído com base em “numerosos equívocos”, pois com base em uma distinção entre sexual e genital, diz ela, “a noção de sexualidade torna-se vaga”, e, se segundo o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), o sexual é apenas uma “aptidão intrínseca para animar o genital”, a conclusão é bastante “turva”. Simone esclarece que “Freud recusou, não sendo filósofo, justificar filosoficamente seu sistema” (2009, 72), e ainda que admitisse ser a sexualidade feminina tão evoluída quanto a do homem, diferentemente de outros estudiosos, não a estudou profundamente e, de forma independente, sempre o fez a partir da sexualidade masculina. Ainda assim, reconhece que o psicanalista austríaco localizara o erotismo da mulher no clitóris (na infância) e na vagina (na puberdade), ao passo que o do homem estava tão somente no pênis. Isso significa que no homem a evolução sexual é mais simples, pois termina quando ele “atinge a fase genital” e que deverá, internamente na puberdade, superar o autoerotismo subjetivo e narcisístico por um prazer heteroerótico, “normalmente a mulher”; no entanto, nesse processo, o pênis continua sendo o *locus* privilegiado do prazer sexual masculino. Simone pontua que

A mulher deverá também, pelo narcisismo, objetivar, no homem, sua libido; porém o processo será muito mais complexo, pois cumpre que passe do prazer clitoridiano ao vaginal. Há somente uma etapa genital para o homem enquanto há duas para a mulher; ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses²⁶.

²⁵O *segundo sexo*, pp. 69-70.

²⁶*Ibid., op. cit.* p. 73.

Em seguida, Simone descreve e avalia criticamente as teorias de Freud sobre o “complexo de Édipo”, “complexo de castração” e “complexo de Electra”. Ressalta que, todavia subjaz um modelo masculino como matriz, uma vez que “supõe que a mulher se sente um homem mutilado” (2009, 74). Destaca que outras linhas de psicanálise indicam que ainda que a menina lamente não ter um pênis, isso não supõe que lhe foi tirado. Com isso, segundo Simone, Freud, partindo de uma premissa, a da “inveja feminina”, aceita previamente uma “valorização de virilidade”, porém, sem dar a devida explicação para tal primazia. Ademais, para Simone, ao carecer de uma “descrição original da libido feminina, a noção de complexo de Electra permanece muito vaga” (2009, 75). Apesar dos avanços, os estudos sobre a mulher ainda dependem de visões tradicionais e míticas, que em seu momento, Francis Bacon havia chamado de *Idola*, preconceitos que deveriam ser ultrapassados para o progresso do conhecimento humano na alvorada da modernidade.

Simone aponta o “monismo” de Freud na questão da sexualidade como fonte do desenvolvimento da vida humana, como a causa principal, por exemplo, da separação de seu conterrâneo, o psicólogo Alfred Adler (1870-1937). Para ela, “Adler substitui motivos, finalidade, planos” (2009, 76) e outorga um papel preponderante à inteligência, sendo a sexualidade um valor do tipo simbólico. Adler entendia a humanidade no centro de um conflito entre a “vontade de poder” e um “complexo de inferioridade”, acarretando desdobramentos psicológicos na formação do indivíduo. Nesse sentido, em seu complexo de inferioridade, a mulher desenvolve “uma recusa envergonhada da feminilidade” (2009, 76). Para a mulher, não é a inveja do pênis, mas o que ele representa em termos de privilégios e superioridade. Simone destaca que uma vez que Freud isola impulsos e proibições da escolha existencial, sua explicação fica prejudicada. Em contrapartida, Adler, percebendo que “o complexo de castração só se poderia explicar num contexto social; abordou o problema da valorização” (2009, 78).

Mas não remontou à fonte ontológica dos valores reconhecidos pela sociedade e não compreendeu que, na sexualidade propriamente dita, se empenham valores, o que o levou a menosprezar-lhes a importância²⁷.

²⁷ *Ibid.*, *op. cit.* p. 78.

Reconhece que “a sexualidade desempenha na vida humana um papel considerável”, contudo, evocando a Sartre e Bachelard (p. 79), pondera que “Não se deve encarar a sexualidade como um dado irreduzível; há, no existente, uma “procura do ser” mais original; a sexualidade é apenas um de seus aspectos” (2009, *loc. cit.*). Assim, pode-se aceitar que para Simone, os aspectos biológico e psicológico, com todas as suas competências, não podem abarcar todo o fenômeno da mulher e seu destino. A opressão que sofreu a mulher na história é o fruto de uma leitura enviesada e plena de pressupostos dos dados da natureza e lhes dá um valor transcendente.

1.2.2 Materialismo histórico e família: a influência de Engels e seus limites

Além desses aspectos biofisiológicos e psicanalíticos, os quais Simone analisa de forma crítica, ela situa a mulher dentro dos processos históricos culturais do Ocidente²⁸. Dedicava especial atenção tanto à *Revolução Industrial* como à *Revolução francesa*. Como esclarece Bedano:

Em relação à primeira, entende que a mulher reconquista uma importância econômica que havia perdido desde as épocas pré-históricas, já que consegue sair do lar e desempenha na fábrica uma parte específica na produção. É a máquina que permite esta revolução, posto que a diferença de força física entre trabalhadores masculinos e femininos se vê anulada²⁹

Simone concede valor significativo à revolução industrial, entendendo, com Engels que aí se tem, de fato, uma anulação daquela diferença que anteriormente coroava a supremacia masculina e, nesse sentido, explica que

Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão de obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução

²⁸ Toda a segunda parte do volume 1, sob o título “História”, está dedicado a descrever a opressão a que foi submetida a mulher, desde os primeiros passos da humanidade até os tempos modernos. O veredito de sua análise é claro, para ela “o caso da mulher num tempo em que a luta contra um mundo inimigo reclamava o pleno aproveitamento dos recursos da comunidade; às fadigas de uma reprodução incessante e desagrada acrescentavam-se as duras tarefas domésticas” (p. 105).

²⁹ Micaela Violeta Bedano. “La mujer no es víctima de ninguna misteriosa fatalidade”. In: <http://www.buenastareas.com/ensayos/Segundo-Sexo-De-Simone-De-Beauvoir/7823562.html>

que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre para ela uma nova era³⁰.

Simone considera como válida a interpretação de Engels (1820-1895)³¹, entendendo que a mulher está ligada, para seu infortúnio, à propriedade privada. Apenas com o socialismo, que considera o trabalho como uma libertação, a mulher irá adquirir sua independência. Assim, eliminada a *sina* a ela imposta de ser apenas a reprodutora da espécie humana, em atitude de eterno servilismo, a mulher poderá, doravante, desempenhar um papel econômico relevante na cultura ocidental. No caso da *Revolução Francesa*, como já dito antes, lograram-se conquistas de direitos civis e políticos para as mulheres, ainda que não em sua plenitude. Portanto, a proposta de uma “Declaração dos Direitos da Mulher”, defendida por Olympe de Gouges em 1791, tão onerosa para ela, produziu desdobramentos importantes no século XX, em especial, assim entendemos, para a formação do pensamento de Simone de Beauvoir.

Com isso, Engels é ressaltado por Simone de Beauvoir por elaborar uma significativa síntese da história da mulher na obra *A origem da família*, a qual, por conta dos progressos, especialmente na agricultura, o homem “recorre ao serviço de outros homens que reduz à escravidão” (2009, 88). Dessa forma, surgiria a propriedade privada e o homem se torna senhor de escravos e proprietário da mulher e o trabalho da mulher dentro de casa, que anteriormente lhe dava certa autoridade, pouco a pouco desaparece. O homem sente-se no direito à poligamia, diz Engels, “Ao homem, igualmente, é concedido o direito à infidelidade conjugal, sancionado ao menos pelo costume [...]” (2009, 81). No entanto, num contexto de mudanças de costumes tornando possível uma ação recíproca da mulher, segundo Simone, ela “vinga-se pela infidelidade: o casamento completa-se naturalmente com o adultério” (2009, 89).

Com obviedade, a leitura de Engels condiciona a história da mulher e faz do destino da mulher e do socialismo realidades intimamente ligadas; como exemplo disso, Simone cita, de passagem, a obra do político alemão August Bebel (1840-

³⁰ *Ibid.*, *op. cit.* p. 172.

³¹ Friedrich ENGELS. *A origem da família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Escala, 2009.

1913), *A mulher e o socialismo*, de 1879³², que versava sobre a emancipação da mulher. E, nesse momento, do surgimento da técnica no mundo moderno ela consegue de novo sua igualdade com o homem. Engels, como se sabe, quando descreve a família pré-monogâmica, é claro em recriminar a leitura iluminista sobre o papel da mulher. Diz ele:

Uma das ideias mais absurdas transmitidas pela filosofia do século XVIII é a de que, nos inícios da sociedade, a mulher teria sido escrava do homem. Entre todos os selvagens e em todas as tribos que se encontram nas fases inferior, média e até em parte na superior da barbárie, a mulher não só é livre, mas também muito considerada³³.

Engels tenta explicar a transição social acontecida no seio das famílias nas quais a mulher gradualmente perdeu a sua posição de autoridade. Segundo ele:

À medida que as riquezas iam aumentando, por um lado conferiam ao homem uma posição mais importante que aquela da mulher na família e, por outro lado, faziam com que nele surgisse a ideia de valer-se dessa vantagem... A derrocada do direito materno foi a derrota do sexo feminino na história universal. O homem tomou posse também da direção da casa, ao passo que a mulher foi degradada, convertida em servidora, em escrava do prazer do homem e em mero instrumento de reprodução³⁴.

Em seguida, Engels trata da família monogâmica, a qual merece suas mais duras críticas. Ele entende que a monogamia não serviu para reconciliar homem e mulher, serviu antes para deteriorar a relação de ambos.

[...] surge sob a forma de subjugação de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, em toda a pré-história... Hoje posso acrescentar que a primeira oposição de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia e que a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino³⁵.

Simone, entretanto, decepcionou-se com a síntese de Engels, entendendo que ela não trata as questões centrais, como, por exemplo, de que maneira a propriedade privada acarretou a escravização da mulher? Por essas e outras,

³² Já na introdução de sua obra, Simone menciona Bebel: "Nesse sentido, a aproximação estabelecida por Bebel entre as mulheres e o proletariado seria mais lógica: os proletários tampouco estão em estado de inferioridade e nunca constituíram uma coletividade separada" (p. 19).

³³ F. ENGELS. *Op. cit.*, p. 66.

³⁴ *Ibid.*, *op. cit.* pp. 74-75.

³⁵ *Ibid.*, *op. cit.* p. 85.

Simone considera a exposição de Engels “superficial” e as verdades descobertas por ele parecem “contingentes”. Com sutileza Simone aponta a causa disso

É que é impossível aprofundá-las [as verdades] sem sair do materialismo histórico. Esse não pode fornecer soluções para os problemas que indicamos, porque tais problemas interessam o homem na sua totalidade e não essa abstração que se denomina *homo oeconomicus*³⁶.

Portanto, Simone, distintamente da abordagem psicanalítica, especialmente de Freud, considera que o materialismo menospreza a questão da sexualidade e cai em outra visão monista em que o econômico se torna a única chave de leitura da realidade. Quer dizer, tem-se aqui outro monismo unilateral. E aponta que,

Para descobrir a mulher não recusaremos certas contribuições da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, mas consideraremos que o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que os aprende dentro da perspectiva global de sua existência³⁷.

1.2.3 Fundamentos antropológicos e filosóficos da condição social da mulher

Nas partes dois e três do volume 1 de sua obra, Simone se dedica a fundamentar suas reflexões sobre a “história” e os “mitos”, respectivamente. Nesse particular, cobra importância os aspectos antropológicos e filosóficos desenvolvidos por ela acerca do papel da mulher na sociedade como um todo. Assim, discorre desde as tribos nômades nas primeiras civilizações agrícolas e se utiliza especialmente da antropologia estruturalista expondo em síntese a história da Europa e o papel da mulher desde a antiguidade clássica, passando pela Idade Média e chegando à modernidade com a conquista do voto feminino. Em seguida, elabora uma perspectiva filosófica e à continuação focaliza o mito da mulher em cinco autores: Henry de Montherlant, D H. Lawrence, Paul Claudel, André Breton e Stendhal

³⁶O *segundo sexo*, p. 90.

³⁷*Ibid.*, *op. cit.* p. 95.

Por um lado, Simone se utiliza da dialética hegeliana para entender o mecanismo do funcionamento das culturas humanas, pois é precisamente o pensamento de Hegel acerca da relação dialética senhor-escravo que dá sentido à luta mortal da consciência pela liberdade dentro de uma perspectiva existencialista. Diz ela que “certas passagens da dialética com que Hegel define a relação do senhor com o escravo se aplicariam muito melhor relação do homem com a mulher” (2009, 103). E como é que o homem alcança essa posição de senhor na história da humanidade? “Se os trabalhos domésticos a que [a mulher] está vetada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência” (2009,102), sem uma novidade criadora, apenas repetindo e perpetuando uma mesmice que não se renova e dificilmente poderia ser reconhecida e louvada, não acontece o mesmo com o sexo masculino:

o caso do homem é radicalmente diferente; ele não alimenta a coletividade à maneira das abelhas operárias mediante simples processo vital e sim com atos que transcendem sua condição animal. O *homo faber* é, desde a origem dos tempos, um inventor[...] Para manter, cria, supera o presente, abre o futuro. Eis por que as expedições de caça e pesca assumem um caráter sagrado. Acolhem-se os seus êxitos com festas e triunfos [...] Sua atividade tem outra dimensão que lhe dá sua suprema dignidade, e ela é amiúde perigosa [...] O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence³⁸.

A partir da percepção do que acontece com o homem em sua aventura “heroica”, constata-se que, na história humana, a produção sempre teve muito mais valor que a reprodução. Mesmo durante os matriarcados, a sociedade continuava sendo governada por homens e ainda que houvesse honras esporádicas à fecundidade e deusas femininas sendo adoradas, ainda assim, o homem mantinha sua posição de senhor frente à natureza e frente à mulher. Simone é precisa em sua interpretação:

A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata³⁹.

³⁸ *Ibid.*, *op. cit.* p. 102.

³⁹ *Ibid.*, *op. cit.* p. 103.

Nesse particular, Simone é ainda mais arguta em sua análise, pois no próprio desejo e conquista de soberania do homem e em sua ânsia de transcender à transitoriedade, a mulher se vê envolvida e partícipe. Simone explica:

Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição, mas na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas⁴⁰.

Com isso se estabelece o critério da transcendência como fator de êxito na existência. Aqui também, Simone se utiliza da filosofia hegeliana sempre numa perspectiva existencialista. Assim, a hostilidade entre grupos rivais faz nascer uma oposição no ritmo dialético do sujeito-objeto que possibilita atingir a transcendência que, por sua vez, produz a liberdade.

Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual ela transcende. Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino – reinado da vida, da imanência – tão somente para nele encerrar a mulher [...]⁴¹

Após esses apontamentos iniciais, Simone, antes de retomar pontualmente diversos filósofos, imerge em questões antropológicas com nítida propensão ao estruturalismo de C. Lévi-Strauss (1908-2009)⁴²; para tanto, considera como mito a suposição do *Direito Materno* desenvolvida pelo jurista e antropólogo suíço, Bachofen (1815-1887)⁴³, e assumida notadamente por F. Engels em sua *Origem da família*, de um tempo de reinado matriarcal suplantado pelo poder masculino e caracterizado, entre outras coisas, pelo fato de que “as mulheres, como mães, como únicos genitores conhecidos da nova geração gozavam de elevado grau de apreço e consideração chegando, segundo afirma Bachofen, ao domínio feminino absoluto (ginecocracia)”, (2009, 19). Engels reconhece que “não deixa de ser evidente que tal

⁴⁰ *Ibid.*, loc. cit.

⁴¹ *Ibid.*, op. cit. pp.103-104.

⁴² Simone se detém especialmente na obra *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982. Obra clássica de Lévi-Strauss, coincidentemente publicada no mesmo ano de *O segundo sexo*, 1949. Também em <https://classicos12011.files.wordpress.com/2011/03/lc3a9vi-strauss-claude-as-estruturas-elementares-do-parentesco.pdf>.

⁴³ Johann Jakob Bachofen. *Das Mutterrecht: eine Untersuchung über die Gynaikokratie der alten Welt nach ihrer religiösen und rechtlichen Natur*. Stuttgart: Verlag von Kraiss und Hoffmann, 1861.

concepção, em que a religião aparece como a alavanca decisiva da história do mundo, conduz ao final ao puro misticismo” (2009, 21), porém considerou as descobertas de Bachofen como uma “verdadeira revolução”.

Como estava dizendo, Simone assumiu a abordagem de Lévi-Strauss, na verdade, ficou bem fascinada a ponto de elaborar uma resenha sobre *As Estruturas Elementares do Parentesco*, em língua portuguesa⁴⁴. Aqui transcrevemos um relevante trecho para a nossa reflexão:

Entretanto o livro não desperta apenas ressonâncias marxistas; ele me pareceu muitas vezes reconciliar de modo feliz Engels e Hegel: pois o homem nos aparece originalmente como uma antiphysis; e o que realiza sua intervenção é a posição concreta de um eu em face de um outro eu, sem o qual o primeiro não saberia se definir. Também fui singularmente surpreendida pela concordância de algumas descrições com as teses sustentadas pelo existencialismo: a existência, ao se colocar, coloca suas leis, em um único movimento; ela não obedece a nenhuma necessidade interior, entretanto escapa à contingência por assumir as condições de seu brotar. Se a proibição do incesto é universal e normativa ao mesmo tempo, é porque ela traduz uma atitude original do existente: ser homem é se escolher como homem, definindo suas possibilidades sobre a base de uma relação recíproca com o outro; a presença do outro nada tem de acidental: a exogamia, bem longe de se limitar a registrá-la, ao contrário, a constitui; através dela se expressa e se realiza a transcendência do homem; ela é a recusa da imanência, a exigência de ultrapassá-la; aquilo que os regimes matrimoniais asseguram ao homem, pela comunicação e pela troca, é um horizonte em direção ao qual ele possa se projetar; sob sua aparência barroca, eles lhe asseguram um além-humano.

Assim, Simone, repercutindo a influência dessa obra, pensa a mulher dentro da categoria de alteridade. “A mulher é estrutural e historicamente um Outro de um sujeito humano que, por *default*, é masculino”⁴⁵. Confirma antropologicamente suas “suspeitas” filosóficas de que a “sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens” e segue bem de perto as conclusões do brilhante antropólogo francês, para quem, “A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens” (2009, 110).

⁴⁴ Simone de Beauvoir. *Resenha de As estruturas elementares do parentesco de Claude Lévi-Strauss*. In: Campos – Revista de Antropologia Social. Curitiba: UFPR. Tradução: Marcos P. D. Lanna (UFSCar) e Aline Fonseca Lubel (PPGAS/UFPR), 8 (1):183-189, 2007.

⁴⁵ Mauro W. Barbosa de Almeida. *Nota sobre a Resenha das Estruturas Elementares do Parentesco por Simone de Beauvoir*. In: Campos - Revista de Antropologia Social. Curitiba: UFPR 8 (1):183-189, 2007.

Nas páginas seguintes (115-139), Simone vasculha o mundo primitivo, empunhando o estruturalismo como instrumento de compreensão, e, de fato, consegue uma síntese reveladora acerca da relação homem-mulher. Começa nas práticas mais primitivas, passa pelo período bíblico do Antigo Testamento⁴⁶, assemelha Salomão aos sultões das *Mil e uma noites* e chega até a Grécia e Roma, em que a posição da mulher se mesclava com o universo místico e religioso. Anteriormente já havia, de passagem, reconhecido no cristianismo algo diferente, pois apesar de seu platonismo, “respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil” (2009, 121).

Trata o cristianismo como uma ideologia que favoreceu a opressão da mulher, com destaque para o papel de São Paulo como “ferozmente antifeminista” (2009, 139) para, em seguida, evocar o horror à mulher presente nos padres da Igreja, como, por exemplo, Tertuliano, Ambrósio, João Crisóstomo, Gregório VI e o escolástico Tomás de Aquino. Nesse sentido, conclui toda a visão antiga e medieval desse segmento religioso: “Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio” (2009, 139-140). Contudo, ao se referir às prostitutas, revela que “O cristianismo despreza-as, mas as aceita como um mal necessário” e cita primeiramente a Santo Agostinho: “suprimi as prostitutas e perturbareis a sociedade com a libertinagem” e também ao “suposto” Santo Tomás de Aquino:

Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão a perturbará com desordens de toda espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio; suprimi a cloaca e o palácio se tornará um lugar sujo e infecto⁴⁷.

É apenas na página 163 que Simone se volta aos filósofos favoráveis ao feminismo em contraponto aos que condenavam tal postura. Num primeiro estágio de posicionamentos filosóficos, inicia sua caminhada com o já citado nessa pesquisa, Poulain de la Barre e seu fundamental *De l'égalité des deux sexes*, passando por Fénelon, Mme.de Maintenon, o abade Fleury e o jansenista Rollin; como oponentes, Bossuet, Rousseau, Joseph de Maistre, Bonald, Balzac e até

⁴⁶ “Os judeus da época bíblica tinham mais ou menos os mesmos costumes que os árabes. Os patriarcas são polígamos e podem repudiar suas mulheres de acordo com os próprios caprichos” (p. 125).

⁴⁷ *O segundo sexo*, p. 150. Parece haver uma dúvida se o autor do livro IV do *De regimine principum*, seja mesmo Tomás de Aquino e Simone faz menção a essa dúvida.

Auguste Comte que, antes de conhecer Clotilde de Vaux, segundo Simone, considerava a “feminilidade uma infância contínua”. Ressalta com justiça a Voltaire, Diderot, Montesquieu, Helvetius, d’Lembert, Mercier e Condorcet, igualmente citado, e todos empenhados numa educação que não mais inferiorize as mulheres.

Como já dito, Simone demonstra um desapontamento com a Revolução Francesa e acrescenta que, “Durante a liquidação da Revolução, a mulher goza de uma liberdade anárquica. Mas, quando a sociedade se reorganiza, volta a ser escravizada” (2009, 166). Simone está consciente que nesse período a mulher continua tendo economicamente uma existência parasitária e somente com a tomada do poder econômico pelos trabalhadores é que ela poderá sair dessa posição. Finaliza essa seção com uma penetrante e sutil citação de Bernard Shaw: “É mais fácil sobrecarregar as pessoas de ferros do que as libertar, se os ferros dão consideração” e explica que “A mulher burguesa faz questão de seus grilhões porque faz questão de seus privilégios de classe” (2009, 169). Tais mulheres em atitude de alienação estão descomprometidas com a causa operária.

Num segundo estágio, Simone parte do “advento do maquinismo”, quer dizer, da Revolução Industrial como promotora da emancipação da classe trabalhadora e conseqüentemente da mulher, pois aí estava ela. Analisa a filosofia prática dos socialistas utópicos, Saint-Simon, Fourier, Cabet, Leroux, Pecqueux, Carnot, Legouvé, Bazard, mas reconhece que “as mulheres ocupam somente um lugar secundário no movimento saint-simoniano: apenas Claire Bazard, que funda e mantém durante breve período o jornal chamado *La Femme nouvelle*, desempenha um papel assaz importante” (2009, 170). Em geral, o socialismo reformista é favorável ao feminismo, porém, o grande revés do período entre o feminismo e socialismo, fica por conta de Proudhon que advoga a dependência da mulher em relação ao homem.

Os inícios do século XIX confirmam a deterioração social da situação das mulheres. Simone constata que “a mulher era explorada mais vergonhosamente ainda do que os trabalhadores do outro sexo” (2009, 172). Simone sintetiza a condição precária da mulher

Trabalham melhor e mais barato. Essa fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista

singularmente árdua e lenta... Metade dessas moças tornam-se tuberculosas antes de terminar seu aprendizado... Marx conta em uma nota de *O capital*: “o sr. E., industrial, disse-me que só empregava mulheres nos seus teares mecânicos, que dava preferência às mulheres casadas e, entre elas, às que tinham família em casa, porque mostravam mais atenção e docilidade do que as celibatárias e trabalhavam até o esgotamento das suas forças...” “Resumindo *O capital* e comentando Bebel, G. Derville escreve: Animal de luxo ou animal de carga, eis o que é, hoje, quase exclusivamente a mulher. Mantida pelo homem quando não trabalha é ainda mantida por ele quando se mata no trabalho.”⁴⁸

Em forma de conclusão, Simone avalia que o movimento feminista tanto na França como na Inglaterra em sua primeira fase, envolvendo líderes como Condorcet e Mary Wollstonecraft e posteriormente reiniciado com as ideias de Saint-Simon, carecendo de bases concretas, não logrou os resultados esperados. Contudo, ressalta, na segunda metade do século XIX, as figuras de Stuart Mill e sua luta no Parlamento britânico defendendo o voto feminino; Léon Richier, como o verdadeiro fundador do feminismo, “criando em 1869 *Les droits de la femme* e organizando o congresso internacional desses direitos em 1878” (2009, 183). Recorre uma vez mais à ligação entre feminismo e socialismo, pelo fato de que o congresso socialista de 1879 tenha proclamado a igualdade dos sexos. O século XX, como já mencionado, é marcado por avanços e retrocessos da causa feminina.

O volume 1 de *O segundo sexo* termina com uma Simone, ao que parece à primeira vista, resignada diante dos múltiplos privilégios masculinos e tendo que constatar que “tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens” (2009, 203). Para, num momento seguinte, fazer a denúncia, objeto desse primeiro volume, de que o conhecimento que a mulher tem de si mesma decorre de uma visão mitológica criada pelo homem acerca dela. E, assim expõe de forma emblemática os mitos criados sobre a mulher, desde o patrimônio bíblico assentado no Gênesis e Levítico, passando pelos mitos gregos e cristãos na antiguidade e medievo e, especialmente, nos pensadores e escritores modernos; poucos escapam à sua crítica, talvez apenas Stendhal passa incólume!

A obra de Simone de Beauvoir traz revelações radicais acerca da mulher na história da humanidade. Em suas densas páginas, a autora desenvolve suas

⁴⁸*Ibid.*, *op. cit.* pp. 173-174.

reflexões com objetivos claros em torno de dois problemas centrais: a) A questão da alteridade – O homem é o Sujeito, o absoluto e ela, a mulher é o Outro; b) A questão do destino – Ninguém nasce mulher: torna-se mulher, tema presente em toda a obra, mas desenvolvido no segundo volume.

O pano de fundo filosófico dessa obra seminal é que a questão da mulher não pode mais ser discutida a partir de sua identidade biológica centrada na reprodução e nem tampouco na superioridade da força física masculina. Corajosamente, Simone oferece outra explicação: a teoria da relação dialética entre senhor e escravo, deve ser lida em chave existencialista numa busca eterna pela liberdade. Segue os ditames do pensamento de seu companheiro, J. P. Sartre: "Quando, alguma vez, a liberdade irrompe numa alma humana, os deuses deixam de poder seja o que for contra esse homem. "Existencialismo e socialismo se mantêm como prismas privilegiados da leitura histórica beauvoiriana da condição feminina, como num recorte da "Condição humana" de Hannah Arendt, que entendendo o século XX como "tempos sombrios", certamente amenizados pelas luzes da própria Hannah, Virgínia Wolff, Susan Sontag, e, claro, de Simone de Beauvoir, como de inúmeras outras e outros.

1.2.4 Síntese do Capítulo 1

Simone de Beauvoir e *O segundo sexo*, no final da primeira metade do século XX, e após todas as lutas feministas do século XIX, de fato significaram tanto um amálgama de todo o esforço precedente para vencer o ostracismo social acumulado durante séculos imposto à mulher, quanto o avanço social desencadeado em vários setores, especialmente em relação à liberação sexual acontecida nos anos 1960 em diante. Assim, Simone refaz o caminho histórico da mulher na sociedade com a suspeita de praticamente tudo o que foi dito sobre ela pelos homens, nesse sentido, revisa grande parte da produção historiográfica da antiguidade, passando pela cultura cristã medieval até o período moderno do Iluminismo e da Revolução Francesa. Delata os fundamentos antropológicos e filosóficos da condição social da mulher utilizando-se do instrumental históricos da *Escola dos Annales* bem como das categorias marxistas de leitura da realidade. Num estilo profético e contundente expõe as vísceras da cultura patriarcal e machista vitoriosa no Ocidente, ressaltando

sua injustiça: a interdição social da mulher revelando seus tabus e a necessidade e possibilidade de superá-los.

2 GUY DEBORD, A ESPETACULARIZAÇÃO DA IMAGEM SOCIAL E O CONSUMO

2.1 MARCOS TEÓRICOS DA CRÍTICA DEBORDIANA EM A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A obra *A sociedade do espetáculo*⁴⁹ de Guy Debord, contendo nove capítulos e 221 curtos parágrafos ou aforismos mais longos, contundentes e proféticos, tornou-se não apenas um verdadeiro manifesto do “movimento situacionista”, como também um poderoso instrumento de análise social e um dos documentos mais importantes dos anos 1960 e 1970 contra a presença do capitalismo na sociedade atual e que, de certa maneira, continua relevante para o *modus vivendi* no século XXI, em que reina absoluto o capitalismo espetacular, agora como um *leviatã* indomável e insaciável. Debord, morto em 1994, e sua crítica ácida e certeira, fazem muita falta hoje.

É bem conhecido o posicionamento crítico-social de Guy Debord dentro do quadro cultural do *situacionismo* exposto nas propostas veiculadas pela *Internacional Situacionista*⁵⁰. Antes, porém, esteve envolvido no movimento da “internacional letrista”⁵¹, com forte presença da arte surrealista e da Bauhaus. Debord, com nítida influência de pensadores de *esquerda* como Karl Marx (1818-1883), Georg Lukács (1885-1971), Henri Lefebvre (1901-1991), seu amigo, e ainda, Jean P. Sartre (1905-1980), erige sua abordagem com relativa independência e

⁴⁹ Como já indicado na *Introdução*, utilizo aqui Guy Debord. *A sociedade espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, seguido da 4ª. Edição italiana de *A sociedade do espetáculo*, pp. 143-163e dos interessantes comentários do próprio Debord, pp. 166-237 escritos de fevereiro a abril de 1988.

⁵⁰ Foi um movimento político e cultural que se desenvolveu na segunda metade da década de 1960 e que, aspirando mudanças radicais na sociedade, basicamente denunciava a situação de espetáculo da cultura em geral como uma inversão da vida real e, por isso, propunha uma revolução por meio da arte, para que ela realmente tivesse uma função cultural e em sua própria superação conceitual pudesse construir uma verdadeira vida cotidiana sem intermediários imagéticos. Além de Debord, estavam envolvidos no movimento intelectuais como Raul Vaneigem, Alexander Trocchi, Michèle Bernstein, Attila Kotanyi, Ralph Rummey, entre outros.

⁵¹ Movimento nascido na década de 40 como parte da contracultura francesa nos anos 50, como cisma no movimento letrista de Isidore Isou.

originalidade, fazendo pender o movimento para posicionamentos políticos. De fato, Debord estava muito ligado a um marxismo revisionista a partir de concepções defendidas por Lefebvre e Sartre, com forte crítica da vida cotidiana e a construção de ideias subversivas como alternativa ao *status quo*. Simultaneamente, os situacionistas estavam cada vez mais distantes do Partido Comunista em decorrência do stalinismo deste, como também dos regimes burocráticos do Leste europeu.

Claro está que suas posições se alinhavam muito mais com o comunismo trotskista e com o anarquismo, importantes movimentos da esquerda radical, que em 1936 protagonizaram a Revolução na Espanha. Chama a atenção que, justamente um ano após a publicação de *A sociedade do Espetáculo*, acontece a revolução dos estudantes em Paris, em maio de 1968. Coincidência? Evidente que não!

Supõe-se que essa fundamentação no marxismo esteve mediada pelo grupo “Socialismo ou barbárie”⁵² em que estavam envolvidos nomes como o de C. Castoriadis (1922-1997) e F. Lyotard (1924-1998) possibilitando a ele construir uma teoria de eloquente crítica ao capitalismo consumista tardio do pós-guerra; quer dizer, ao modelo de *espetáculo* do cotidiano que se engendrava naquele momento histórico. Igualmente, se pode perceber também uma aproximação entre Debord e a Escola de Frankfurt, uma vez que se vinculava com a teoria crítica da sociedade industrial capitalista.

2.1.1 Vanguarda e situacionismo

Por meio de livros e revistas, Debord foi incorporando reflexões que dariam forma ao “situacionismo”. Na sua obra *Memoires*, de 1959, por exemplo, desenvolve ideias do que era conhecido como “Deriva”⁵³, uma metodologia de observação da cidade e da vida urbana que consistia em caminhar sem objetivo pelo espaço urbano,

⁵²Nomenclatura que se remete a Rosa Luxemburgo (1871-1919), a partir de um texto de 1916 – *O panfleto Junius*, considerado um dos escritos mais importantes de Rosa Luxemburgo. Este documento, graças à palavra de ordem “socialismo ou barbárie” é um marco na história do pensamento marxista. Rosa Luxemburgo compara a vitória do proletariado com “um salto da humanidade do reino animal ao reino da liberdade”.

⁵³*Teoria da Deriva* – Elaborada em 1958 por Debord, leva em conta que o meio urbano em que vivemos é um potencializador da situação de exploração vivida. Sendo assim, torna-se necessário inverter esta perspectiva, tornando a cidade um espaço para a libertação do ser humano. Apesar de ser inúmeros os procedimentos de deriva, ela tem um fim único, transformar o urbanismo, a arquitetura e a cidade. Construir um espaço onde todos serão agentes construtores e a cidade será um total.

observando as emoções das pessoas de acordo com o princípio da psicogeografia e criando novas situações comunitárias.

Assim, com esse desiderato de crítica ao *status quo* vigente, se apresentaram intelectuais, artistas, arquitetos, escritores etc., com o propósito de construir uma “arte aberta”, cultural e politicamente engajada. Nesse empreendimento multidisciplinar, Guy Debord, sem dúvida, exerceu um papel central de liderança com uma preocupação acentuada pela *urbe* com novas propostas arquitetônicas e urbanistas, tendo como máxima, “a recuperação da vida em um mundo que perdeu o sentido”. Na obra *A sociedade do espetáculo*, que ora nos ocupamos, Debord buscou dar uma descrição final aos propósitos do movimento situacionista, que a seguir expomos.

Com segurança se afirma que o *situacionismo*, conforme anunciado acima (nota 50), foi um movimento cultural de vanguarda presente no continente Europeu, a partir de Paris na segunda metade dos anos 50 do século XX e que ocasionou, segundo Ontañon, “não só uma estética, mas também uma das bases teóricas mais sólidas da crítica da sociedade e da cultura contemporâneas”⁵⁴. Precisamente em 1957, esse movimento formado de intelectuais de vanguarda, na sua grande maioria marxistas (como veremos mais adiante), publicou uma revista com o mesmo nome, cujo objetivo era criar novas situações de vida como alternativas diante do capitalismo galopante que, segundo eles, gestava a degradação na vida da população.

Para enfrentar tal condição, o situacionismo traz em seu discurso ideias e conceitos já presentes no *vanguardismo europeu*⁵⁵ de princípios do século XX e que tentava fundir a arte com a vida. Talvez o exemplo mais eloquente dessa nova vanguarda sejam mesmo as obras de arte do pintor dinamarquês Asger Oluf Jorg (1914-1973), amigo pessoal de Debord, que a partir de 1962 apresentou suas telas,

⁵⁴ Antonio Ontañon. “La vanguardia no se rinde: Guy Debord y el situacionismo”. In: *Situaciones – Revista de Historia y Crítica de las Artes*. Barcelona, 2 de marzo de 2012.

⁵⁵ O aparecimento de movimentos de vanguarda nas duas primeiras décadas do século passado significou uma ruptura com a tradição cultural do século XIX. Entre os principais movimentos, destacam-se: o *Futurismo* e seu interesse ideológico na arte; o *Cubismo* e a valorização das formas geométricas; o *Dadaísmo*: como grito de revolta contra a lógica do capitalismo burguês e do mundo em guerra; o *Expressionismo* que valoriza aquilo que chama de expressão, a materialização criativa (na tela ou no papel) de imagens geradas no mundo interior do artista; o *Surrealismo*: como o Expressionismo, preocupa-se com a sondagem do mundo interior, a liberação do inconsciente e a valorização do sonho.

e que na verdade eram modificações pictóricas sobre pinturas figurativas convencionais, alterando-as essencialmente. Ao final, ainda se podia ver a pintura original, contudo, um acréscimo posterior mudava totalmente seu sentido, tal abordagem, recordava obviamente a “herética” *Monalisa de bigodes* de Marcel Duchamps (1919). Também se destacou nesse grupo o arquiteto holandês Constant Nieuwenhuys (1920-2005), que projetou em 1950 uma cidade utópica, a *Nova Babilônia* e também escreveu um texto fundamental para o movimento: “Por uma Arquitetura de Situação” (1953), cuja proposta era a transformação da realidade cotidiana pela arquitetura, proporcionando situações novas nas cidades e rompendo com a monotonia. Contudo, há consenso que, se de um lado, Jorg fosse talvez o principal artista do movimento, Debord, com certeza, foi seu líder maior e ideólogo dentro de um grupo de vanguarda altamente politizado. De fato, havia uma quantidade razoável de pequenos grupos de vanguarda tornando muito estimulante o debate artístico, cultural e político, especialmente na década de 1950. Nesse sentido, a obra *A sociedade do espetáculo* (1967) foi não só o ponto culminante dessa presença vanguardista, mas representou igualmente uma síntese teórica de tudo aquilo que veio se acumulando desde os inícios do século e ainda uma inspiração para a continuidade da crítica da cultura e da sociedade alicerçadas no capitalismo, atitude essa, tão fundamental para a revolução estudantil de Paris em maio de 1968, como já mencionado.

Debord entendia que o *espetáculo* era o produto de um processo no qual se dava uma relevância extrema à *aparência* no meio social. Para ele, o capitalismo sufocava a criatividade da maioria das pessoas dividindo a sociedade em atores e espectadores, produtores e consumidores. Os meios de comunicação propiciam a *sociedade do espetáculo* com a evidente manifestação de sua superficialidade.

Do *vanguardismo europeu* (conf. nota 55), a inspiração estética do *situacionismo* veio, sobretudo, do *surrealismo*. Quer dizer, aquela indissolubilidade relacional entre a arte e a vida, uma base literária comum de seus trabalhos, o espírito revolucionário inicial, a necessidade de superação da arte, a organização fundamentada em um líder. Não obstante tais conquistas, há que se reconhecer; conforme indica Ontañon o “movimento foi incapaz de transformar a realidade” (Ontañon, 2012), ainda que fosse reconhecido como um importante capítulo na história da arte. Diante disso, os situacionistas buscaram uma renovação cultural

utilizando estratégias surrealistas com novas abordagens estéticas, como as que foram denominadas de “deriva” e “desvio”. A internacional situacionista deve ser entendida em seu conjunto de produção artística, filmica, teórica e política. Como dissemos, a internacional situacionista, sendo um grupo artístico de vanguarda, atuava com foco na cultura e suas estratégias estavam pensadas como instrumentos de transformação social.

O conceito de “deriva”⁵⁶, por exemplo, segundo Debord em 1958, constitui-se numa “atitude de caminhar ininterruptamente por ambientes diversos” (Debord, 1999) suscitando uma relação subversiva com a vida cotidiana na cidade capitalista contemporânea, uma espécie de boicote ao capitalismo instalado. Uma postura crítica às formas acomodadas e rotineiras de relação com a cidade tanto “no trabalho quanto no tempo livre” (Debord, 1999), lugares tradicionais de alienação que deviam ser questionados. O objetivo era a construção de uma cidade utópica, marcada por um urbanismo unitário, no qual o ambiente geográfico exercia uma influência direta no comportamento humano mediante técnica e arte, possibilitando a moradores a criação de mega estruturas tecnológicas.

Ademais, o situacionismo veiculava-se por meio do “Desvio” (*Détournement*), uma técnica de bricolagem do *dadaísmo* e do *surrealismo* como já mencionado a propósito de Jorg. A intenção era clara, por um lado, manifestar o caráter ideológico da imagem na sociedade de massas e o importante papel que pode ter a arte, e, por outro, a reutilização dessa mesma imagem com uma finalidade político-crítica.

2.1.2 Marxismo e socialismo

Como se sabe, Debord, em sua análise da sociedade capitalista, parte de uma categoria marxista de leitura da realidade, a *alienação*. Vai buscar o pensamento fundante dessa categoria na filosofia do século XIX de L. Feuerbach. Assim, como epígrafe inicial de sua obra, Debord cita o filósofo alemão:

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*. (*A essência do cristianismo*).

⁵⁶ Conforme acima já explicitado na nota 53.

A alienação, que em Feuerbach se instala a partir de um ato de *projeção*, origem dos sentimentos religiosos para superar a impotência humana na constatação de sua imperfeição, criando um ser perfeito sublimado, em Debord, exerce uma função de suspensão da atividade crítica, ou como pontua Coelho, “há uma neutralização da dimensão crítica...”⁵⁷, *habitat* ideal e propício para “uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”⁵⁸. A representação está construída como forma teatral da vida no quadro maior do “espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo” (1997, 13). Não é apenas que o espetáculo está presente na sociedade como uma força do mal, agindo aqui e acolá em vários setores da vida humana, nem tampouco que seja um “conjunto de imagens”, e sim que ele se constitui numa “relação entre pessoas, mediada por imagens” (1997, 14). O espetáculo, pois, não é uma conjuntura que se insinua como influência nos vários estratos sociais, não; é bem mais que isso! “Ele é uma *Weltanschauung* que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou”⁵⁹. O espetáculo, na visão debordiana, deve ser encarado como o próprio resultado e a forma da produção do capitalismo consumista. Deixa claro que o espetáculo

Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real... o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna⁶⁰.

Assim, Debord, a partir da crítica situacionista da sociedade, construiu seu modelo de espetáculo com firmes fundamentos marxistas e lukacsianos, precisamente os conceitos de “fetichismo da mercadoria”, “coisificação” e “alienação”. Um ambiente no qual os consumidores são tratados como objetos passivos que contemplam o espetáculo da coisificação. Por isso mesmo, seu livro almeja tanto a transformação quanto a revolução com a premissa da destruição do espetáculo. Quer dizer, a destruição de uma certa concepção de mundo que, atomizando os indivíduos, transformados em contemplativos, inertes e “apacados”,

⁵⁷ Cláudio Novaes Pinto Coelho. “Introdução: em torno do conceito de sociedade do espetáculo”, *In: Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 14.

⁵⁸ Guy Debord. *A sociedade espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 13.

⁵⁹ *Ibid.*, *op cit.*, p. 14.

⁶⁰ *A sociedade do espetáculo*, parágrafo 6, pp. 14-15.

no final, destrói a própria ideia de comunidade, uma vez que age com base na divisão social do trabalho, estabelecendo uma inexorável separação entre aqueles que detêm o poder e os demais cidadãos. O tema da separação está descrito nos parágrafos 25 a 28, diz ele:

A separação é o alfa e o ômega do espetáculo. A institucionalização da divisão social do trabalho e a formação de classes tinham construído uma primeira contemplação sagrada, a ordem mítica de que todo poder se cerca desde a origem. O sagrado justificou o ordenamento cósmico e ontológico que correspondia aos interesses dos senhores, explicou e embelezou o que a sociedade não podia fazer... Já o espetáculo moderno expressa o que a sociedade pode fazer... O espetáculo é a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência. Ele é seu próprio produto, e foi ele quem determinou as regras: é um pseudosagrado... Com a separação generalizada entre trabalhador e o que ele produz, perdem-se todo ponto de vista unitário sobre a atividade realizada, toda comunicação pessoal direta entre os produtores⁶¹.

Nessas condições, o trabalhador está alienado de seu trabalho e de seus companheiros, o que o condena a viver em seu mundo de alienação. O resultado exitoso de seu trabalho, o produto, retorna ao produtor como abundância da escassez. Todo tempo e espaço do mundo do trabalhador torna-se estranho para ele com a acumulação alienada de seu trabalho. Para fazer frente a isso, Debord e os situacionistas, construíam situações fora do normal e corriqueiro para causar um “choque” nas pessoas e como forma de derrubar o espetáculo e a economia mercantilista.

Obviamente que a linguagem religiosa utilizada é uma clara herança marxista da crítica à religião do pensador alemão de *O capital*. De fato, no parágrafo 20, Debord já havia sinalizado que “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas em que os homens haviam colocado suas potencialidades, desligadas dele: ela apenas os ligou a uma base terrena” (1997, 19).

Não sem razão, inicia o segundo capítulo com uma citação de Lukàcs: “quanto mais aumentam a racionalização e a mecanização do processo de trabalho, tanto mais a atividade do trabalhador perde seu caráter de atividade para tornar-se

⁶¹ *Ibid.*, parágrafos 25 e 26, pp. 21-22.

uma atitude contemplativa” (1997, 27)⁶². Aqui, Debord se dedica ao tema da “mercadoria” e de sua “fetichização”⁶³. O espetáculo, em sua eficácia artificial e poderosa, faz acontecer a dominação da sociedade em forma de *fetichismo*, por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, isto é, a realidade é apresentada de forma seletiva, convence-se por meio de um encadeamento de imagens e mensagens relativas à mercadoria, que seu movimento de aproximação aos indivíduos faz com que um movimento diretamente proporcional de afastamento e, por fim, de alienação, aconteça entre os mesmos.

Em seu estado pseudosagrado, a mercadoria fetichizada sublima sua essência: o *quantitativo* e o faz, em detrimento do *qualitativo*. Esse desenvolvimento, segundo Debord, na medida “em que encontrou as condições sociais do grande comércio e da acumulação de capitais, ela assumiu o domínio total da economia” (1997, 29). O cumulativo mercadológico, em sua voragem “transfigurou o trabalho humano em trabalho-mercadoria” (*Ibid.*). O que, por um lado, resolve o problema da sobrevivência, por conta do crescimento econômico, por outro, transforma o mercado em uma espécie de libertador do qual as próprias sociedades não conseguem mais se libertar.

O mercado e seu objeto material “sacramentado”, a mercadoria, estão guindados ao *status* icônico de autonomia e independência, imperando sobre a totalidade do sistema econômico. Uma vez mais, Debord caracteriza o fenômeno com a linguagem religiosa, segundo ele,

Como nos arroubos dos que entram em transe ou dos agraciados por milagres do velho fetichismo religioso, o fetichismo da mercadoria

⁶² G. Lukács. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁶³ Entre outras coisas, Marx expõe que, “Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente de seus trabalhos privados, só aparecem dentro dessa troca” (*O capital*, vol. 1, p. 71). O conceito marxista de “fetichismo” ligado à mercadoria, basicamente estabelece que as relações sociais dependem das coisas, das mercadorias. Assim, o sistema capitalista e o mundo mercantil adquirem um poder quase ilimitado, mágico, enfeitado. Com a circulação e universalização da mercadoria, a mesma domina o produtor e este passa por um processo de “coisificação”, os papéis se invertem e a esta coisificação das pessoas corresponde uma personificação das coisas. Processo denominado por Marx de *reificação*, que por sua vez tornar-se-ia a base do processo de alienação decorrente da industrialização moderna.

atinge momentos de excitação fervorosa. O único uso que ainda se expressa aqui é o uso fundamental da submissão⁶⁴.

Debord justifica a “dominação da mercadoria sobre a economia” (1997, 30), indicando como momento decisivo para tal, a revolução industrial, divisão fabril do trabalho e a produção em massa para o mercado mundial; com tais ingredientes, afirma, que “a mercadoria aparece como uma força que vem *ocupar* a vida social. É então que se constitui a economia política, como ciência dominante e como ciência da dominação” (1997, 30). Nesse jaez Debord agudiza seu discurso crítico e delata um tipo de imperialismo que domina, aquele que chega “nos lugares menos industrializados”, onde, “seu reino já está presente em algumas mercadorias célebres e sob a forma de dominação imperialista”, identificando tal momento como “segunda revolução industrial” (1997, 31). O operário anônimo, alienado e fragmentado, recebe de volta essa mercadoria de forma igualmente fragmentada e, em suas palavras: “O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (1997, 33). Entretanto, e aqui se manifesta o “espírito utópico” debordiano, absolutamente ancorado na história e que identifica nessa autonomia econômica seu próprio fracasso uma vez que não consegue alcançar a necessidade profunda do inconsciente social que só se realiza na “abolição das classes” para que operários tenham acesso direto à produção de seu trabalho, rompendo a sina da alienação.

O espetáculo age a partir do esfacelamento, da *precarité*, da anomia social, do banimento do contraditório e da história, e, por isso mesmo, reina de forma absoluta por meio da economia “que se tornou abundante” possibilitando o domínio do “mercado espetacular”. A abundância quantitativa, “sob a diversão furta-cor do espetáculo”, inaugurou e mantém um movimento de banalização para o consumo exacerbado em um cardápio multiplicado infinitamente fornecendo, *hic et nunc*, o gozo deste mundo. Debord insiste que

O espetacular difuso acompanha a abundância de mercadorias, o desenvolvimento não perturbado do capitalismo moderno. No caso da mercadoria considerada separadamente é justificada em nome da grandeza da produção da totalidade dos objetos, cujo espetáculo é um catálogo apologético⁶⁵.

⁶⁴A *sociedade do espetáculo*, parágrafo 67, p. 45.

⁶⁵A *sociedade do espetáculo*, parágrafo 65, p. 43.

Segundo Debord, o poder espetacular está dividido em duas formas sucessivas e rivais, “pairand o ambas acima da sociedade real, como seu objetivo e sua mentira”: a) *espetacular concentrada* – sublinha uma ideologia concentrada em torno de uma personalidade ditatorial; exemplos notórios: nazismo e stalinismo; b) *espetacular difusa* – destaca a tentação oferecida ao assalariado, de escolher entre uma grande variedade de mercadorias novas, estratégia presente no estilo de vida americano. Pouco depois, Debord identifica uma terceira forma do poder espetacular: c) *espetacular integrada*– que se articula pela combinação das duas anteriores e que tende a se impor mundialmente. Essa última, por meio de uma série de fatores históricos, se impôs na França e na Itália, manifestando tanto integração quanto difusão, conseguindo usar amplamente os dois aspectos. A partir desse formato, a sociedade modernizada, segundo Debord, “se caracteriza pela combinação de cinco aspectos principais: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico-estatal, o segredo generalizado, a mentira sem contestação e o presente perpétuo” (1997, 175). Oposto a esse modelo, Debord, fiel ao materialismo histórico, ainda que o mesmo também mereça críticas, entende que “O projeto de Marx é o de uma história consciente” (1997, 53), e o quantitativo elevado à condição de intocável e inquestionável, pela abundância e onipresença mundial, “deve transformar-se em apropriação histórica qualitativa” (*Ibid.*). Com isso, Debord sacramenta a teoria marxista da história, inclusive contra o conhecimento científico da burguesia. Cita a *Ideologia alemã*: “Conhecemos uma única ciência: a ciência da história”. A crítica à ciência vale também para as correntes do *socialismo utópico*⁶⁶, O próprio Marx se torna alvo da crítica debordiana,

A falha na teoria de Marx é a falha da luta revolucionária do proletariado de sua época. A classe operária não decretou a revolução permanente na Alemanha de 1848; a Comuna foi vencida no isolamento. Portanto, a teoria revolucionária ainda não atingira sua própria existência total. Ter sido obrigado a defendê-la e a explicá-la no trabalho erudito separado, no Museu Britânico, implicava uma perda na própria teoria... Desde o *Manifesto*, a tendência a fundamentar uma demonstração da legalidade científica do poder

⁶⁶ O *Socialismo utópico* foi um movimento de pensadores dos séculos XVIII e XIX que buscavam diminuir a grande desigualdade social gerada pelo capitalismo. Assim, buscaram um sistema econômico diferente. Seus principais teóricos foram: Henri de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Robert Owen (1771-1858).

proletário pela referência a experiências repetidas do passado obscurece o pensamento histórico de Marx⁶⁷.

Contra a revolução burguesa que se realizou e venceu na história, pois estava atrelada ao poder econômico, o único trunfo de que dispõe o proletariado é o de ser a *classe da consciência*; uma função profética de conscientização com denúncia e anúncio. Entretanto, como diz Debord, “A sociedade proclamou-se espetacular. Ser conhecido fora das relações espetaculares equivale a ser conhecido como inimigo da sociedade” (1997, 180). O que antes era dissimulado, a loucura do centralismo econômico e seu ambíguo proceder, presente também na indústria fonográfica “...que ergue e destrói coisas belas” (Caetano Veloso, *Sampa*) e na música e peça *Roda Viva* (Chico Buarque/Zé Celso), hoje se tornou uma “guerra aberta contra a humanidade; não apenas contra as possibilidades de vida do homem, mas também contra as de sua sobrevivência” (1997, 197). A nobreza de seu suicídio⁶⁸ talvez tenha sido seu último grito de protesto após testemunhar já nos anos 1990 o atropelamento da história e o triunfo final do reino das aparências não mais apenas nas grandes marcas da moda e nas grandes corporações multinacionais, mas o infinito poderio dos *mass media*, da grande imprensa, agora com um novo instrumento, a informatização da notícia, pois ela também é mercadoria.

2.1.3 A Escola de Frankfurt e o pós-modernismo – mudança de rota

Creio não ser exagerada a afirmação de que o fundamento mais evidente da *Teoria Crítica* desenvolvida pelos teóricos da “Escola de Frankfurt”⁶⁹, seja tanto por um lado, o criticismo kantiano expandido à cultura em geral, em particular àquela predisposição em autocriticar-se a fim de conhecer seus próprios limites como

⁶⁷ *A sociedade do espetáculo*, parágrafos 85 e 86, pp. 56-57.

⁶⁸ Este é o tema da biografia “The Game of War - The Life and Death of Guy Debord” (sem tradução para o Português), escrita pelo inglês Andrew Hussey. Em entrevista acerca da obra, perguntado sobre o suicídio de Debord, Hussey responde que: “diria que é o ponto central, mas percorre todo o livro. Não podemos entender Debord inteiramente sem que entendamos o modo como deu fim à sua vida. Uma de suas qualidades heróicas é que pensava a vida e a arte como uma totalidade. O suicídio é um “potlatch”, um presente que não pode ser retribuído. É um ato nobre e poético”.

⁶⁹ A *Escola de Frankfurt* nascida nos anos 20, primeiramente com uma visão fortemente marxista, teve, partir da década de 30, sob a direção de Max Horkheimer (1895-1973), uma visão ampliada para a interdisciplinaridade, incluindo sociologia e psicologia. Nomes como, Theodor W. Adorno (1903-1969), Herbert Marcuse (1898-1979), Walter Benjamin (1892-1940), Ernst Bloch (1885-1977), Erich Fromm (1900-1980), foram pesquisadores notáveis dessa escola ou associados a ela. Atualmente seu maior representante é Jürgen Habermas (1929).

pensava o filósofo de Konisberg, quanto, por outro, a crítica marxista da sociedade e a teoria psicanalítica proveniente de Freud.

Se por um lado, Herbert Marcuse⁷⁰, mais tardiamente, delata de forma contundente a função ideológica da notícia, fazendo cair a máscara daqueles que fabricam a notícia operacionalizando conceitos ideologicamente de maneira unidimensional e, bem antes, já Walter Benjamin o fazia em relação à destruição do sentido maior da obra de arte com seu livro seminal *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica* (1936); por outro, Adorno & Horkheimer deixam claro que “Cada espetáculo da indústria cultural vem mais uma vez aplicar e demonstrar de maneira inequívoca a renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas”⁷¹. A sociedade do espetáculo, que se desenvolve a partir das conquistas da industrialização, move-se célere com as pernas do pragmatismo e utilitarismo, um tipo de razão instrumental que a seu tempo levou à quase destruição da raça humana no século XX e seu efeito devastador contínuo se evidencia a favor da erosão cultural, do dismantelamento dos nexos sociais e da anomia do pensamento. Na visão crítica frankfurtiana,

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura. O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração⁷².

Entre a variedade de temas que compõe a teoria crítica frankfurtiana, talvez o que mais tenha exercido influência sobre Debord e sua cruzada diz respeito ao conceito de “coisificação” (*Verdinglichung*) da teoria marxista desenvolvido por Adorno nas várias etapas de seu itinerário intelectual, mas especialmente em seu período de maturidade intelectual a partir da década de 1930⁷³. Nesse período três ensaios sobre a “coisificação da música” se destacam: a) *Sobre a situação social da*

⁷⁰ Refiro-me a obra *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. Acerca disto ver Fábio C. Marques. “Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa”, *In*: Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro (orgs.) *op. cit.*, pp. 33-60.

⁷¹ Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 116.

⁷² *Ibid.*, *op. cit.*, p. 108.

⁷³ Seguimos aqui a classificação oferecida por Álvaro Valls. *Estudos de estética e filosofia da arte: numa perspectiva adorniana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

música (1932); b) *Sobre o jazz* (1936); c) *Sobre o fetichismo na música e a regressão da audição* (1938). Seu enfoque geral é o de que a música como fenômeno social dentro do sistema capitalista sofre de “alienação”, quer dizer, uma vez que a música está definida como mercadoria, está por isso mesmo subordinada ao valor-de-troca. Valls, especialista arguto do pensamento adorniano, explica que, nesse sentido, “tendencialmente desaparece a satisfação imediata das necessidades humanas. O valor dessa música é agora o do mercado”⁷⁴. O jazz, por exemplo, prossegue Adorno “é mercadoria, indústria e negócio artístico e, além do mais, preenche uma função ideológica... não suprime a alienação, mas a reforça. A alienação, de que aqui se fala, é a alienação social. O homem alienado busca no jazz uma fuga do mundo da mercadoria” (Valls, 2002, 112). O eco de tais palavras repercute em Debord:

Ao lado da simples proclamação da beleza suficiente da dissolução do comunicável, a tendência mais moderna da cultura espetacular – e a mais ligada à prática repressiva da organização geral da sociedade – procura recompor, através de “trabalhos de conjunto”, um meio neoartístico complexo a partir dos elementos decompostos, sobretudo nas buscas de integração dos destroços artísticos ou de híbridos estético-técnicos no urbanismo. Isto é a tradução, no plano da pseudocultura espetacular, do projeto geral do capitalismo desenvolvido que visa a retomar o trabalhador parcelar como ‘personalidade bem integrada no grupo...’⁷⁵.

Dois anos mais tarde, Adorno radicaliza seu diagnóstico, não só o jazz, mas a “música se tornou mercadoria” tanto pelo produto em si (a música) quanto pelo público que a recebe e consome. Esclarece Valls que “a coisificação se encontra nos dois níveis: tanto se pode dizer que a música produzida é coisificada, quanto se pode descrever a coisificação no comportamento social do ouvinte, isto é, a coisificação como fenômeno do público hodierno: *o público coisificado*” (Valls, 2002, 118). Assim, a arte, tradicional reduto das diversas vanguardas ocidentais, também estaria engolida pelo fator mercadológico oriundo da indústria cultural, pelo menos é essa a tese geral desenvolvida pela teoria crítica de Adorno e seus companheiros em Frankfurt e partilhada na década de 1960 por Debord. De fato, para Debord, a ideia de indústria cultural frankfurtiana consegue explicar muito bem o domínio que hoje a sociedade do espetáculo exerce sobre o todo da vida social, indicando o

⁷⁴ Álvaro Valls, *op. cit.*, p. 101.

⁷⁵ *A sociedade espetáculo*, parágrafo 192, p. 126.

próprio controle da economia pelos grandes conglomerados empresariais globalizados. Adorno, já na década de 1940 do século passado, lamentando o “estiolamento da individualidade”, reconhece que

O indivíduo deve sua cristalização às formas da economia política, em particular ao mercado urbano. Mesmo como oponente das pressões da socialização, ele permanece sendo seu produto mais característico e a ela semelhante... O indivíduo reflete, precisamente em sua individuação, a lei social preestabelecida da exploração, por mais que essa seja mediatizada⁷⁶.

Percebe-se, pois uma nítida espécie de “afinidade eletiva” entre Debord e Adorno. Essa aproximação está também reconhecida pela penetrante análise que faz Jappe das teses debordianas; diz ele

Que muitos dos aspectos mais fortes da teoria de Debord inscrevem-se na linha de continuidade e de autocrítica do esclarecimento, isto é, da dialética do esclarecimento. Entende-se por “esclarecimento” aqui, a definição que lhe deram Adorno e Horkheimer... O esclarecimento sempre se empenhou em revelar que as forças que dominam a sociedade são de origem humana, ou que, de qualquer modo, é possível submetê-las a um controle racional por parte do homem⁷⁷.

Entretanto, o final dos anos 1970 e principalmente a década de 1980 demarcam uma mudança de orientação no pensamento de Debord. Autores, obras, ensaios, discussões, em torno do fenômeno “pós-moderno” ou da *condição pós-moderna* causam nele uma significativa alteração teórica em seus posicionamentos de leitura da realidade. Permanece, ainda hoje, a dúvida se Debord poderia ser classificado dentro dessas categorias pós-modernas, como um filósofo da pós-modernidade e se seus novos aportes caberiam nessa agenda; por não ser nosso objetivo, se faz arriscado aqui emitir um juízo mínimo a respeito, contudo, não é difícil perceber “coincidências” relevantes. Se nos anos 1960, Debord havia destacado sobremaneira a diferença entre o real e o espetáculo, nessa outra fase ele está sensível para o fato de que pode não mais haver uma distinção explícita e por isso relativiza o conceito marxista-frankfurtiano de “alienação”. Subsiste nesse novo tempo uma coexistência de realidades possibilitada pela “simulação”. Jean

⁷⁶ Em *Minima moralia*. São Paulo: Ática, 1993, pp. 130-131.

⁷⁷ Anselm Jappe. “O Passado e o presente da teoria (de Debord) – A crítica situacionista no contexto de sua época”. In www.krisis.org/1999. Desse autor, ver também, sobretudo, SIC TRANSIT GLORIA ARTIS – O “fim da arte” segundo Theodor W. Adorno e Guy Debord. In: guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/sic-transit-gloria-artis.html

Baudrillard⁷⁸ é um nome fundamental nessa guinada filosófica e Debord, de fato, expõe-se ao pensamento de teóricos da pós-modernidade. Coelho compartilha essa ideia e agrega que “Os argumentos desenvolvidos por Debord a respeito do espetacular integrado parecem semelhantes às afirmações de Baudrillard sobre a indistinção entre o real e o imaginário” (Coelho, 2006, 23). Porém, pode-se falar de uma apropriação das ideias debordianas por correntes do pensamento pós-moderno. C. Frederico, em artigo elucidativo pontua que houve uma retomada do pensamento de Debord, mas “à custa de uma radical inversão do seu sentido originário”⁷⁹. O que se pode perceber é que Baudrillard, Jameson, Maffesoli, Guiddens, Debray, Touraine e vários outros partem de Debord e, obviamente, o leem com liberdade hermenêutica necessária e crítica.

Como se sabe, Lyotard⁸⁰ é quem dá início a essa discussão e questiona a forma unívoca de compreensão do fato social, colocando em interdito os grandes relatos definidores da verdade social. Para o pensamento pós-moderno existe uma desconfiança inerente quanto à hegemonia do conhecimento, a epistemologia clássica-moderna fica sob suspeita. Baudrillard, por sua vez, fala de uma hiper-realidade, fruto de sínteses combinatórias e bricolagens de conceitos. Maria H. Braga, comentando Baudrillard, interpreta, a partir de uma definição básica, que: “simular é fingir ter o que não se tem”. Constata que a ausência está implícita. No entanto, aprofunda: “quem simula uma doença produz em si mesmo alguns dos sintomas”. Para ela, a simulação “ameaça a diferença entre o real e o falso, entre o real e o imaginário, na medida em que o imaginário pode tornar-se real e/ou impor-se sobre esse através do estado de simulacro”⁸¹. Essa substituição da realidade pela imagem dessa, criada mediante o espetáculo, reveste-se de totalidade para Debord ocasionando uma completa desfiguração do mundo.

Tal processo diz respeito também à cultura, entendida como reflexo e prefiguração, em cada momento histórico, das possibilidades de organização da vida cotidiana; e composto de estética, sentimentos e os costumes por meio da reação de uma coletividade diante da vida conforme lhe é dada objetivamente pela

⁷⁸ Desse autor, para o tema que ora nos ocupamos, Destacam-se: *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1981; *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996; *A sociedade de consumo*. Lisboa: Ed. 70, 2011.

⁷⁹ Celso Frederico. “Debord: do espetáculo ao simulacro”. In: MATRIZES/USP Ano 4 número 1. São Paulo, 2010, pp. 179-191.

⁸⁰ Jean-F. Lyotard. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

⁸¹ Em <http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitagrama/numero3/mariahelena.asp>

economia. Debord, a partir do conceito frankfurtiano de *indústria cultural*, vê a cultura subjugada ao sistema econômico capitalista, do qual passa a depender toda a realidade na qual nos desenvolvemos. Essa substituição total da realidade é o que Baudrillard, como já indicado, denominou “simulacro”. O simulacro é aquele resultado da produção de uma existência que não diz respeito à realidade e que carece por completo de sua referência. Na medida em que o simulacro se expande a realidade é aniquilada. Isso é o que diz Baudrillard ao indicar que as imagens têm um “poder mortífero” e que são “assassinas do real”. O simulacro não está restrito ao âmbito do material. O perigo do simulacro é que se estende também ao âmbito do ideológico, da superestrutura.

Ademais, do simulacro depende a imagem que temos do mundo e a partir dessa imagem que se tem, se configura toda a realidade. Por esse motivo, tanto Debord quanto Baudrillard, e muitos de seus contemporâneos, alertavam sobre o perigo que se apresentava ao mundo, negando-o mediante sua suplantação. O que antes engendrava a religião, na segunda metade do século XX está produzindo um excesso de espetacularidade juntamente com os *mass media*. Debord e Baudrillard, entre outros, denunciam o crescente poder da ignorância e a desinformação que afetam a totalidade da realidade. Esse novo poder atinge especialmente o contexto da cultura, por isso mesmo a criatividade e com ela a capacidade de autonomia do indivíduo, de pensar por si mesmo e ser capaz de desenvolver algo fora do que é dado.

Assim, progressivamente a verdade vai sendo substituída por uma representação. José de Souza Martins, professor titular de Sociologia da USP, em recente artigo – “Os rótulos da modernidade”⁸² – esclarece que: “Fundamentalmente, na pós-modernidade, para que acreditem em nós, precisamos mentir, fingir, representar. Somos o que parecemos ser e não o que somos de fato. A sociedade pós-moderna é um jogo, em que fingir é mais importante do que ser. Uma sociedade em que não basta ser honesto: é preciso fingir que se é honesto para que acreditem em nossa honestidade”.

Liquidez, volatilidade, diluição etc., tornam-se palavras-conceitos usuais nesse novo tempo, tentando definir um tipo de *modernidade tardia*. Tal pluralidade se vê inserida naquilo que comumente aprendemos chamar de pós-modernidade, ou

⁸²<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/luiza-rodalinguagens/conversations/topics/51>

hipermodernidade, como quer o filósofo contemporâneo G. Lipovetski, identificando suas máximas: individualismo/hedonismo/narcisismo e pulverizando o conceito de verdade –“cada um tem a sua” – e a única realidade absoluta é exatamente o “relativismo”; uma “era do vazio”⁸³, diz ele. Ou a fragmentação no “tempo das tribos”⁸⁴ urbanas, segundo Maffesoli, como superação dos próprio individualismo por meio de pequenas coletividades com “afinidades eletivas”. Ou ainda, como quer Zygmunt Bauman, como uma “era líquida”⁸⁵, indicando o esgotamento do modelo moderno, a exaustão das utopias, dos grandes sistemas de explicação e sentido das coisas, bem como o fim de qualquer idealismo. Muito antes deles, sabe-se, Nietzsche se antecipara qual profeta vaticinando como absurdo o otimismo ingênuo da modernidade ufanista, da *gaia ciência*.

2.2 A ESTÉTICA DO VEDETISMO

Debord, ao tratar, no capítulo III, das duas concepções de mundo: a proletária e a burguesa, indica que, não obstante suas particularidades, o que se tem de fato como sociedade do espetáculo é que o mundo está dominado por um sistema universal: o capitalismo (parag. 56, p. 38). Tal domínio se estende tanto pela hegemonia econômica quanto por meio do espetáculo propriamente dito. Nesse particular, ela (sociedade do espetáculo) oferece os bens que devem ser desejados. Debord explica que,

A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular, a despeito das barreiras protecionistas ideológico-políciais de qualquer espetáculo local com pretensões autárquicas⁸⁶.

Com isso, Debord destaca o fenômeno da aparência como fator preponderante no domínio mundial. A função estética do espetáculo, seu fetiche e reificação, estão aqui imbricados como elementos de catalização e persuasão no

⁸³ Gilles Lipovetski. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005, Talvez uma das obras mais representativas desse novo momento.

⁸⁴ Michel Maffesoli. *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, 2006.

⁸⁵ Especialmente *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁸⁶ *A sociedade do espetáculo*, parág. 58, p. 39.

desejo desmesurado do consumo. Tiburi esclarece que, “No âmbito do fetiche, a mercadoria hoje é experimentada como uma espécie de drogadição... Aquilo que vem sendo chamado de “consumismo” diz respeito à prática geral da fissura”⁸⁷. Um consumo que não acaba de saciar-se em decorrência de uma renovação constante na aparência da mercadoria a ser adquirida, pois ela sempre pode mais, um poder que enfeitiça o espectador. Sobre isso ele diz

O movimento de *banalização* que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papeis e os objetos a escolher⁸⁸.

Nesse estado de coisas, a figura da *vedete* torna-se, para Debord, a principal metáfora a ilustrar o mecanismo que faz funcionar de maneira competente a sociedade do espetáculo. Ela serve para sublimar a realidade estilizada, disfarçando sua precariedade. “As vedetes existem para representar tipos variados de estilo de vida e de estilos de compreensão da sociedade, livres para agir *globalmente*” (parág. 60, p. 40). O velho fetichismo religioso com seus arroubos, transes êxtases e atuações performáticas incandescentes cedeu lugar ao novo fetichismo, o da mercadoria, que segundo Debord, “atinge momentos de excitação fervorosa” (parág. 67, p. 45). O espetáculo é, sobretudo, imagem, aparência, representação, aquilo que se percebe e que é percebido e desejado.

2.2.1 O mundo como imagem, aparência e representação

Fica bem evidente que o conceito de *imagem* em Debord é um elemento central em sua obra, exatamente porque a imagem possui o poder de mediação. No parágrafo 4 ele afirma que “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (1997, 14). Juliana Tonin é precisa na leitura que faz da importância da imagem para Debord. Diz ela que essa tese 4,

condensa em apenas duas linhas a certeza de que há uma redefinição do social, de que a imagem é o elemento fundamental dessa mudança, mas não o suficiente. Acredita-se que, justamente nessa insuficiência, se abrem os espaços para as divergentes interpretações

⁸⁷ Márcia Tiburi e Andréa Costa Dias. *A sociedade fissurada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 136. As autoras desenvolvem um interessantíssimo conceito para o entendimento da sociedade contemporânea: a “fissura” essa “loucura por alguma coisa”, uma “força tremenda que move a um desejo irresistível” (citações da primeira orelha da obra).

⁸⁸ *Ibid.*, *op cit.* parág. 59, p. 39.

do social... é essa mediação imagética que apaga a autenticidade, o concreto do vivido, ou seja, deixa de ser verdadeira a relação entre homem e mundo. Além disso, ela promove a separação dos indivíduos na ilusão de uma unidade, significando que inautêntica também se torna a relação entre homem e semelhante. Isto interfere diretamente na qualidade das formações que derivam dessas relações, tais como as comunidades/sociedades. Assim, as relações sociais se estabelecem entre seres alienados, apagados em suas individualidades, seres que vivem necessidades socialmente sonhadas, vivem por procuração, através de vedetes que representam o que não são, vivem, enfim, dogmas de um espetáculo, que é o motor do/movido pelo apogeu do consumo⁸⁹.

“A crítica da sociedade do espetáculo é a crítica da sociedade que reduz a vida humana à aparência” (Coelho, 2006, 18). Debord denunciará a *aparência* com base imagética como uma espécie de sacramentalização do espírito, que ao final o domina, objetivando-o, favorecendo a coisificação da vida no espetáculo. Segundo ele,

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes... o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência... O espetáculo... Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência⁹⁰.

Essa ideia de *aparência* estará bem presente e desenvolvida em vários teóricos, em especial os da escola francesa, com filósofos e sociólogos à frente. Aí nesse campo de pensamento aprofunda-se a análise da *estética*, até como contraponto, que não mais está restrita ao universo das artes, mas se apresenta como teoria do espetáculo.

Michel Maffesoli é um desses teóricos que explora tal ideia. Em sua obra *No fundo das aparências*⁹¹, nomeia o primeiro capítulo: *Homo estheticus*. Para ele a estética nesse momento histórico denominado de pós-moderno, ganha um status funcional de ética. Mais adiante, reconhece que o reino da aparência “não deixa de ter uma dimensão alienante” (Maffesoli, 1996, 174), reconhece a influência da *sociedade do espetáculo* de Guy Debord e ao mesmo tempo agrega uma sutileza,

⁸⁹ Juliana Tonin. “Paradoxos da imagem”. Revista Ecopós, v.1 núm. 2, 2011. UFRJ. In http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1212/1149

Dessa mesma autora ver: “A imagem em Guy Debord”. In: Cristiane F. Gutfriend e Juremir M. da Silva. *Antes e depois de Guy Debord*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007, pp. 43-60.

⁹⁰ Guy Debord, *op cit.* pp. 16-17.

⁹¹ Michel Maffesoli. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

vendo na *aparência* possibilidades, como a expansão da astúcia, e que os indivíduos e o próprio grupo social “avancem mascarados” e consigam se proteger “às diversas injunções de todos os poderes, quaisquer que sejam: políticos, religiosos, morais, intelectuais”⁹². A diferença entre os dois pensadores pode ser explicada pelo fato de que, no momento de Debord (anos 1960) cultivava-se aquela grande utopia revolucionária que se iniciava na denúncia. Debord é um utópico no estilo profético e que, portanto, se frustra, mas continua com sua utopia avançando sempre almejando a revolução. Imagine-se a revolução estudantil de 1968, apenas um ano após a publicação de sua obra, era uma profecia se cumprindo. Mafesoli, por sua vez, está posto em outro momento os anos 1970 e pertence ao relativismo pós-moderno, a ausência de meta-narrativas, de verdades últimas, ou, como ele próprio diz,

O desengajamento político, a saturação dos grandes ideais longínquos, a fraqueza de uma moral universal podem significar o fim de uma certa concepção de vida, fundada sobre o domínio do indivíduo e da natureza, mas isso pode também indicar que uma nova cultura está nascendo⁹³.

Em Debord, a denúncia se refere a uma sociedade do espetáculo que operou no meio social e na consciência dos indivíduos uma grande transformação: o mundo real está reduzido a imagens, as representações imagéticas são agora a própria realidade, um tipo de *matrix*, diríamos hoje, domina a cena do real e possui o controle total da sociedade, sem diálogo, sem reconsideração – instalou-se um monopólio da aparência! Debord faz uma analogia com o reino do religioso, certamente uma reminiscência feuebachiana, diz ele que “O espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa.” (Debord, 1997, 18). Quer dizer, não se necessita mais uma projeção transcendente, etérea, supranatural, “A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas em que os homens haviam colocado suas potencialidades, desligadas deles: ela apenas os ligou a uma base terrestre.” (Debord, 1997, 19). Semelhante ao que desenvolveu Ellul⁹⁴ acerca da importância que se deu no Ocidente ao aspecto imagético da liturgia em detrimento da palavra. Esse autor, comentando Debord, diz,

⁹² *Ibid.*, loc cit.

⁹³ *Ibid.*, op cit., p. 16.

⁹⁴ Jacques Ellul. *A palavra humilhada*. São Paulo: Paulinas, 1984.

Sociedade do espetáculo, sociedade que se dá em espetáculo a si mesma, sociedade que tudo transforma em espetáculo, paralisa tudo pelo espetáculo, situa o ator involuntário e inconsciente no papel de espectador, e cristaliza o que não é técnico na visualização. Sociedade constituída por, para e em função de, por meio da visualização. Tudo lhe sendo subordinado, nada existindo de significado fora dela⁹⁵.

Com isso, o homem já cindido interiormente, imerso em um pesadelo, “sonho mau da sociedade moderna aprisionada”(Ibid.), não desfruta mais de sua autonomia, não pode acordar de seu “sonho dogmático” como aconteceu com Kant ao ler Hume. Portanto, Debord entende que a eficiência do espetáculo é algo realmente autoritário em que a força da sociedade não está mais nela como queria Durkheim, mas se apresenta em “um império independente no espetáculo” (Debord, 1997, 20). O ambiente pós-moderno sobre o qual escreve Debord, Baudrillard, Maffesoli, Lipovetsky e vários outros depende do conceito epistemológico de imagem que, de fato, tornam-se importantes na constituição tanto do sujeito como da sociedade.

Como pontuou muito bem Maffesoli,

Assim como, na tradição bíblica, o ícone ou o ídolo impediam de adorar o verdadeiro Deus, “em espírito e em verdade”, a imagem ou o imaginário, de Descartes a Sartre, entravavam o bom funcionamento da razão... Imagem publicitária, imagem televisiva, imagem virtual. Nada lhe escapa... Tudo deve ser visto e apresentar-se ao espetáculo⁹⁶.

A proposta da teoria crítica de Guy Debord se fundamenta nos três conceitos clássicos marxistas de fetichismo da mercadoria, alienação e reificação. Debord percebeu que o conceito mercadoria-forma dominava o capitalismo contemporâneo. É dessa constatação que Debord elabora sua teoria crítica. Essa realidade fabricada pela mercadoria fetichizada é o que ele denomina “espetáculo”. O espetáculo é, pois, a aparência do capitalismo, sua “epiderme”. Com essa aparência “poderosa” se conseguiu o domínio total da vida cotidiana. Junto com isso, segundo Aquino, Debord se utiliza do conceito de imagem para explicar que

as relações sociais fetichistas, fundadas na autonomização do valor e estendidas à totalidade do uso social do tempo, do espaço, para além do trabalho assalariado, mas essencialmente obedecendo à sua lógica disciplinar e contemplativa. As imagens e representações que, no

⁹⁵ Ibid., op cit., p. 116.

⁹⁶ Michel Maffesoli. “Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social”. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (orgs.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre; Sulina/Edipucrs, 1999, p. 53.

espetáculo, substituem o diretamente vivido são, antes de tudo, uma forma de relação social nas quais os indivíduos, que nela se relacionam, se posicionam efetivamente como espectadores contemplativos em e de suas próprias atividades e relações genéricas⁹⁷.

Sem esquecer aqui a insubstituível conceituação de imagem proporcionada por Vilém Flusser, segundo a qual

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra a cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – homem que vive magicamente –, a realidade reflete imagens⁹⁸.

Com o conceito de imagem se chega ao da aparência e aparição, de origem hegeliana, mediada por Marx e pela escola de Frankfurt e absorvido por Debord para subsidiar seu abrangente conceito de “espetáculo”. Da mesma forma, Debord absorve o caráter fetichista não em sua natureza física da forma-mercadoria, mas em sua “forma social” em meio ao intercâmbio mercantil e com base na lei do valor. Dessa forma, as relações entre indivíduos ficam mediadas pelas coisas – gerando uma coisificação social.

Nessa linguagem debordiana, domínio, autoritarismo, monopólio indicam que o espetáculo mantém em sua origem a marca do poder, ele claramente afirma que “a especialização do poder está na raiz do espetáculo”, ou seja, que o gene do espetáculo é o poder. Contudo, não obstante identificar o poder na base do espetáculo, parece ser que Debord realmente privilegia a sociedade onde pessoas desempenham um papel, são menos pessoas e mais personagens. Schwartzberg, fazendo menção da obra de Debord, pontua que “hoje em dia, o

⁹⁷ João Emiliano Fortaleza de Aquino. “Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord”. In: *Kriterion* vol. 48 no. 115 Belo Horizonte, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100010>

⁹⁸ Vilém Flusser. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011, p. 23.

espetáculo está no poder não mais na sociedade”⁹⁹. De todos os modos, o poder que se instaura no Estado moderno, recebe sua força de um tipo de “comunicação instantânea unilateral” que pode estar nas mãos do Estado, como quer Schwartzberg, ou em poder de grandes corporações privadas da “cultura de massa” ou na linguagem frankfurtiana, da “indústria cultural”, como vimos acima. Aqui se percebe uma coincidência¹⁰⁰ em que para ambos a realidade aparente, como no “Show de Truman” (1998) ou “Matrix” (1999), é, de fato, um cenário, uma virtualidade conduzida em uma realidade montada. As falhas são sutis, mas existem, é preciso percebê-las e denunciá-las, como fez Debord.

2.2.2 O consumo como *modus vivendi* – uma interlocução pós-moderna

Após decênios de estudos e reflexões teóricas sobre a sociedade contemporânea, inclusive, grande parte delas como reação à obra de Debord, se percebe com certa facilidade que a cultura, denominada temporariamente de *Pós-moderna*, coincide com o fenômeno cultural (sócio-político-econômico) de maior importância na atualidade – a *Globalização*¹⁰¹. Tal fenômeno, em seu dinamismo de distribuição e circulação de bens materiais por todo o mundo e ainda por seu poder hegemônico de imposição de conceitos, com base em imagens, símbolos e signos, mesmo nas culturas mais distantes, fez surgir no cenário atual um tipo de sociedade em que sua própria identidade está definida pelo *Consumo* e não apenas marcada por ele. Quer dizer, aquilo que no ocaso da modernidade (pós-industrial) se manifestava apenas como sintoma de um novo tempo, da segunda metade do século XX em diante, se

⁹⁹ Roger-Gérard Schwartzberg. *O Estado espetáculo*. Rio de Janeiro, Difel, 1978, p. 1, nota 1. Este autor indica que “Agora, é a superestrutura da sociedade, é o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, “Estado espetáculo”. De uma maneira sistemática e organizada. Para melhor divertir e iludir o público de cidadãos. Para melhor distrair e desviar. E mais facilmente transformar a esfera política em cena lúdica, em teatro de ilusão”.

¹⁰⁰ Destaque feito por Antonio Hohlfeldt. “Imagem e identidade através da cultura ocidental”. In: Juremir M. da Silva e Cristiane F. Gutefriend (orgs.). *Guy Debord: antes e depois do espetáculo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 103.

¹⁰¹ A quantidade de reflexões acerca da *Globalização* é imensa, aqui indicamos apenas aqueles diretamente ligados com a proposta dessa pesquisa: Anderson M. Retondar. *Sociedade de Consumo, modernidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2008; Anthony Giddens. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença, 2000; Fredric Jameson. “Pós-modernismo e sociedade de consumo”. *Novos Estudos CEBRAP*, 12, 16-26, 1995; David Harvey. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1994; M. Featherstone. “A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32, 105-124, 1996; G. Lipovetsky. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

apresenta como a própria essência do pós-modernismo. Sobre a pós-modernidade, Sanchez Irabu, citando a Featherstone, esclarece que ela

deve sua origem, em parte ao consumo que apoia diretamente a atividade das transformações da realidade, onde as imagens e a fragmentação do tempo converteram a atividade do homem atual em uma série de presentes perpétuos, e onde também a reflexão histórica da vida fica relegada ao momento; que uma vez aplicada à sociedade de consumo promove a atividade comercial, sem ter consciência, em muitas ocasiões da temporalidade dos objetos senão que os cria para satisfazer necessidades, nem sempre primárias senão passageiras ou momentâneas¹⁰².

Isso ocasionou um novo modelo para as relações sociais que doravante seriam mediadas pelos objetos num processo de “coisificação”. Objetos reificados e fetichizados vão ocupando o lugar dos indivíduos na indústria cultural do espetáculo.

O resultado desse conjunto de fatores está nas ruas: a sociedade hoje é *Sociedade de Consumo, par excellence*, inaugurando um novo *ethos* e alterando valores, princípios e estilos de vida em que o *individualismo* se tornou uma espécie de bandeira hasteada em todos os setores da vida, negando-se a compromissos com ideologias ou utopias modernas universalistas (sócio-político-religiosas), no máximo um *link* “tribal” (Maffesoli), “líquido” (Bauman), de “hiperconsumo” (Lipovetsky), de “simulação” (Baudrillard), de preferência!

Debord, em sua análise da sociedade como espetáculo, parte inicialmente de uma perspectiva materialista na qual o consumo é considerado como um momento no ciclo de produção e de reprodução social em que se consegue tanto a expansão do capital quanto o aumento da força de trabalho. Nesse enfoque, a escolha do ato de consumir não pertence ao indivíduo, mas às grandes estruturas de administração do capital. Posteriormente, utiliza-se também de uma visão na qual o consumo está relacionado a distinção de classes e grupos, levando-o a sublinhar os aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora, quer dizer, os objetos carregam códigos identitários que podem ser decodificados por seus consumidores

Conforme já mostrado acima, as afinidades conceituais e de leitura da realidade entre Debord e Baudrillard não são coincidências. Convergem precisamente sobre a abundância da produção que configura a atual sociedade de

¹⁰² Raúl Arturo Sanchez Irabu. *El simulacro de las marcas de consumo*. In <http://www.eumed.net/libros-gratis/2009b/562/>

consumo e que se tornou o núcleo desse espetáculo, um simulacro de realidade; contudo, reproduz, guardadas as devidas proporções, uma materialidade da antiga ilusão religiosa. O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão dessa produção industrial. O que cresce com a economia que se move por si mesma não pode ser mais que alienação que se encontrava em seu centro original. O espetáculo é o momento no qual a mercadoria chegou à ocupação total da vida social. Debord assevera que, nesse ambiente de totalidade consumista, “O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral”¹⁰³. Nesse novo *habitat*, a multiplicidade de objetos adquiríveis é praticamente infinita e o sufocamento se torna inevitável e a identidade do sujeito dilui, evapora.

Baudrillard, seguindo as indicações assinaladas por Debord, aprofunda a questão. Para ele, uma nova fauna e uma nova flora de objetos, serviços e bens materiais são produzidas pelo homem. E, “no fausto e na profusão correspondentes, constituem o produto de uma atividade humana, sendo dominadas, não por leis ecológicas naturais mas pela lei do valor da troca”¹⁰⁴. Novo ambiente, novas leis de convivência!

Aprofunda mais ainda a temática quando adere à linguagem religiosa como metáfora para explicar o significado transcendente do consumo totalizante na sociedade atual. Reverberando o já dito por Debord de que semelhante ao fetichismo religioso, “o fetichismo da mercadoria atinge momentos de excitação fervorosa” (1997, 45), Baudrillard descreve a cena consumista em que,

tudo estimula a salivação fantástica. No amontoamento, há algo mais que a soma dos produtos: a evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa... são os nossos vales de Canaã onde correm em vez do leite e do mel, as ondas de neón sobre o *ketchup* e o plástico. Que importa?... É o pensamento mágico que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido em que foi definida como baseada na crença na onipotência dos pensamentos; no caso presente, trata-se da crença na onipotência dos signos. A opulência, a afluência não passa da acumulação dos signos da felicidade¹⁰⁵.

¹⁰³ *A sociedade do espetáculo*, parág. 47, p. 33.

¹⁰⁴ Jean Baudrillard. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Ed. 70, 2008, p. 14.

¹⁰⁵ *Ibid.*, *op cit.* pp. 15 e 22.

Os signos nesse reino da imagem nos conferem uma segurança miraculosa, mágica – no estilo sacramental da Idade Média. Baudrillard declara que vivemos ao abrigo dos signos e na recusa do real (2008, 26); tese central desenvolvida em *Simulacro e simulação* (1981). Símbolo maior desse simulacro de realidade, são as vitrines, o brilho e a beleza simétrica e asséptica do *shopping center* que, em seu pragmatismo de perfeição e eficácia usurpou o lugar das catedrais e seus vitrais, no imaginário do povo. Essa parece ser uma ideia em comum aos dois pensadores franceses.

Ademais, se o consumo é total, isso implica que tudo passa a ser algum tipo de mercadoria a ser consumida. Nesse sentido é que o espetáculo também é um projeto de reestruturação, de recomposição de imagens sem comunidade, sem vínculos próprios. Devido a isso, a cultura também se converteu em mercadoria, em outro produto separado dos indivíduos. Precisamente ele diz, “A cultura tornada integralmente mercadoria deve também se tornar a mercadoria vedete da sociedade espetacular” (1997, 126). Sua avaliação acerca da cultura como mercadoria na sociedade do espetáculo é contundente e absolutamente negativa. Afirma ele,

O conjunto dos conhecimentos que continua a se desenvolver atualmente como *pensamento do espetáculo* deve justificar uma sociedade sem justificativas e construir-se em ciência geral da falsa consciência. Esse pensamento está inteiramente condicionado pelo fato de não poder, nem querer, pensar sua própria base material no sistema espetacular¹⁰⁶.

O indivíduo passa de um consumidor passivo satisfeito a ser um consumidor ativo satisfeito. Por meio dos departamentos de marketing se configura uma estrutura do desejo que está impregnada dos referentes simbólicos que se posicionam estrategicamente nos espaços habitados pelos indivíduos. Assim, uma série de desejos que formam parte das imagens e símbolos que dão sentido a sua vida e que somente podem ser satisfeitos sob a forma da mercadoria são postas naquele espaço preciso e habilitado para ela, o mercado, em todo seu brilho e abundância.

Em sua crítica ao *reino do consumo espetacular*, Debord desmascara a própria necessidade de consumir. Ele pontua,

¹⁰⁶A *sociedade do espetáculo*, parág. 194, p. 127.

Sem dúvida, a pseudonecessidade imposta pelo consumo moderno não pode ser contrastada a nenhuma necessidade ou desejo autêntico que não seja, ele mesmo, produzido pela sociedade e sua história. Mas a mercadoria abundante aí está como a ruptura absoluta do desenvolvimento orgânico das necessidades sociais. Sua acumulação automática libera um *artificial ilimitado*, diante do qual o desejo vivo fica desarmado. A força cumulativa de um artificial independente provoca por toda parte a *falsificação da vida social*¹⁰⁷.

Debord foca sua crítica não apenas no receptor da mercadoria e em seu desejo enfeitado pela aparência do objeto, mas também no próprio objeto que, segundo ele, traz em si uma identidade efêmera, “o objeto que era prestigioso no espetáculo torna-se vulgar na hora em que entra na casa desse consumidor, ao mesmo tempo em que na casa de todos os outros. Revela tarde demais sua pobreza essencial, que lhe vem naturalmente da miséria de sua produção” (1997, 46). Nota-se que, da mesma forma, Debord confrontou a ideologização totalitária (stalinismo), adulteradora do marxismo e, por isso mesmo, merecedora de contundente imprecisão: “A mentira que não é desmentida torna-se loucura” (1997, 72), o consumismo capitalista, como fator central do espetáculo, igualmente foi tratado com similar rigor em sua crítica social, pois, “a força cumulativa de um artificial independente provoca por toda parte a falsificação da vida social”... além disso, para ele, “cada nova mentira da publicidade é também a confissão da mentira anterior” (1997, 46,47). Com isso, a crítica se expande ao estilo de vida neoliberal que sustenta o simulacro do espetáculo ainda hoje após 50 anos de *A sociedade do espetáculo*.

Outro autor que retoma as temáticas de Debord e, de certa forma as expande e aprofunda, é G. Lipovetsky. Em seu livro *A estetização do mundo*¹⁰⁸, recentemente publicado no Brasil, juntamente com o crítico de arte, Jean Serroy, isso fica bem evidente. Debord é citado inúmeras vezes com muita propriedade e cuidado, inclusive estabelecendo a devida diferença dos anos 19660 com o momento atual. Questiona o diagnóstico de que a sociedade do espetáculo estaria atualmente superada. Para os autores,

De fato, nunca a dimensão espetacular teve tanto relevo em tantos domínios da oferta mercantil, cultural e estética. Há de se convir: a lógica espetacular continua governando todo um conjunto de produções mercantis. Com a diferença de que as palavras que

¹⁰⁷ *Ibid.*, *op cit.* parág. 68, pp. 45-6.

¹⁰⁸ Gilles Lipovetsky & Jean Serroy. *A Estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

fornece a sua chave não são mais as que Debord apreciava – alienação, passividade, separação, falsificação, empobrecimento, despojamento –, mas excesso, hipérbole, criatividade, diversidade, mistura de gêneros, segundo grau, reflexividade. O capitalismo criativo transestético fez nascer a sociedade do *hiperespetáculo*, que é ao mesmo tempo a do *entertainment* sem fronteiras¹⁰⁹.

O *capitalismo criativo* se apresenta por meio de eixos fundamentais que constituem a nova sociedade estabelecem entre a sociedade do espetáculo de Debord e a sociedade do hiperespetáculo do atual momento. Portanto, esse capitalismo criativo-transestético é um novo sistema formado pelos elementos do hiperespetáculo, consumo e entretenimento. Aliás, “o divertimento se tornou a retórica do consumismo, seu estilo dominante: ele é a aura de que se envolve o mundo do consumo estetizado” (2015, 271). Lipovetsky e Serroy consideram que o capitalismo analisado por Debord estava na sua segunda fase – a *sociedade do espetáculo*, na qual o consumidor estava hipnotizado pela mercadoria, por seu fetiche. O momento atual, a terceira fase do capitalismo, está marcado pelo “formidável desenvolvimento das possibilidades de escolha e de um consumidor-ator” (2015, 372). Estamos diante do “hiperconsumidor” que participa de todo o processo mercantil de consumo infinitamente hiperbolizado. Não há limites!

2.2.3 Síntese do capítulo 2

Guy Debord e *A sociedade do espetáculo*, similar ao sucedido com Simone de Beauvoir e *O segundo sexo*, ainda que em outro contexto de modernização e com outros interesses e objetivos, uma vez que Debord não priorizava como “objeto” de reflexão a mulher propriamente dita, mas a sociedade como um todo e a força invasiva do capitalismo consumista e mercadológico nela dominante, busca também o entendimento crítico da montagem do cenário social como um espetáculo a ser denunciado. Para tanto, utiliza-se do instrumental de vários movimentos, em particular, ligado ao mundo das artes. Identifica-se, sobretudo com atitudes de vanguarda presentes no *situacionismo* com o intuito de criar novas situações urbanas. Juntamente com isso, identifica-se criticamente com o marxismo e posteriormente com o marxismo presente na filosofia da indústria cultural da Escola

¹⁰⁹ *Ibid.*, loc cit.

de Frankfurt. Assim, consegue elaborar um poderoso discurso com retórica forte e apaixonante, questionando o vedetismo social instalado na sociedade atual e explicitando a imagem, o fetiche da mercadoria reificada. Por fim, aquece suas posições em diálogo com a filosofia pós-moderna que naquele instante já se insinuava em um novo momento social.

3 A NOVA MULHER

O tema do consumo, tão presente nas discussões e inúmeras teorias acerca do capital, da globalização, do neoliberalismo etc., mantém uma relação estreita com a ascensão da mulher¹¹⁰ na sociedade contemporânea. Seria inimaginável desconsiderar o novo papel da mulher nessa nova sociedade, conforme descrito acima quando comparado com a visão estereotipada da mulher construída durante séculos, no Brasil, como, por exemplo, na composição *Ai que saudades da Amélia* de Mário Lago e Ataulfo Alves ou, de modo mais universal, a *Ofélia* da peça *Hamlet* de William Shakespeare. Amélia e Ofélia representam cada qual a seu modo a submissão imposta pela tradição social, pelo *common sense*, replicando, como esclarece Tiburi “um traço fundamental da estética aplicada às mulheres”. Segundo ela,

O feminino define-se como código estético rígido que envolve uma moral, um modo de comportar-se, um modo de aparecer que impõe a suavidade, embora haja com total truculência simbólica. Ofélia é personagem totalmente sujeita ao que uma visão patriarcal pode fazer de uma mulher. Diferentemente das heroínas fortes de outras peças de Shakespeare, Ofélia é apenas a parte negativa de Hamlet, a mulher que ele, entre ser e não ser, confuso diante dos horrores familiares a que era submetido, não quis. Ofélia é rejeitada no bojo da loucura teatral e histórica de um outro, o melancólico Hamlet, e sucumbe por não haver, para ela, outra saída. Os olhos patriarcais pousam desde sempre sobre Ofélia, que a eles se sujeita como boa moça. É sempre o que se espera das mulheres¹¹¹.

Deve existir, com certeza, diferença entre elas. Enquanto, por um lado, em Amélia está evidente uma submissão resignada e dócil – ela cumpre a missão de esposa e de dona de casa servindo ao marido e faz disso sua vocação de vida. Ofélia, por outro lado, não obstante, como revela Tiburi, “a delicadeza que dá o tom, e a ingenuidade emoldurada pela alegria da boa moça” deve ser enquadrada na loucura ou estar morta. Tiburi, para entender Ofélia, que traz a complexidade existencial do dramaturgo inglês para o palco, opta por outro tipo de submissão, mais sutil; para ela, a partir da psicanálise lacaniana, o “complexo de Ofélia” deve ser entendido como “a prisão no desejo de um homem” e extensivamente,

¹¹⁰ Ver acerca disso o sucinto e esclarecedor artigo: P. F. Romani, G. S. Wink, M. N. Strey. “Consumismo na pós-modernidade: uma questão de gênero?” *Ciências Sociais Unisinos* 49 (3): 263-268 setembro/dezembro 2013.

¹¹¹ Márcia Tiburi. “Complexo de Ofélia”. *In*:

<http://jconcurso.uol.com.br/portal/noticia/educacao/complexo-de-ofelia-12552.html>

representa “a prisão de todos no desejo patriarcal”¹¹². Salienta, pois, essa tradição herdada como um tipo de gene da sujeição ao qual a própria mulher ainda se apega, talvez porque algo de segurança lhe transmite.

3.1 PANORAMA GERAL

A. Touraine, por exemplo, em sua descrição da crise planetária, em especial do Ocidente, explica que o declínio do mundo “disfarça completamente a ascensão das mulheres que dominam o consumo no sentido mais profundo do termo...”¹¹³. Impossível continuar com o disfarce e não reconhecer (escutar, destacar e exaltar) o papel central da mulher nesses novos tempos!

Outro exemplo é o do já citado nessa pesquisa, o sociólogo francês G. Lipovetsky, já bem conhecido do meio acadêmico brasileiro, especialmente por suas obras *A era do vazio* e *o Império do efêmero*; ele advoga que a mulher atual, dos últimos 50 anos, quando iniciou seu processo de liberação, de fato não se libertou da tradição, pois nesse espaço estariam situados os papéis que a identificam com o feminino, sua libertação, portanto, não foi absoluta. Não obstante, perguntamos: ora, existe algo de absoluto nessa vida, especialmente no contexto do espetáculo pós-moderno? Tudo o que aconteceu continua, de algum modo, acontecendo e a dinamicidade da história com seus avanços e retrocessos, altos e baixos, nos ensina que o fluxo é contínuo e diversificado. E com certeza a nova mulher guarda aspectos, sombrios ou luminosos, da velha mulher. De fato, Lipovetsky lamenta os valores retrógrados que, por estarem enraizados na cultura, resistem à mudança.

O fato inconteste é que a mulher contemporânea vai assumindo posições em todos os setores da vida com o compromisso e as exigências dessas implicações. Durante o século XX, a mulher conseguiu a sua emancipação, ainda que não de forma total, pois a história nos ensina que, durante séculos em praticamente todas as culturas, o homem dominou a relação de gênero com base em sua força física. O

¹¹² Márcia Tiburi. “Ofélia morta – do discurso à imagem”. In: Revista Estudos Feministas. UFSC, 2010, p. 310.

¹¹³ Alan Touraine. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 26. Esse autor tem uma obra significativa sobre a temática em questão: *O mundo das mulheres*. Lisboa: Piaget, 2008. Pare ele, é preciso ver e, sobretudo escutar as mulheres em vez de se falar em nome delas. Nesta pesquisa Touraine descobriu que aquilo que as mulheres dizem e fazem é bem diferente do que é dito que elas dizem e fazem.

homem foi o provedor, caçador e também quem administrava o alimento para sua família e até para a sua comunidade, proporcionando a segurança para seu clã.

Como sabemos, a mulher, em grande parte de sua vida, grávida ou amamentando (Simone de Beauvoir deu destaque a isso), se concentrou no cuidado dos filhos. Por isso mesmo, a mulher, ao depender do homem se subordinou a ele e, debaixo do seu controle, aceitou a ideologia e a cultura patriarcal. Controle que em nossos tempos modernos foi denominado de “machismo”.

Porém, no século XIX, deu-se início ao processo de liberação feminina, que, pouco a pouco, vai obtendo suas vitórias. Ainda restam muitas metas a serem alcançadas, como, por exemplo, a questão da discriminação salarial. Nessa questão, Rachel Moreno ressalta que não obstante o mercado de trabalho estar aberto à mulher, isso “não se reflete na equiparação salarial. Isso ocorre porque quem se beneficia ainda mais do nosso desempenho na escola ou no mercado de trabalho, é quem nos contrata... por salários menores”¹¹⁴. Entretanto, a mulher pode estudar, votar, igualar seus direitos, trabalhar, expressar-se, pensar, decidir seu destino, amar, desfrutar sua sexualidade, opinar e tomar decisões acerca de sua vida e do seu contexto.

A mulher de hoje possui os mesmos direitos do homem e iguais responsabilidades e obrigações. Com a mudança sociocultural surgiram novas responsabilidades. Isso ajudou sua personalidade a se desenvolver em todos os campos da atividade humana, na arte, na ciência, na tecnologia, na condução do lar, na tomada de decisões, na iniciativa sexual, em todas as coisas da vida e, é bom que se diga, sem perder suas características naturais de mulher

As mudanças provocaram igualmente transformações psicológicas. De fêmea submissa, obediente e dependente passou a ser livre, independente e autônoma. A mulher assumiu o poder em sua casa, no trabalho e na política, na sociedade com a responsabilidade que isso implica. Raquel Moreno, descrevendo a mulher brasileira hoje, destaca que

Estamos presentes no trabalho, na labuta, nos esportes, na política, nos espetáculos, na rua e em casa. Acumulamos funções e tarefas... Decidimo-nos preparar para a vida e hoje, no Brasil, acumulamos

¹¹⁴ Raquel Moreno. *A beleza impossível: mulher mídia e consumo*. São Paulo: Ágora, 2008, p. 26.

quatro anos mais de estudo que a média da população. Estamos em todas as faculdades, estudando física, química, matemática, engenharia, psicologia, letras, línguas, informática, oceanografia etc.¹¹⁵.

Elas foram encontrando seu equilíbrio sem perder sua própria identidade de mulher tanto na vida mais privada, como na sua área profissional. Obviamente essas mudanças causaram e, ainda causam, desconforto para os homens que tiveram que ir adaptando-se à concorrência em campos de atividade que estavam a eles reservados. Tiveram que ceder o poder e a autoridade e partilhar o prazer de aceitar tarefas e funções que supunham e acreditavam que eram de exclusividade feminina como o cuidado dos filhos ou os labores de limpeza e higiene da casa. O resultado hoje está claro e a visibilidade da mulher na escola, no mercado de trabalho e na sociedade em geral é notória. Alguns avanços são evidentes:

a. As mulheres vão mais às escolas que os homens – os números não mentem e favorecem em muito as mulheres.

b. A participação laboral das mulheres aumentou bastante e a dos homens se mantém constante – a maior parte do aumento na participação laboral feminina nas últimas décadas se explica pelo aumento entre as mulheres jovens casadas.

c. A proporção de lares encabeçados por mulheres também aumentou.

d. A fecundidade diminuiu – isto se reflete nas estatísticas das crianças nos lares.

A conclusão a que se chega é que as mulheres do século XXI são bem distintas de suas antecessoras em anos bem recentes. Isso não se deve porque algo genético tenha mudado, senão porque seus hábitos e ideias foram modificando rapidamente ao vento das mudanças velozes do nosso tempo. Elas já não mais se identificam com as “donas de casa” e, de fato, cada vez mais são as profissionais que abrem seu caminho no mundo do trabalho.

Diferentemente do feminismo da primeira metade do século XX em que as mulheres lutaram pela igualdade de condições, pelo sufrágio em um movimento tipicamente moderno de emancipação por conta de que elas continuavam

¹¹⁵ *Ibid.*, *op. cit.*, p. 23.

subordinadas aos homens nos escritórios e nas fábricas, e também do feminismo dos anos 60 do século passado em que se afirmava um feminismo da diferença na tentativa de deslocar o masculino juntamente com seu discurso patriarcal e colocar no seu lugar o feminismo, portanto, uma tomada de poder, o feminismo pós-moderno das últimas três décadas, parte do princípio de que a mulher, como qualquer outro indivíduo, não pode ser definida apenas como uma mulher, e sim como uma conjunção de identidades e, dentro disso, se valoriza, como nas várias teorias pós-modernas, a diferença, a alteridade, a diversidade, a heterogeneidade, a fragmentação e o pluralismo.

3.2 O FACEBOOK E A PERFORMANCE FEMININA ATUAL

O aplicativo americano de *networking Facebook*, difundido mundialmente, tem no Brasil números representativos. De acordo com pesquisa realizada pela Com Score em junho de 2014, o Brasil está em quinto lugar no total de usuários do planeta, com 68,1 milhões de internautas, atrás de China, EUA, Índia e Japão. O Brasil também é o terceiro país que passa mais tempo na rede, atrás de China e EUA (ECOMMERCENEWS, 2014).

Outro dado importante é que 65% do total dos brasileiros conectados têm menos de 35 anos, que nos permite destacar que seus usuários tem um perfil jovem.

Estes números foram importantes indicadores que despertaram o interesse em dedicar um estudo em pesquisa da *performance* feminina nessa ambiência virtual. Para tanto, foram consideradas mulheres adolescentes, usuárias da rede *Facebook*.

3.2.1 Pesquisa

3.2.1.1 Projeto de Pesquisa

A performance feminina atual dentro da ambiência virtual Facebook

3.2.1.2 Problema de pesquisa

As adolescentes usuárias de *Facebook* podem encontrar neste espaço a oportunidade de se tornarem mulheres em um ambiente de fácil exposição.

3.2.1.3 Hipóteses

As adolescentes encontram no *Facebook* um novo espaço para construir sua identidade e imagem

3.2.1.4 Objetivo geral

Entender se os novos hábitos de uso do *Facebook* influenciam na construção da imagem das mulheres

3.2.1.5 Objetivo específico

Investigar se o ambiente virtual impulsiona as adolescentes atuais a construírem e exporem sua imagem outrora dificultada pelo contexto social da mulher que tinha dificuldades em se expor socialmente

3.2.1.6 Justificativa

Pesquisa dentro dos referenciais teóricos Sociedade do Espetáculo de Guy Debord e Segundo Sexo de Simone de Beauvoir

3.2.1.7 Metodologia de Pesquisa

Na primeira etapa foram entrevistadas seis adolescentes entre 15 e 20 anos, utilizando o método qualitativo. A pesquisa foi realizada pela internet, usando a própria ferramenta de mensagens do *Facebook* e e-mail para realizá-las. Dois meses após a primeira pesquisa as mesmas perguntas foram enviadas novamente

para saber se haveria alterações. Por não conseguir as respostas que a pesquisa se propunha, foi feita uma segunda etapa com nova pesquisa, formada por quatro adolescentes em um formato de discussão de grupo descontraída e informal visando mais respostas para concluir o objetivo da pesquisa.

3.3 ENTREVISTAS DA PRIMEIRA ETAPA (ANEXO A)

3.4 ENTREVISTAS DA SEGUNDA ETAPA (ANEXO B)

3.5 ANÁLISE DE DADOS

A partir da primeira etapa conclui-se que:

- 1- As entrevistadas possuem mais de uma mídia social.
- 2- As entrevistadas usam as plataformas de comunicação social diariamente.
- 3- O objetivo do uso do *Facebook* é variado. Para divulgação do trabalho de algumas, para contato pessoal, atualização de notícias, estudos em grupo, ver fotos, conectar-se ao mundo.
- 4- A finalidade ao publicar fotos e textos é para manter contato com a família e amigos, mostrando as atividades do dia a dia, diversão, divulgação de trabalho, como forma de expressão, compartilhar rotina, hobbies, conectando-se a pessoas com os mesmos interesses.
- 5- As entrevistadas têm a expectativa de inspirar seguidoras, aproximar-se de quem “curte” as mesmas “coisas”, que os seguidores gostem e retransmitam as mensagens/textos, manter-se próxima de amigos e família e ganhar “curtidas”.
- 6- A maioria das entrevistadas acredita que as redes sociais são facilitadoras para atingir seus objetivos, que conseguiriam atingi-los sem o uso da rede, porém seria mais difícil.

A partir da segunda etapa conclui-se que:

Para as entrevistadas a *Selfie* é algo importante, como autopromoção. É importante aparecer bonita na foto. Elas se sentem bem quando têm muitas “curtidas” em suas fotos. Inclusive usam aplicativos de maquiagem virtual e *photoshop* para modificar suas fotos. Essa autopromoção faz bem ao ego delas,

gostam de serem elogiadas virtualmente. Mas também destacam que a *Selfie* é algo prático de se fazer, que não depende de outra pessoa pra tirar a foto, por isso ela não pode ser vista como um mal para a sociedade. Foi dito por uma das entrevistadas que “a necessidade de se mostrar e receber algo em troca de sua imagem faz da *Selfie* uma coisa ruim aos olhos de muitos.”

As entrevistadas se sentem bonitas na maioria das vezes e dizem não ligar para os “padrões”. Consideram o ambiente virtual próprio para “azaração” porque é um lugar onde se recebe comentários e elogios nas fotos, mas as entrevistadas questionam as mulheres que mostram muito o corpo e as que expõem sua rotina de exercícios na academia.

As entrevistadas se sentem cobradas a ter redes sociais e participam de muitas comunidades no *Facebook* que auxiliam a posicionar-se em determinados assuntos e formar opiniões, mas se mostraram receosas em expor seus pensamentos. Foi mencionado que: “o *Facebook* é o castelo dos covardes. Se alguém discordar de vc, além de não respeitar o q vc disse, vai te ofender pesado... Td mundo fica mto corajoso qdo não tá cara a cara”.

Ao serem perguntadas se o espaço virtual vem sendo bem aproveitado por mulheres para formar opinião ou se ele ainda é superficial, as entrevistadas afirmaram que ainda veem o *Facebook* mais como um espaço recreativo e para expor seus pensamentos, mas não para discutir, pois as discussões se tornam “destemperadas” dentro deste espaço. Que as discussões só são bem recebidas quando se encaixam no senso comum.

Sobre o significado de “ser mulher”, as entrevistadas acreditam que ser mulher nos dias de hoje é poder ser livre em suas escolhas. Uma das entrevistadas acredita que pelo fato da mulher ter vivido por muito tempo em repressão, hoje elas foram para o outro extremo, querem se relacionar sem convenções do que é certo ou errado, livremente, e que uma hora haverá um equilíbrio, ainda existe bastante desigualdade. Todas as entrevistadas concordaram que é bom ver as mulheres em situações que antes eram ocupadas apenas por homens, mas também consideram importante “o papel tradicional da mulher na sua casa, no seu jeito de agir.”

Também consideram o Brasil um país moralista, muito ligado à aparência, que é feio você expor seu corpo se ele não estiver em forma. Que em outros países como, por exemplo, alguns da Europa, a nudez é algo muito natural e as mulheres não são criticadas como se vestem, ou se são gordas.

Elas concordam que, no Brasil, a mulher no geral ainda não é livre, pois é muito presa a padrões estéticos, enquanto em outros países já existe uma liberdade maior, que a própria mulher brasileira discrimina os padrões que não são “convencionais”. Sobretudo em cidades pequenas, onde as pessoas ligam mais para a opinião dos outros, foi mencionado que quando as mulheres se envolvem em questões ideológicas, elas começam a se livrar do peso das opiniões.

3.6 CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA

É possível destacar que, para as entrevistadas desta pesquisa, o *Facebook* e as redes sociais no geral são ferramentas facilitadoras das conexões sociais para seus mais diversificados fins, seja para contatos profissionais como para relacionamentos pessoais. O uso dessas plataformas é intenso e diário, as adolescentes entrevistadas acreditam que é mais fácil conectar-se ao mundo através da internet, onde publicam fotos e textos e têm seus momentos quantificados em “curtidas”.

Portanto, penso que a foto hoje não apenas captura o momento, como se transforma em uma imagem moldável, existem meninas que manipulam suas fotos com o objetivo de ficar de acordo com o padrão estético que pensam ser ideal, mesmo que em pesquisa afirmem que não se importam com os “padrões de beleza”. E ficam felizes ao serem elogiadas por essa imagem que não reflete a realidade, mas sim um ideal que elas constroem e manipulam para resultar esteticamente melhor.

As entrevistadas se sentem cobradas para participar de redes sociais por pertencimento. As adolescentes usuárias do *Facebook* encontram nesse espaço a oportunidade de se autopromover com suas postagens e o conteúdo publicado na rede influencia as opiniões que elas têm de quem está compartilhando a informação, mas não se sentem muito à vontade em expor seus pensamentos, uma vez que quando o fazem, são confrontadas e não se sentem à vontade com isso.

Através da pesquisa, foi possível observar que o *Facebook* é um espaço de *performance* virtual em que existem mulheres que estão mais voltadas para as questões estéticas. Aparecer bonita em uma *Selfie* e ser elogiada fisicamente são pontos importantes levantados pelas entrevistadas.

A questão cultural da mulher Brasileira também foi um ponto importante a ser considerado. Porque apesar de entenderem que o significado de ser mulher nos dias de hoje é ser livre em seus mais diversos aspectos, acreditam que a mulher Brasileira é ainda muito presa aos padrões estéticos e se importam muito com a opinião dos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a presente pesquisa, é possível constatar que Simone de Beauvoir e Guy Debord, com suas respectivas obras, de fato, representaram um salto magistral no uso e aplicação de uma *teoria crítica* de leitura da realidade acerca de dois aspectos fundantes da cultura ocidental: o lugar da mulher na construção da sociedade e a revelação de um capitalismo em forma de espetáculo. De alguma forma, as duas leituras críticas se encontram e se aliam em um incontornável desejo de libertação.

A mulher, emoldurada em uma tradição patriarcal e coercitiva, com a obra *O segundo sexo* conseguiu descobrir seu longo percurso histórico-social e de como chegou a ser o que era, não por vontade própria, mas pela imposição *ad extra*, pelo que lhe foi impingido e legitimado milenarmente, não porque nascera com uma vocação de submissão natural, *ad intra*, algo inato, senão em consequência da supremacia da força física do indivíduo masculino que lhe cerceou as possibilidades de se tornar mulher e lhe forneceu a sua própria identidade construída sem seu conhecimento e sua participação. Assim, a mulher passou a existir como uma criação do homem, devendo-lhe obediência abnegada e sacrifício devotado. Simone escancarou isso e conclamou a todos a um exame de consciência e a uma mudança.

Com *A sociedade do espetáculo*, Debord presenteou toda uma geração com uma espécie de instrumental profético que lhe revelou e descortinou o teatro da vida moderna e pós-moderna. Trouxe à tona não só suas engrenagens e mecanismos, mas igualmente suas intenções hegemônicas e sua volúpia, não mais no formato político totalizante e fascista, mas por meio de um novo estilo de vida que se impunha pela persuasão e fascinação das coisas a serem consumidas continuamente *ad nauseam*, uma vez reificadas e fetichizadas. A obra de Debord configura uma delação de que toda a vida em sociedade está coisificada, sem rotas alternativas e a alienação pela abundância de mercadorias, como numa projeção da vida perfeita a ser alcançada, está desmistificada, por isso mesmo, passível de superação.

Com a pesquisa feita com as adolescentes, foi importante constatar que o *Facebook* é um novo espaço onde elas não só constroem sua identidade e imagem como fazem uso deste espaço para formar opiniões a respeito de variados assuntos. Esta ambiência virtual possibilita que a mulher tenha mais liberdade de expressão com fonte de informações que enriquece o processo de devir mulher e que ao se envolverem em questões ideológicas, essas mulheres se tornam mais seguras em suas opiniões, embora o uso do *Facebook* ainda seja um espaço onde a maioria do conteúdo seja superficial.

ANEXOS

ANEXO A

Pesquisa 1

Nome:

A.C.A.(feminino)

Idade:

20 anos

Profissão:

Estudante de jornalismo e blogueira

***Voce possui redes sociais? Quais?**

Instagram, Facebook, Snapchat, Pinterest...

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

Não sei ao certo, mas dedico boa parte dele fuçando coisas na Internet e redes sociais, procuro estar sempre atualizada.

***Qual seu objetivo ao usá-las?**

Além de divulgar o blog nos meios sociais, buscar inspirações.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Com a finalidade de ajudar meninas da minha idade ou mais novas, que procuram estar antenadas nas tendências de moda, viagens e beleza.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Espero que as pessoas possam se inspirar no meu estilo e estarem sempre por dentro do que está rolando no mundo na moda, o *blog* é como se fosse uma amiga pessoal mesmo.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Não. As redes sociais são um dos melhores meios de divulgação, a maioria das pessoas consegue o blog através delas, principalmente pelo Instagram.

Pesquisa 2

Nome:

B.C.F.B. – (feminino)

Idade:

14 anos

Profissão:

Estudante

***Você possui redes sociais? Quais?**

Sim, eu possuo: Instagram, Facebook,WhatsApp, Skype, E-mail, Twitter e Vine (6 ao todo)

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

Alguns aplicativos são mais usados por causa da facilidade de uso e da agilidade para se comunicar com as pessoas,usados todos os dias aproximadamente como WhatsApp e Email, outros com menos frequência(quase todos os dias, mas com um intervalo de tempo maior), como Instagram, Facebook e Twitter, e o restante usados muito raramente(apenas com finais de semana...muito raramente), como o Skype e o Vine.

***Qual seu objetivo ao usá-las?**

Na verdade não vejo muita razão para usar as redes sociais a não ser se aproximar mais de pessoas que não fazem parte do seu dia-a-dia,e ser atualizada nas notícias de todos os tipos de assuntos (moda, notícias, e etc), mas sempre há uma exposição desnecessária quando há o uso dessas redes, a pessoa não precisa ter redes sociais para ser informada ou para se comunicar com as pessoas, mas esses tipos de rede facilitam muito a "vida" e o que há de ser feito, e por isso tantas pessoas se sentem dependente delas.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Eu publico minhas fotos sempre pensando em coisas que eu queria passar e compartilhar para os meus amigos, momentos legais, lugares especiais, comemorações importantes, ou até mesmo fotos que eu acho que me saí bem e queria compartilhar com os meus amigos.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Na hora de postar sempre penso muito sobre o que as pessoas iriam pensar sobre aquela foto, mas sempre espero que elas entendam o que aquele momento, aquele lugar, aquela comemoração significou pra mim...mas há sempre aquele preocupação com a beleza, com a "legenda", com a exibição e etc.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Depende muito, alguns deles eu acredito que não, que eu não conseguiria realizá-los sem o apoio e uso das redes sociais, mas vários deles também seriam capazes de serem realizados sem esse uso!

Pesquisa 3

Nome:

H.W.M –(feminino)

Idade:

20 anos

Profissão:

Estudante de Arquitetura e Urbanismo

***Voce possui redes sociais? Quais?**

Sim, uso o instagram e facebook

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

Bom, gasto bastante tempo na internet principalmente por causa da faculdade; Como 90% do meu curso é formado por trabalhos, sempre preciso pesquisar algo. Em relação às redes sociais, costumo checá-las bastante durante intervalos de estudo, pela manhã e antes de dormir; Ou seja, fico muito tempo haha!

***Qual seu objetivo ao usá-las?**

Utilizo o Facebook bem menos; costumo usá-lo para postar e receber arquivos de estudo no grupo que criamos da faculdade, para ver fotos de eventos em que estive, e de vez em quando postar fotos ou textos; O instagram já uso bastante, gosto mais de ver fotos de contas diferentes como de esportes, estilo, paisagens, viagens, natureza, notícias, comédia e ironias, estilos de vida alternativos e etc. Também utilizo para ver fotos de amigos e postar fotos pessoais.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Publico tanto fotos quanto textos, para compartilhar minha personalidade, minha rotina e principalmente hobbies; Acredito ser uma ótima maneira de conhecer melhor pessoas que tem os mesmos gostos e interesses. Apesar de o meu perfil ser privado e não aceitar pessoas que não conheço, boa parte delas são pessoas que vi pouquíssimas vezes; assim, através das postagens é possível compartilhar interesses e talvez aproximar mais de pessoas parecidas e divertidas que não tive a oportunidade de conhecer melhor pessoalmente. Em relação às "selfies", não dá

para mentir: por mais que muitas vezes elas expressem meu jeito de ser, é bom postar fotos em que você está, teoricamente haha, bonita.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Minha expectativa em relação aos outros seria de receber um retorno e poder perceber quais são aqueles que curtem as mesmas coisas e poder aproximar amizades. Por mais que não seja algo relevante para mim, sem hipocrisia hehe, quanto mais "curtidas" melhor.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Com certeza conseguiria, inclusive porque não existe relação alguma entre meus objetivos e redes sociais; Estas seriam apenas meios de compartilhar objetivos que foram atingidos em minha vida, mas não mais que isso.

Pesquisa4

Nome:

L.M –(feminino)

Idade:

21 anos

Profissão:

Estudante de Arquitetura e Urbanismo.

***Voce possui redes sociais? Quais?**

Sim.Facebook; Instagram; Twitter; Snap.

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

A maioria do meu tempo estou conectada. Usando para trabalhos, e olhando postagens.

***Qual seu objetivo ao usá-las?**

Interagir com as pessoas; ser reconhecida através de fotos e textos.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Uma maneira virtual de me expressar, ou até mesmo para divulgar algum trabalho, marcas, entre outros.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Que as pessoas entendam a mensagem que eu quero passar em relação a textos; que elas gostem e curtem as fotos passando à diante.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Conseguiria, porém seria muito mais difícil alcançar algum objetivo desejado.

Pesquisa 5

Nome:

TLM –(feminino)

Idade:

18 anos

Profissão:

Desempregada

***Você possui redes sociais? Quais?**

Sim, possuo: Facebook e twitter.

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

Não sei dizer quanto, mas demanda muito da minha atenção todos os dias, e certamente mais do que eu gostaria.

***Qual seu objetivo ao usá-las?**

Me manter conectada com o mundo, nada mais. Embora a internet seja uma bolha, ela nos dá a impressão de estarmos em contato com os outros.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Não publico quase nada, rs. Quando publico, é pra mostrar alguma coisa na qual acredito para os outros, ou diverti-los.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Não muita. Eu dificilmente dou a atenção devida ao que me mostram na internet, não espero que os outros me deem essa atenção de volta.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Essa é uma pergunta complicada de responder. Me comunico muito mais com os outros pela internet, especialmente pelo fato de que tenho muitos amigos que moram longe e de que passo muito tempo sozinha. Certamente conseguiria me comunicar com os outros. Mas não teria a mesma sensação que a internet proporciona, de estar sempre online.

Pesquisa 6

Nome:

C.N.E. –(feminino)

Idade:

18 anos

Profissão:

Estudante e empresária

Voce possui redes sociais? Quais?

Sim, utilizo Blogger, Instagram, Snapchat, Twitter, Facebook e YouTube.

***Quanto do seu tempo é investido em internet e redes sociais?**

Fico conectada praticamente todo o dia, paralelamente a minhas outras atividades.

***Qual seu objetivo ao usa-las?**

Pessoalmente utilizo para manter-me em contato com minha família e amigos assim como ficar informada sobre assuntos de que gosto. Profissionalmente utilizo para divulgar as publicações do blog e atividades oferecidas pela empresa que possuo em conjunto com minha mãe.

***Com que finalidade publica suas fotos e textos?**

Inicialmente publicava fotos e textos em meu blog para me sentir mais próxima de minha família e amigos, mostrando a eles minhas atividades e percepção dos lugares que conhecia aqui nos Estados Unidos. Com o tempo percebi que minha publicações estavam ajudando outras pessoas e me dediquei a fazê-las em caráter mais informativo, tentando sempre melhorar a qualidade das imagens e textos.

***Qual a sua expectativa em relação aos outros com suas postagens?**

Mesmo sendo um *site* com muitos acessos de vários lugares do Brasil e até do mundo, sempre procuro ter como principal objetivo manter minha família informada. Quero que eles vejam que estou bem e fiquem tranquilos. As redes sociais são formas que encontramos de nos sentirmos próximos e aliviar a saudade.

***De acordo com seus objetivos, você conseguiria atingi-los sem o uso das redes sociais?**

Sem as redes sociais seria mais difícil de lidar com a saudade e de me comunicar com minha família e amigos. Teriam as opções de enviar cartas, falar por telefone, mas com certeza seria mais difícil. O mesmo vai para o lado comercial, muitos dos leitores e clientes vieram através das redes sociais.

ANEXO B

21/09/15 16:42:45: Você criou o grupo “Pesquisa”

21/09/15 16:44:04: Camila Cavalcante: Oi meninas, td bem? Criei esse grupo aqui pra perguntar se vcs podem me ajudar com mais umas respostas pra pesquisa pq nao consegui concluir nenhum pensamento sobre ela 😊

21/09/15 16:45:32: Participante1: Tudo e voce Camila?

21/09/15 16:45:52: Participante1: O que precisar!

21/09/15 16:47:48: Camila Cavalcante: Que bom Participante1, pois o cachê é alto! Kkkk

21/09/15 16:47:54: Camila Cavalcante: 😊

21/09/15 16:49:10: Camila Cavalcante: Qto mais resposta melhor

21/09/15 16:50:31: Participante4: Tudo joia! Por mim é muito bom te ajudar!

21/09/15 17:05:14: Você adicionou Participante3

21/09/15 17:06:39: Camila Cavalcante: O objetivo desta conversa é entender a imagem da mulher contemporânea que utiliza principalmente o Facebook, mas também está conectado em outros aplicativos virtuais com a finalidade de construir sua imagem também na rede virtual.

O primeiro tópico que eu gostaria de discutir é a “selfie”. Vocês fazem? Qual a importância? Aparecer bonita para o outros é algo que pesa? Porque?

21/09/15 17:08:18: Participante4: Pra mim pesa 😊😊😊 você prefere que a gente responda todas depois ou vai respondendo uma por uma?

21/09/15 17:08:58: Camila Cavalcante: Prefiro em um bate papo, qdo td mundo responder e der uma conversa boa eu pulo a pergunta

21/09/15 17:12:52: Participante1: Ah vei, pesa ne? (Já que ta bem tranquilo vou usar gírias haha), mas vou ser hipócrita não, selfie é um tipo de autopromoção

21/09/15 17:13:20: Participante1: Ou de uma ideia, de um estilo, ou só de você mesmo

21/09/15 17:18:12: Participante2: Pra mim, selfie nada mais é do que tirar alguma foto com a praticidade de não ter que pedir "tira foto pra mim, por favor?"

O celular com a câmera frontal permite isso. Aí vc pode tirar foto de todos, sem precisar de tripé, timer, etc.

Estar bonita pesa, claro. De foto feia na minha vida basta as da fase da adolescência. Mas no geral acredito que as mulheres dão muita importância a como vão aparecer nas redes sociais

21/09/15 17:18:44: Participante1: 🙄☐

21/09/15 17:19:15: Camila Cavalcante: Ok Participante2, então vc não acha que te promove de alguma forma??

21/09/15 17:20:01: Camila Cavalcante: Eu gostei da resposta da Participante1... Achei interessante a questão da auto promoção...

21/09/15 17:20:06: Participante2: Promover num sentido mais exibicionista?

21/09/15 17:20:33: Camila Cavalcante: É como se hj nossa imagem tivesse um valor na internet? Mensurado em curtidas? talvez?

21/09/15 17:21:16: Participante1: Eu acho que aí entra a polêmica da Selfie. Porque hoje as pessoas passam a foto pelo photoshop ou outros aplicativos de maquiagem virtual, pra melhorar a imagem, então ela publica fotos que não são reais, eu modifico algumas, mas nada pesado, pra ninguém perceber.

21/09/15 17:21:29: Participante4: Pra mim todo mundo faz selfie, e que se certa forma é muito pratico você mesma tirar sua foto, e aparecer bonita pesa sim, por que ninguém quer aparecer feia pras pessoas.

21/09/15 17:24:50: Participante1: Porque as pessoas que postam podem ser vistas como alguém que tem a necessidade da opinião dos outros, que eu realmente acredito que acontece... Pode parecer exibicionismo e tal! Mas ao mesmo tempo a

pessoa que não tira fotos pode ser considerada insegura... Ou seja, self selfie haha, sempre pode ter uma conotação pejorativa...

21/09/15 17:24:55: Participante1: To viajando gente!

21/09/15 17:25:01: Participante1: Haha

21/09/15 17:25:25: Participante1: Tiram*

21/09/15 17:27:08: Participante2: Eu geralmente faço pra registrar uma situacao não-cotidiana. Num encontro com amigos; numa paisagem bem bonita. Não gosto de tirar selfie sozinha, sem algumarazao especial.

E se posto no facebook, acho que vira sim autopromocao. Se eu mesma achei a foto legal, tb quero curtidas!

21/09/15 17:27:50: Participante4: Eu não sei se todo mundo que posta, posta por que precisa da opinião do outro, às vezes é só pra compartilhar o momento, mas a maioria sim, eu acho que é pra autopromoção! Curtidas conta muito.

21/09/15 17:28:09: Participante1: Eu morando em Londres já tinha postado altas fotos Participante2

21/09/15 17:28:10: Participante1: Hahah

21/09/15 17:28:23: Participante4: Eu também hehehe'n

21/09/15 17:28:25: Participante2: Kkkkkk!

21/09/15 17:28:41: Participante1: Pra mim a maioria é autopromoção

21/09/15 17:28:45: Participante1: Me incluo

21/09/15 17:28:51: Participante2: Eu tirei selfie em londres e nao postei... Jeca

21/09/15 17:28:56: Participante1: Mas acho que ai entram os extremos tambem

21/09/15 17:29:15: Participante2: Mas tenho a recordacao!! Gosto de tirar pra ter a recordacao

21/09/15 17:30:58: Participante1: Isso é outra coisa, quando fui pra os eua tirei umas 16381773 fotos pra ter a recordação... Algumas postei porque tava massa mesmo, se fosse pra compartilhar só, todo mundo postaria 600

21/09/15 17:32:22: Participante1: Beijos pro plural

21/09/15 17:32:25: Camila Cavalcante: E qual seria o objetivo de se auto promover na internet?

21/09/15 17:43:30: Participante1: acho que pra ganhar elogios, enche o ego das pessoas

21/09/15 17:32:32: Participante2: Pois é... Tb penso assim... Pra alguns a selfie é mto mais um recurso prático pra vc guardar a recordacao do que uma forma de promoção

21/09/15 17:32:41: Participante4: Tipo assim, eu também me incluo na autopromoção, mas minha mãe não, isso prova que de geração em geração as pessoas são mais e mais exibionistas

21/09/15 17:32:54: Participante4: Não sei se existe a palavra exibicionistas 😊😊

21/09/15 17:33:58: Participante4: E dão mais valor no que as pessoas falam e pensam

21/09/15 17:35:09: Participante1: Mas eu acho que a autopromoção tem idade! Talvez se existisse face ou instagram quando elas eram mais novas, postariam também (nao que sejam velhas, heheheheh, só mais novas)

21/09/15 17:36:00: Participante4: Verdade, chego até a acreditar que a idade no auge é a adolescência kkkkkkk, pelas pessoas que eu conheço... Concordo com o objetivo de ganhar elogios, faz bem pro ego mesmo. Pessoas que jamais te elogiariam ao vivo te elogiam na internet e isso também aproxima.

21/09/15 17:36:30: Participante2: Verdade, Participante1...

21/09/15 17:40:45: Participante2: Se a gente reparar tb, hj a gente quase nao ve foto só de uma paisagem... Antigamente via várias

21/09/15 17:41:06: Participante2: Hj vc pode de vc com o fundo da paisagem bonita

21/09/15 17:42:00: Participante1: Verdade!

21/09/15 17:42:29: Participante2: Isso que diferencia cada foto.

Ninguem vai pra paris e tirar uma foto da torre eiffel e postar.. Vc vai tirar uma de VOCÊ com a torre ao fundo

21/09/15 17:43:00: Participante2: A nao ser q vc queira fazer uma foto mais artística, claro... Mas a gente quer nosso registro lá

21/09/15 17:43:15: Camila Cavalcante: Entendi...

Vocês se sentem bonitas e adequadas em suas imagens?

21/09/15 17:43:46: Camila Cavalcante: "Dentro dos padroes"

21/09/15 17:44:04: Participante1: É verdade haha, se tiver uma só da torre, vai ter outra com você!

21/09/15 17:44:15: Participante2: Na maioria, sim. Se eu tiver feia, ninguém verá essta foto kkkk

21/09/15 17:44:38: Camila Cavalcante: Talvez eu nunca esteja arrumada suficiente e isso incomoda, parece que estou inadequada

21/09/15 17:44:50: Participante1: Depois da revista que saiu eu to muito ai pra foto feia mais nao kkkkkkkkk

21/09/15 17:45:08: Participante1: Mas se eu postar sim, to achando que sai bem

21/09/15 17:45:10: Participante1: Talvez nao

21/09/15 17:45:54: Participante2: Nao sei se dentro dos padroes. Se eu achei que tô bem, ja eh suficiente... Nao ligo mto pros padroes nao

21/09/15 17:46:13: Participante1: É, tambem penso assim

21/09/15 17:46:27: Participante4: Eu sempre tento estar melhor (bobeira) mas acaba que eu sempre acabo tirando mil fotos pra ver qual é a melhor

21/09/15 17:46:41: Participante4: 🤔

21/09/15 17:46:43: Participante2: Debe ter gente q ve e percebe q minha unha nao ta feita, q to sem maquiagem, sobrancelha desarrumada... Mas se eu achei q to ok, posto sem problemas

21/09/15 17:47:18: Participante1: Nunca reparei nao Participante2!

21/09/15 17:47:32: Participante1: Curto as que voce posta

21/09/15 17:47:43: Participante4: Eu também

21/09/15 17:47:50: Participante1: Kkkk

21/09/15 17:47:51: Participante2: Participante1, vc eh das minhas! Tb nao liga mto pra uns padroes.. Hehehe

21/09/15 17:48:01: Camila Cavalcante: Pensando assim Participante2, você acha que é avaliada sobre sua aparência? E as outras? levam cantadas e são ou foram abordadas na internet?

21/09/15 17:48:52: Participante2: Participante4 tb! Huhuhuu

21/09/15 17:50:03: Participante1: Então, eu acho que mulheres que postam fotos mostrando muito o corpo buscam um tipo especifico de comentario e tal

21/09/15 17:50:21: Participante2: Ao vivo, sei que sou... Por foto, devo ser tb..nem sei!

21/09/15 17:52:24: Participante2: Com certeza internet é lugar de azaração (gíria de vô 🤔)

21/09/15 17:53:04: Participante1: Mas, sou solteira, ninguém vai reclamar de comentários e etc, então quero mostrar uma fotinha bonitinha sim

21/09/15 17:53:15: Participante1: As vezes é o suficiente pra conhecer pessoas novas

21/09/15 17:53:17: Participante2: Concordo com Participante1

21/09/15 17:53:28: Participante1: 👤

21/09/15 17:54:14: Participante2: As q poe a rabeta pra jogo, querem ganhar comentários elogiosos

21/09/15 17:54:16: Participante2: Kkkkkkk

21/09/15 17:55:11: Participante1: Kkkkkkkkkkkk

21/09/15 17:56:03: Camila Cavalcante: Legal, vou esperar ver se a Participante4 e Participante3tem opinioes tb sobre isso pra compartilhar.

21/09/15 17:56:16: Camila Cavalcante: Mas podem ir falando

21/09/15 17:57:03: Participante1: Agora, eu não sei o que passa na cabeça da pessoa que só posta foto mostrando corpo...

21/09/15 17:58:14: Participante2: Nao sei o q se passa com as q tiram foto malhando tb

21/09/15 17:58:15: Participante1: Ser tachada de fútil por selfies demais, to nem ai não... Mas ai é tenso

21/09/15 17:58:54: Participante1: Não é? A Pugliesi pode postar

21/09/15 17:59:24: Participante1: E eu amei

21/09/15 17:59:30: Participante1: Esse assunto

21/09/15 17:59:57: Participante4: Tipo assim, eu acho que todo mundo é avaliado pela aparência, principalmente na internet, aonde as pessoas só veem isso... E também principalmente as mulheres adoram ser elogiadas e talvez seja por isso a necessidade de uma foto tão bonita...

21/09/15 18:01:13: Participante1: Todo mundo gosta de elogios! Seja por aparência, estilo, inteligência e etc...

21/09/15 18:01:30: Participante1: Senso de humor

21/09/15 18:01:35: Participante2: 🖕

21/09/15 18:03:11: Participante4: To ouvindo uma música na mtv que só fala " vem comigo de lado, tirar uma selfie comigo, de sorriso, biquinho" 😊😊

21/09/15 18:03:39: Participante2: Kkkkkk propício

21/09/15 18:04:58: Camila Cavalcante: Vou procurar a musica Participante4! Rsrs

21/09/15 18:05:44: Participante4: 74ee6c41b16733a3e0b80e3bbe46d0d3.jpg
<anexado>

21/09/15 18:05:44: Participante4: 84be8a2ee5b6d5f73212ea99bbbff7b9.jpg
<anexado>

21/09/15 18:06:08: Participante4: Carreguei meu celular, bateria não acabar, hashtags vou colocar 😊😊😊

21/09/15 18:06:24: Participante1: "selfie ostentação"

21/09/15 18:06:26: Participante1: Rs

21/09/15 18:06:30: Camila Cavalcante: hahaha.. Selfie eh mesmo a moda do momento... Vcs Participam de comunidades? quais seriam (feministas, politicas, fashion, de fãs de alguém ou algo)?

21/09/15 18:07:08: Participante2: Eu sigo Catraca Livre

21/09/15 18:07:49: Participante1: Nossa, eu sigo muita coisa, complicado

21/09/15 18:08:03: Participante4: Eu tbm

21/09/15 18:08:04: Participante2: Tem umas postagens feministas... Mas muita gente trabsformou esse movimento importante em uma coisa chata e exagerada

21/09/15 18:08:56: Camila Cavalcante: Alguma comunidade que te inspire em comportamento, rotina?

21/09/15 18:12:05: Participante2: Eu costumo acompanhar muitos debates na internet (sem participar ativamente). Acho importante ler sobre esses assuntos, mas tb ver os debates, pra entender como as pessoas tao reagindo a isso, quais sao slas opinioes

21/09/15 18:12:46: Participante2: Acho bom...

21/09/15 18:12:59: Participante1: Eu sigo comunidades de viagem, mochilao, paisagens e lugares bonitos, estilo, atletas, piadinhas toscas... E filmes, sigo muitas comunidades de cinéfilos!

21/09/15 18:14:09: Participante1: No facebook eu fico só lendo... Cheguei conclusao de que o mundo vai acabar por causa de gente moralista

21/09/15 18:14:34: Participante1: E muita gente falando besteira...

21/09/15 18:15:20: Participante2: Muita! Tem coisa que prefiro parar de ler, pq vai me dando raiva... As pessoas hj falam muita besteira e nem escondem a cara mais

21/09/15 18:15:27: Camila Cavalcante: Algumas comunidades e os comentários ajudam a formar opinioes e posicionar-se em assuntos...

21/09/15 18:16:13: Camila Cavalcante: Mas vcs costumam expor seus pensamentos também? Afim apenas de expor ou para agrupar pessoas com o mesmo pensamento e discutir algo?

21/09/15 18:16:22: Participante2: Sim! As vezes eu achava determinada posicao errada... Ai vejo bons argumentos em debates, e vejo q eu tinha meus pré-conceitos tb...

21/09/15 18:16:34: Participante4: A maioria pra mim é viagens, estilo e filmes! Mas como a Participante1, no facebook eu só leio😊

21/09/15 18:17:02: Participante1: Política! Odeio tópicos políticos de quem não entende de política, tipo eu, por isso fico calada! Hoje todo mundo quer pagar de intelectual..

21/09/15 18:17:19: Participante4: Às vezes no facebook eu vejo coisas MUITO interessantes, debates e outras coisas que me abrem o jeito de pensar, mas tem outras coisas que é melhor nem ler

21/09/15 18:17:51: Participante1: De veeeze em quando falo algo sobre polêmicas, mas em geral fico na minha..

21/09/15 18:18:39: Participante2: Eu nao exponho nao... Na internet nao... Pq, como ja disse, facebook eh o castelo dos covardes. Se alguem discordar de vc, alem de

nao respeitar o q vc disse, vai te ofender pesado... Td mundo fica mto corajoso qdo nao tá cara a cara

21/09/15 18:18:49: Participante2: Entao, só acompanho, hehe

21/09/15 18:19:12: Participante1: Verdaaaaaaade

21/09/15 18:19:40: Participante2: Eh, ja opinei tb... No face de algum amigo... Mas eh mto raro. Fico mais na minha tb.

21/09/15 18:20:02: Participante1: E engraçado que no facebook tem gente que discorda só pra chamar atenção

21/09/15 18:20:25: Participante4: Eu nunca opino KKKK é isso é óbvio por que eu ainda não posso falar de nada também ainda tenho muito o que aprender

21/09/15 18:20:36: Participante1: É nois Participante4

21/09/15 18:21:16: Participante2: Participante4 linda e sábia 😊

21/09/15 18:21:35: Participante4: Brigada Participante2 😊😊

21/09/15 18:22:30: Participante1: Só repostado coisas do sensacionalista hehe, porque normalmente são geniais

21/09/15 18:22:33: Participante1: Mas só

21/09/15 18:27:06: Participante2: É!! Tb adoro as postagens deles! E até lá td vira discussao política, ofensa, polêmica,

21/09/15 18:28:15: Camila Cavalcante: Imaginem 50 anos atrás, na época que as avós de vcs tinham a idade de vcs.. Nao existia facebook e as mulheres no geral nem podiam emitir opinioes. Sem dúvida o facebook é um espaço que pode fazer muito pra geração de vocês nesse sentido. Vocês acham que o espaço virtual vem sendo bem aproveitado por mulheres para formar opiniao ou ele ainda é superficial?

21/09/15 18:30:44: Participante1: Acho que tem uma pequena parcela que utiliza de uma maneira legal e consciente, mas em geral não, vejo mais como recreativo.

21/09/15 18:36:14: Participante2: É uma via de mão dupla.

É sim um espaço democrático, mas depois que vc se posiciona, vc tá sujeito a receber muita paulada. Ou seja, não é a mesma medida. No final, vir la uma guerra ideológica. Acho que sua ação pode ser mto bem recebida (através de curtidas, compartilhamentos, comentários) mas a reação negativa que vc recebe pode ser muito desproporcional.

O debate hoje tá muito frágil e raivoso. Enquanto continuar esse destempero, acho q o face nao será um lugar bem aproveitado para discussões.

Enfim, acho que é um bom espaço pra expor, mas não pra discutir.

21/09/15 18:37:38: Participante4: Pra mim, no facebook, as pessoas acham que podem falar o que acham (e podem) as não aceitam ouvir o que as outras pessoas acham!

21/09/15 18:37:40: Participante1: Verdade! Não existe pudor na internet

21/09/15 18:38:00: Participante4: E é uma rede social, como mesmo o nome diz!

21/09/15 18:38:15: Participante1: Pois é

21/09/15 18:39:16: Participante1: Mas eu acho que a sua opinião é bem recebida enquanto ela se encaixa no senso comum, qualquer opinião que tenha um pouco mais de senso crítico é mal recebida

21/09/15 18:40:01: Participante4: Verdade

21/09/15 18:41:09: Participante1: Por isso acho que as opiniões que prevalecem lá ainda são do senso comum..

21/09/15 18:42:08: Participante4: Mesmo que a pessoa tenha uma opinião construtiva e bem fundamentada ela pode não querer postar por causa das pessoas que não aceitam

21/09/15 18:42:44: Participante4: Meu antigo professor de História dizia que o senso comum é burro

21/09/15 18:43:41: Camila Cavalcante: Legal gente.. Ta acabando, eu juro

21/09/15 18:44:41: Camila Cavalcante: Hoje em dia, muitas meninas, muitas vezes tem relações com outros jovens de ambos os sexos e falam com pessoas de todas as idades, religiões, etc. Portanto o “ser mulher” pode ser bem diferente para umas e outras. “O que significa ser mulher” pra você?

21/09/15 18:47:15: Participante4: Difícil 😊

21/09/15 18:47:32: Participante4: Deixa eu ver...

21/09/15 18:52:38: Participante4: Antes a mulher não tinha escolha, não podia votar e etc. Mas agora pra mim ser mulher é ser livre, ter seu jeito de pensar, poder escolher no que acreditar e poder batalhar pelo que quer 😊

21/09/15 18:52:42: Participante4: Acho que é isso

21/09/15 18:55:20: Participante2: Eu penso que as mulheres viveram um tempo muito longo de repressão (como se vestir, como se comportar, não podiam emitir opiniao, não tinham a menor liberdade pra nada). Ou seja, viviam num extremo.

Por tudo isso, hoje (qdo experimentaram a liberdade) elas correram pro outro extremo: não querem regras, imposições, amarras, nada. Querem se relacionar livremente, sem convenções do que é certo ou errado. Quando a história puxa muito pra um extremo, acho que é natural ela ir pro outro extremo, pra depois, um dia, chegar-se num equilíbrio. Atualmente, mesmo com tantas conquistas femininas, nossa sociedade ainda é desigual. Por isso, mesmo não concordando com certos extremismis feministas, acho que eles cumprem um papel importante pra continuar tentando mudar certas injustiças, pra um dia termos mais equilíbrio.

21/09/15 18:57:04: Participante1: Eu concordo com as duas...

21/09/15 19:01:31: Participante1: Eu pessoalmente acho o máximo quando vejo uma mulher fazendo bem algo que é mais comum entre os homens. Seja o que for! Principalmente quando vejo que tem mulheres com voz num ambiente masculino. Mas qualquer extremo é complicado! Sair pelada na rua exigindo direitos é demais pra mim!

21/09/15 19:03:00: Participante1: Mas também acho importante o papel tradicional da mulher na sua casa, no seu jeito de agir.

21/09/15 19:03:14: Participante2: Tô com a Participante1! Acho legal tb!

21/09/15 19:03:23: Participante4: Tô com a Participante1! Acho legal tb!

21/09/15 19:04:56: Participante1: Pego como exemplo as "tias" que temos, que são mulheres que tem voz no ambiente de trabalho, classe, firmeza, mas cuidam da sua casa, filhos, marido e etc

21/09/15 19:08:47: Participante2: É, eu tb, Participante1... Mas nao podemos achar que os outros tem q concirdar e pensar igual.

Nunca jamais participaria de uma "marcha das vadias", mas eu entendo que ali elas nao querem exhibir seus corpos. Elas querem só dar seu grito de liberdade. Eu acho extremista, claro. Mas pode ter mulher ali que foi estuprada, que apanhava do marido, etc. Por isso nao julgo e procuro entender que cada um tem uma realidade e isso pode justificar determinadas açoes exageradas.

Porque a minha maior "luta" feminista era querer que o irmão lavasse a louça do jantar tb. Ou seja, a gente nao faz ideia o que essas mulheres (tidas como doidas por tanta gente) passaram, nao faz ideia a história difícil que cada uma carrega...

21/09/15 19:09:41: Participante1: Uou!

21/09/15 19:10:03: Participante4: Também não podemos esquecer que se nós temos esses direitos hoje também é por que muitas mulheres no passado foram ao extremo pela liberdade!

21/09/15 19:10:30: Participante1: Boa! Muito verdade Participante2!

21/09/15 19:10:36: Participante1: E Participante4!

21/09/15 19:10:40: Participante2: Exato, Participante4!! Muita mulher foi humilhada mesmo.

21/09/15 19:16:16: Participante2: Um exemplo que aconteceu com uma amiga minha... Ela tava numa praia com outra amiga (alemã ou suíça) e viu alguma mulher fazendo nudismo na praia e criticou a ação... "Nossa, absurdo! Cena feia de se ver", ou algo assim. A amiga europeia falou que ela não tava fazendo aquilo pra se exibir... Ela fazia pq quer andar na praia naturalmente... Aí minha amiga entendeu melhor a questão.

A gente no Brasil ainda é muito ligado a aparência. Ou seja, se fosse uma magrinha, bonita, ninguém ia criticar. Mas uma gordinha de peito caído não pode fazer nudismo? Brasileiro tem mania de julgar de forma errada e conservadora.

21/09/15 19:18:06: Participante1: É verdade! Na Europa topless é super comum!

21/09/15 19:18:21: Participante1: Não só isso, mas trocar de roupa em público e etc

21/09/15 19:18:35: Participante2: Quando morei no exterior vi que ninguém tinha problema com a nudez, era um assunto muito bem resolvido, não era tabu. Na Finlândia, todo mundo ia pra sauna pelado e ninguém ficava olhando, reparando, comentando ou com vergonha do seu corpo. Pra eles, corpo é corpo. Não é mais bonito nem mais feio, é só um corpo.

A gente, brasileiro, fica chocado.

21/09/15 19:19:43: Participante1: É, Brasileiro valoriza bem mais aparência que o resto..

21/09/15 19:20:42: Participante2: Super! Fora o tanto de moralista q tem no Brasil.

21/09/15 19:22:20: Participante2: Outro dia tb outra amiga tava criticando a tia, pq ela se vestiu de princesa do Frozen no aniversário da filhinha, pras duas combinarem

21/09/15 19:22:59: Participante2: Só q a tia era gorda. Ai ela tava criticando que era bem ridícula uma senhora gorda vestida de Elsa (sei lá)

21/09/15 19:23:21: Participante2: Mas pq?!?! Se fosse uma tia jovem, loira, magra... Era lindo né?!?

21/09/15 19:23:48: Participante1: Aqui no Brasil né?

21/09/15 19:24:46: Participante2: Na Europa vc pode sair de banana de pijama que ninguém TÁ NEM AÍ! Cada um faz o que quer!

21/09/15 19:25:04: Participante4: Banana de pijama kkkk

21/09/15 19:25:11: Participante4: Quem me dera se no Brasil fosse assim

21/09/15 19:25:24: Participante2: No brasil, as gordinhas sao criticadas... Eh um absurdo! Elas querem só ser mulher como qualquer outra...

21/09/15 19:25:29: Camila Cavalcante: Vocês pensam então que no Brasil a mulher ainda não é livre pois é muito presa a padrões estéticos enquanto em outros países já existe uma liberdade maior?

21/09/15 19:25:32: Participante4: Povo de cabeça pequena, volta pra questão da selfie, povo que liga pra aparência mais que tudo

21/09/15 19:26:26: Participante1: Totalmente!! E inclusive na Europa tem muito mais gente com estilo

21/09/15 19:26:29: Participante1: Alternativo

21/09/15 19:26:50: Participante1: Ninguem liga se a menina tem o cabelo azul

21/09/15 19:27:27: Participante2: Isso, Participante4. Aparência e falação. Aí a pessoa critica e no final fala "minha opiniao". Acho que sim que as mulheres Brasileiras não são livres porque elas mesmas discriminam os padrões que não são "convencionais"

Como se isso legitimasse toda as maldades que ela expoe e fere os outros.

Nao acho q opinioes assim mereçam respeito.

21/09/15 19:28:50: Camila Cavalcante: Mas entao.. A questao ainda está muito voltada para a opinião que o outro vai ter...acham que as mulheres estao presas às opinioes dos outros?

21/09/15 19:30:35: Participante4: Muito, às vezes muito mais que os homens! E talvez isso pode ter relação direta com o passado de privações (que linguajar é esse? Kkkkkk)!

21/09/15 19:31:27: Participante2: Kkkkkk

21/09/15 19:31:36: Participante1: Tava pensando uma coisa aqui... So voltando na outra questao

21/09/15 19:31:52: Participante1: Isso ainda é mais comum em cidade pequena

21/09/15 19:32:06: Participante1: Talvez porque todo mundo se conhece

21/09/15 19:32:31: Participante4: Participante1! pll😊😊😊

21/09/15 19:32:43: Participante4: Pura verdade!

21/09/15 19:36:05: Participante2: Pra ir no shopping eh um desfile de moda

21/09/15 19:37:12: Participante1: Neeee

21/09/15 19:43:16: Camila Cavalcante: Rsrtrs a questao da cidade é um fator importante mesmo...

21/09/15 19:43:56: Camila Cavalcante: Queria só voltar no assunto de uso de facebook e ambientes virtuais, pra concluir..

21/09/15 19:44:23: Participante1: Fugimos do tema, zera a redação

21/09/15 19:44:30: Participante1: Kkkkk

21/09/15 19:44:41: Participante2: Respondendo. Acho q ainda somos presos a opiniao alheia.

Mas acho q quanto mais a mulher se envolve com essas questoes ideológicas (nao precisa virar feminista, mas entender, ler a respeito, pesquisar a história) mais ela consegue se livrar do peso das opinioes

21/09/15 19:45:23: Participante2: Kkkkkk td mundo eliminado

21/09/15 19:45:48: Camila Cavalcante: Vocês se sentem confortáveis, se se sentem cobradas ou estimuladas a usar as redes? Qual o objetivo mais profundo? É mesmo o contato com amigos, familias etc ou vcs veem algo a mais no uso? (Pensando como essa nova mulher que tem muitas novas possibilidades nos ambientes virtuais)

21/09/15 19:47:54: Participante4: Eu me sinto um pouco cobrada, por que a mulher que não tem rede social não é "atualizada" e eu sinto que principalmente por que mulher também quer saber da vida dos outros! Eu acho que o que mais influencia no uso é o interesse na vida do alheio

21/09/15 19:49:35: Participante1: Bom

21/09/15 19:50:05: Participante1: Comigo isso até da pano pra manga(? Acho que é assim haha)

21/09/15 19:56:37: Participante1: Eu comecei a ter redes sociais numa época que me sentia um pouco sozinha, insegura, sem "meu espaço". Hoje isso é besteira, utilizo porque gosto mesmo e da maneira que quero, sem pressão ou cobrança alguma. Mas através dela eu realmente conheci muita gente nova, voltei a falar com amigos de outras épocas, senti mais segura pra compartilhar meus gostos, minhas ideias, sonhos e etc.

21/09/15 19:58:01: Participante1: Se você age nela como você realmente é, é uma oportunidade de as pessoas que você nunca nem conversou te conhecerem mais que superficialmente,

21/09/15 19:58:43: Participante2: Eu uso mais pra manter contato, pq desde os 16 anos eu moro longe de mts amigos...

21/09/15 20:00:38: Participante1: Mas por exemplo, você posta muita coisa massa Priscila

21/09/15 20:02:14: Participante1: E o negocio é tão massa, que mesmo conhecendo pouco a Anna, eu já respeito a opiniao dela

21/09/15 20:02:28: Participante2: Eu tento nao postar mta coisa... Na verdade, uso pra manter contato mas tb adoro ver as besteiras do face! Os memes, comunidades engraçadas...

21/09/15 20:02:33: Participante2: Me divirto kkkkk

21/09/15 20:03:24: Participante1: Então, pelo face eu vejo que o seu senso de humor é genial haha

21/09/15 20:04:21: Participante1: Essas coisas influenciam mais do que a gente pensa

21/09/15 20:04:28: Participante2: Kkkkkk figura! Vc q eh boazinha, ve as pessoas com sua visao boa de mundo!

21/09/15 20:05:19: Participante2: É, mas influenciam mesmo. Tem o lado negativo, já fiquei chocada com opinioes de mts amigos, decepcionada.

21/09/15 20:05:55: Participante1: É

21/09/15 20:06:09: Participante1: Gente ruim não falta

21/09/15 20:07:44: Camila Cavalcante: Gente, brigadissimo pelas respostas.. Muito bom!!! Vou montar aqui minha percepcao de tudo, se faltar alguma coisa pergunto denovo. Mas se quiserem falar algo mais ou completarem fiquem a disposicao, mas acho vcs fofas inteligentes e formadoras de opinioes legais, por isso queria saber de vcs.. ♥ □

21/09/15 20:08:02: Participante4: Uma conclusão: Muita gente séria mais sabia se houvessem mais grupos de wpp assim! 😊

21/09/15 20:08:45: Participante4: Que bom que você gostou! Tudo que você precisar é só pedir! 😊

21/09/15 20:09:38: Participante2: Banco do Brasil,

2727-8

93635-9

21/09/15 20:09:52: Participante2: De nada! Fazemos de coracao pq te amamos

21/09/15 20:10:20: Camila Cavalcante: Participante2 besta!

21/09/15 20:12:00: Participante2: 😊

21/09/15 20:12:22: Participante1: Kkkkkkkk

21/09/15 20:12:50: Participante1: Eu que agradeço Camila! O que precisar é só pedir 😊😊😊

21/09/15 20:40:19: Participante3: CamilaaaAaa

21/09/15 20:40:22: Participante3: Me perdoaaaaa

21/09/15 20:40:27: Participante3: Eu tava na aula.

21/09/15 20:40:53: Participante3: Mas tenho mil respostas e argumentos na minha cabeça. Ainda dá tempo??????

21/09/15 20:42:06: Camila Cavalcante: Looooogico

21/09/15 20:42:17: Camila Cavalcante: Quero demais saber

21/09/15 20:42:43: Camila Cavalcante: 😊😊😊😊😊

21/09/15 20:53:02: Participante3: Hahahahahaha

21/09/15 20:53:44: Participante3: li tudo tudo. E antes de dar opiniões, muito obrigada Participante1, pelas palavras. Fiquei beeeem surpresa. Hahaha

21/09/15 20:54:00: Participante3: E, Participante2, você é uma ticuira fofa também.

21/09/15 20:54:06: Participante3: Vamo lá.

21/09/15 20:55:19: Participante2: Kkkkk

21/09/15 20:58:02: Participante3: Selfies: vou falar de uma perspectiva pessoal pra depois abranger uma coisa mais global. Eu sou meio contra modinhas, e as vezes me forço a não fazer umas coisas que estão MUITO EM ALTA exatamente porque tenho um pouco de preguiça. Mas selfie é uma coisa realmente prática e que todo mundo já fez um dia na vida. Vocês não me verão postando selfie com um versículo bíblico ou a frase de efeito, com um cabelo que toda mulher quer, um corpo magnífico e uma maquiagem TOP até porque eu não sou assim, nem tentando muito serei.

21/09/15 20:59:28: Participante3: Mas não tenho problema com selfies não. Eu tiro selfies e, quando saio bizarrinha em uma foto, peço pra tirar outra e se a outra continuar ruim, acredito que seja um dia em que as coisas não estejam dando certo e por mais que eu faça um book de selfies, aaaah, não vai rolar.

21/09/15 21:00:55: Participante3: Um dia me peguei no quarto tentando tirar uma foto boa pra trocar a foto de perfil. Nó, me senti muito podre. Hahahahahahaha. Eu, uma camera, e várias caras e bocas. Eu pensei: se alguém entra no meu quarto me vê fazendo isso, VELHO, que tristeza e vergonha.

21/09/15 21:01:59: Participante3: E sim, é muito bom quando uma foto fica boa e você posta e ganha mil curtidas e elogios. Até porque elogio é uma coisa boa, e isso todas nós concordamos.

21/09/15 21:07:28: Participante3: Agora numa perspectiva global: sim, eu concordo com vocês quando dizem que a selfie virou uma forma de se mostrar para o mundo. Mas não que isso não existisse antes. É que câmera frontal é uma novidade. Se uma pessoa quer se mostrar e fazer propaganda de si, vai tirar selfie, foto de espelho, fazer contorcionismo pra tirar uma foto com a camera de trás, vai pagar alguém pra tirar mil fotos, vai dar um jeito. E a gente sabe que isso é resultado de uma construção história e cultural e revelam, muitas vezes, o individualismo humano. As proprias redes sociais são fruto dessa construção histórica.

21/09/15 21:09:23: Participante3: Mas, a selfie não pode nem deve ser visto como um mal para a sociedade, eu acho. Hahahaha. Sei lá, como a Participante2 disse, ela veio pra ser uma coisa prática. Mas o ser humano, que tem a necessidade de se mostrar e receber algo em troca de sua imagem, faz da selfie uma coisa ruim aos olhos de muitos.

21/09/15 21:10:01: Participante3: Um clichêzão: acho que o mal não está na coisa, por si só, e sim do que a gente faz das coisas.

21/09/15 21:10:02: Participante1: Não falei? Duas linhas cotidianas podem provar que uma pessoa tem argumento haha

21/09/15 21:11:34: Participante3: A rede social é um exemplo disso também. Ao mesmo tempo que ela vem pra unir, ela vira instrumento de discórdia e ódio quando as pessoas a utilizam com fins de afetar o outro e se enaltecer, se colocar num pedestal.

21/09/15 21:13:01: Participante3: Sei lá, eu acho que isso tudo acontece porque a gente em perdendo, cada vez mais, o olhar para o outro como ser humano, nos tornando donos de nós mesmos e nos fechando num mundinho só nosso.

21/09/15 21:14:38: Participante3: Aí, o fato da gente olhar só pra nosso próprio umbigo e viver uma vida narcisista e chatona, faz com que a gente utilize dos meios para fins ruins.

21/09/15 21:15:41: Participante3: Por exemplo, eu concordo com o argumento da Participante2 de que o Brasil ainda é um país da fofoca, onde as pessoas se metem na vida dos outros e tal.

21/09/15 21:17:45: Participante4: Gente do céu! Essa Participante3 é fera! Hehehehehe!

21/09/15 21:20:42: Participante3: Mas não sei se até onde isso é ruim. Eu não posso afirmar muito, porque nunca experimentei mas, ao conversar com as pessoas de moram ou tiveram alguma experiência de morar em outro país, vejo que as pessoas não ligam para algumas coisas e não tem tabus porque elas tem uma cultura muito forte de "a vida é minha, não te mete, sai pra lá. Essa é a minha verdade e o meu jeito de pensar". Ou seja, é uma sociedade muito do relativismo, do ponto de vista, do individualismo porque cada um cuida da sua vida e pronto.

21/09/15 21:23:55: Participante3: E, sinceramente, eu tenho muito medo do Brasil virar um país "frio" nas relações. Eu já tive uma oportunidade de conviver com americanos durante uns poucos dias. Bixo, eles não abraçam. Quando se abraçam é porque ficaram mil anos sem se ver. E ficavam em um mix de sentimentos de susto e admiração por nós, brasileiros, sermos tão fofos e amiguinhos. Muitos se encantaram tanto ao ponto de querer morar um tempo no Brasil.

21/09/15 21:24:53: Participante3: Aff, esse mundo dialético não deixa a gente construir uma opinião 100% a favor ou contra uma coisa, porque aí a gente vira extremista.

21/09/15 21:25:16: Participante3: Hahahahaha

21/09/15 21:32:02: Participante3: Pra finalizar: a questão da mulher, as lutas feministas... Ah, eu super acho válida, porque a gênese da luta e a aquisição de

direitos e igualdade entre as pessoas, apenas pelo fato delas serem pessoas. Mas, infelizmente, essas coisas tem se deturpado, confundido os papeis. Mulheres, feministas, adotam um papel meio masculino para poder ganhar voz. Mega contraitório. Eu concordo super com o que vocês disseram: a mulher pode (e deveria, na minha opinião) lutar por seus direitos, mas não deixar de ser feminina. Não é porque a mulher ganhou espaço no mercado de trabalho que agora ela precisa, é obrigada a trabalhar. Se eu quiser casar e cuidar dos meus filhos, é uma opção. Arcaica? Que seja, mas é uma escolha da pessoa.

21/09/15 21:32:35: Participante3: Aaaaaah, acho que falei demais. E queria saber de vocês se concordam ou discordam e do que.

21/09/15 21:32:44: Participante3: Isso dá pano pra manga MESMO.

21/09/15 21:33:14: Camila Cavalcante: Lendo tudo anna! Valeu demais

21/09/15 21:33:21: Camila Cavalcante: :)

21/09/15 21:34:23: Participante3: Que isso, Camila... Disponha. E desculpa chegar atrasada na discussao. Ahahaha

21/09/15 21:34:52: Participante2: Perdeu pontos na nota final.

21/09/15 21:35:13: Participante2: O cachê tb será reduzido seeensivelmente

21/09/15 21:35:59: Participante3: Hahahahahahaahhahahahaa

21/09/15 21:37:30: Participante2: Concordo com mts coisas! E nao acho q seja arcaico largar emprego pra cuidar dos filhos. É justanente o q vc disse: igualdade e liberdade pra poder decidir entre trabalhar ou ficar em casa. Isso tem q ser uma decisao e nao imposicao. E nenhum dos 2 deve gerar constrangimento (a mulher nao tem q se sentir cobrada por nenhuma das 2 decisoes)

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Minima moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. *Nota sobre a Resenha das Estruturas Elementares do Parentesco por Simone de Beauvoir*. In: Campos - Revista de Antropologia Social. Curitiba: UFPR, 8 (1) 2007.

ALVES, Gilberto Luiz (org.). *Escritos sobre a Instrução Pública: Condorcet. Reflexões e Notas sobre a Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010 (Coleção: Clássicos da Educação).

AQUINO, João E. F. de. "Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord". In: *Kriterion*, vol. 48 no. 115. Belo Horizonte, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100010>

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Ed. 70, 2011.

_____. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

_____. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEDANO, M. Violeta. "La mujer no es víctima de ninguna misteriosa fatalidade". In: <http://www.buenastareas.com/ensayos/Segundo-Sexo-De-Simone-De-Beauvoir/7823562.html>

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Resenha de As estruturas elementares do parentesco de Claude Lévi-Strauss*. In: Campos – Revista de Antropologia Social. Curitiba: UFPR, 8 (1) 2007.

_____. *Cerimonia do adeus. Seguido de Entrevistas com Jean-Paul Sartre*, agosto-setembro 1974. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CANO, Gabriela. Resenha de *História de las mujeres en Occidente de George Duby y Michelle Perrot*. In: <http://www.letraslibres.com/revista/libros/historia-de-las-mujeres-en-occidente-de-george-duby-y-michelle-perrot>

CARNERO, Silvia. "La condición femenina desde el pensamiento de Simone de Beauvoir". *A Parte Rei – Revista de Filosofía* 40, 2005, p. 2. In: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/carnero40.pdf>

COELHO, Cláudio N. P. e CASTRO, J. de (orgs.). *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus, 2006.

COLLIN, Françoise. "Diferença e diferindo. A questão das mulheres na Filosofia". *In História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1995. Vol. 5: O século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

CONDORCET. *Cinco memórias sobre a instrução pública*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. *Teoria de la deriva*. Texto apresentado no Segundo Congresso da *Internationale Situationniste*. Traducción extraída de *Internacional situacionista, vol. I: La realización del arte*, Madrid, Literatura Gris, 1999 In: <http://www.bifurcaciones.cl/005/reserva.htm>

DUBY, George e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. 5 vols. Porto: Edições Afrontamento, 1993-1995.

ELLUL, Jacques. *A palavra humilhada*. São Paulo: Paulinas, 1984.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Escala, 2009.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

GIANETTI, Cláudia. *Estética Digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

GOUGES, Olympe de. *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã (1791)*. In: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>

GUTFREIND, Cristiane F. e SILVA, Juremir M. *Guy Debord: antes e depois do espetáculo*. Porgto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HAESBAERT, R. (org.) *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: EdUff, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

_____. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo*. Barueri: Manole, 2005.

_____. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____ & SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

LUCKÁS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LYOTARD, Jean-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. “Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social”. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (orgs.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre; Sulina/Edipucrs, 1999.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINS, Francisco M. e SILVA, Juremir M. da. *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 1999.

MIGUEL, Ana de. “Feminismo moderno” da obra *Los feminismos a través de la historia*. In <http://www.mujiresenred.net/anademiguel.html>

MORENO, Raquel. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

NEWS, Ecommerce. Estudo mostra panorama do uso do Facebook no Brasil, 2014. Disponível em <<http://ecommercenews.com.br/noticias/pesquisas-noticias/estudo-mostra-panorama-do-uso-do-facebook-no-brasil>>. Acesso em 12 set.2014.

OLIVEIRA, Luiz Antonio de e MACHADO, Maria Cristina Gomes. In: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01_38.pdf

ONTAÑÓN, Antonio. “La vanguardia no se rinde”: Guy Debord y el Situacionismo. Situaciones. Revista de historia y crítica de las artes número 1, Barcelona, 2012. In: <http://situaciones.info/revista/la-vanguardia-no-se-rinde-guy-debord-y-el-situacionismo/>

ROUSSEAU. J. Jacques. *Emílio ou Da educação*. Livro V. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTALICES, Gloria C. ‘El Segundo Sexo: Actualidad y Pertinencia’. In: Utopía y Praxis Latinoamericana. Universidad del Zulia, Venezuela. Año 4 número 8. Septiembre-Diciembre 1999. pp. 27-38.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difel, 1978.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O estado espetáculo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

TIBURI, Márcia e DIAS, Andréa C. *Sociedade Fissurada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

TIBURI, Márcia. “Complexo de Ofélia”. *In*: <http://jcconcursos.uol.com.br/portal/noticia/educacao/complexo-de-ofelia-12552.html>

_____. “Ofélia morta – do discurso à imagem”. *In*: Revista Estudos Feministas. UFSC, 2010.

TOURAINÉ, Alan. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

TURKE, Christopher. *A sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: UNICAMP, 2010.

VARGAS LLOSA, Mário. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VALLS, L. M. Álvaro. *Estudos de estética e filosofia da arte: numa perspectiva adorniana*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.